Letra traduzida: uma canção para **KURT COBAIN** Pôster **NATALIE IMBRUGLIA**

OS LANÇAMENTOS PÓSTUMOS DE JIMI HENDRIX E JANIS JOPLIN

SHOW BIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Editora Abril

TITÃS
Violões e orquestra no novo disco

RACIONAIS MC'S
A voz da periferia ao vivo

BACKSTREET BOYS
A nova paixão das meninas
Até quando?

Depois de influenciar o rock brasileiro, os BEASTIE BOYS descobrem a bossa nova

DIRETO DE LONDRES

Troca da guarda
SKANK muda de produtor e busca uma nova imagem

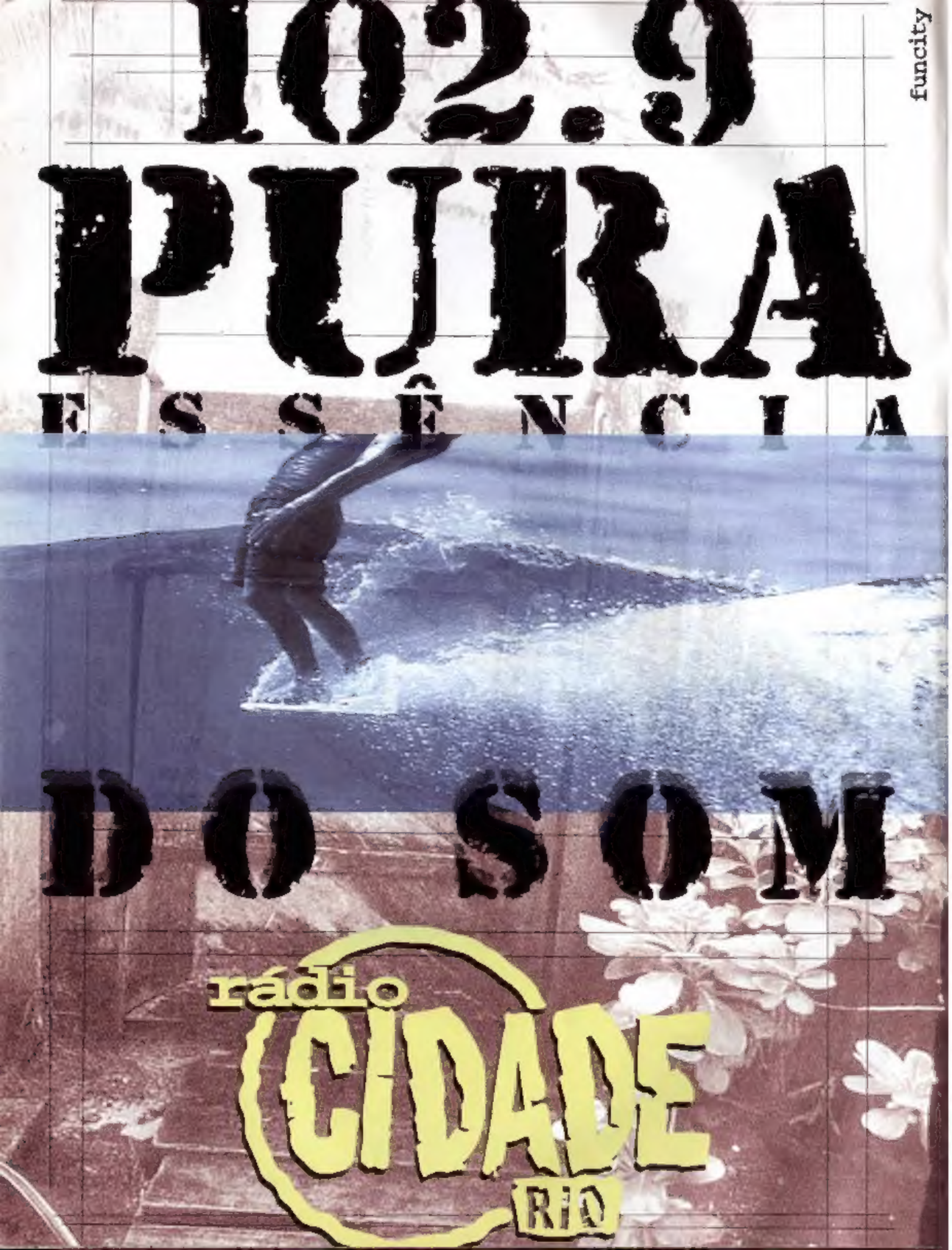
Henrique, Samuel, Haroldo e Lelo, do Skank

+ CASSIANO, VAN HALEN, RITA LEE, PAULO RICARDO, B-52'S

ALGUMAS COISAS
SE RECUSAM
A FAZER PARTE
DE TENDÊNCIAS.
PREFEREM FAZER
PARTE DA VIDA.

ORIGINAL BOOT CUT
JEANS INTRODUZIDO
NOS ANOS 60.

LEVI'S
ORIGINALS



Pouca gente apostaria que um grupo pop fosse mudar após vender 1,8 milhão de cópias de seu último disco, e 1,3 milhão do penúltimo lançamento. Mas o Skank surpreendeu: trocou de produtor, e, mais importante, tentou fugir da fórmula de seus dois recentes megahits, "Garota Nacional" e "É Uma Partida De Futebol".

Nosso colaborador Thomas Pappon acompanhou em Londres, no famoso estúdio de Abbey Road, os trabalhos da banda mineira com as mãos inglesas dos produtores Paul Ralphes e John Shaw. Aqui, o editor Sérgio Martins complementou a apuração para contar a você por que o Skank resolveu dar essa virada à britânica. Sem perder a personalidade, o quarteto foi buscar em aspectos menos expostos de suas obras anteriores um caminho para a renovação.

Em outra matéria de destaque nesta edição, entrevistamos Cassiano, o homem que, junto com Tim Maia, revolucionou a música brasileira nos anos 70. Valeria Rossi e Luciano Vianna encontraram essa lenda viva do soul nacional em boa forma criativa e cheio de composições novas, apesar de não gravar há sete anos. Além de um trabalho de reportagem caprichado, é uma boa notícia.

Pedro Só

O Skank em Londres: longe da "Garota Nacional"

Parada da Redação

Jorge Ben – Jorge Ben
Disco de 1970 com "País Tropical", "Charles Anjo 45", "Take It Easy My Brother Charles", básico e genial do começo ao fim.

Isley Brothers – Givin' It Back
De 1971. Feras do soul music tracam canções de Crosby, Stills & Nash, Neil Young, War e Hendrix.

Batatinha – Diplomacia
Disco póstumo do compositor baiano morto em 1987. Poesia e dicção semelhantes à de Nelson Cavaquinho em sambas eternos. Participações de Caetano Veloso, Maria Bethania e Gilberto Gil.

John Fogerty – Premonition
Rock na veia. A alma do Creedence ralé ao vivo seus clássicos. Recém-lançado.

The Charlatans – Melting Pot
Coletânea do grupo inglês com "The Only One I Know" e outras pepitas do pop psicodélico dos anos 90.

Foto de capa: Peter Thiedere

Sumário

16 VIRADA À INGLESA
No estúdio Abbey Road, em Londres, o Skank termina *Siderado*

24 SALVE SIMPATIA, BEASTIE BOYS!
O trio americano de rap inclui Jorge Ben em sua receita sonora

28 ENCONTROS NOTÁVEIS
Titãs gravam com Eumir Deodato, produtor de Björk e Frank Sinatra

32 SOULMAN À BRASILEIRA
Ex-parceiro de Tim Maia, o cantor Cassiano promete voltar à ativa

42 NATALIE IMBRUGLIA
Pôster e entrevista com a cantora do megahit "Torn"

60 FILMES B EM FORMA DE ROCK
Os Cramps vêm assombrar o Brasil

74 BACKSTREET BOYS E CIA.
Quanto dura uma paixão adolescente?

SEMPRE EM SHOWBIZZ

6 CANAL BIZZ
Leitores aplaudem os Racionais MC's

10 BIZZES
Lembranças da jovem Madonna; inédita de Renato Russo e um guia para gravar seu CD demo

48 PLAY
Jimi Hendrix, Janis Joplin, Garbage, Aretha Franklin, Izzy Stradlin, RenatoTeixeira

62 TESTE: HANSON
O que você conhece do Hanson além de "Mmmbop"?

64 LETRAS TRADUZIDAS
Dave Grohl lembra o amigo Kurt Cobain em "My Hero"

66 ONZZE PERGUNTAS
Cindy Wilson, dos B-52's

68 AO VIVO
Paulo Ricardo, Rita Lee, Kraftwerk, TSOL, Racionais MC's, Planet Hemp, Van Halen e Garbage

78 + BIZZES
Jimmy Page grava com Puff Daddy; Prodigy e Björk vêm ao Brasil

82 DISCOTECA BÁSICA
It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back, do Public Enemy

Canal Bizz

Esta é a sua área. Discorde, elogie, faça sugestões, perguntas e pedidos... Manifeste-se. Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

REVOLUÇÃO RACIONAL

Racionais MC's e Revolução Mangue: essas são as grandes matérias *(edição 155)*! Capas como Prodigy e Aerosmith vão sumir com o tempo das cabeças de seus leitores. Essas duas matérias, que deveriam ser duas capas, vão fazer parte da História da Sociedade Brasileira nas prévias do Novo Milênio.
Bernardo Pinheiro – Recife, PE

Na mesma semana em que "Diário De Um Detento" alcançava o primeiro lugar no Top 20 da MTV, surpreendo-me com Mano Brown na capa da SHOWBIZZ. Constatado: ainda existe justiça na nossa castigada terrinha. O grande mérito dos Racionais MC's é escancarar para a classe média (ainda) entorpecida com a ilusão de Primeiro Mundo trazida pelo Plano Real, que no Brasil permanece a rotina ultraviolenta da periferia das grandes cidades.
Francisco Costa – São Paulo, SP

Já assisti a vários shows dos Racionais MC's, e a cada dia que passa admiro-os mais e mais. O grupo é formado por rapazes humildes, mas de personalidades muito fortes. Eles falam o que realmente acontece, não o que a sociedade impõe.
Laís dos Santos – São Vicente, SP

carta do mês

"Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Eu sou terrorista." Essa foi a frase dita por Mano Brown e estampada logo nas primeiras páginas da matéria com os Racionais MC's... Numa época em que as rádios e a própria MTV andam tão carentes da verdadeira rebeldia, os Racionais (como o próprio nome sugere) vieram para fazer a nova geração refletir.

As adolescentes fãs de Lulu Santos e telespectadoras assíduas de *Malhação* ouvem nas rádios e começam a assimilar as letras. Ou pelo menos tentam, o que já é um bom começo.

O som do gueto brasileiro não fica por aí... Caetano Veloso, Eduardo Suplicy, o cineasta Arthur Fontes e outros não precisaram de metáforas nem de metrificação para rimar elogios....

Como adolescente que sou, creio que esta nova geração da música (Racionais MC's, Pavilhão 9 e outros grupos que estão chegando) tem todas as armas na mão para exterminar a grande bundice que virou o rádio brasileiro e para mostrar a todo mundo que a juventude está aí e se preocupa com os problemas de seu país...

Mano Brown, meu filho, terrorismo e armas são contra o lixo cultural que há tanto anda se espalhando por aí... Com letras diretas vocês exterminaram muita coisa desta porcaria que se engole a seco. Que nome dar a isso senão arte?

Os pensadores e amantes da boa música agradecem.
Nailana Pereira – Belém, PA

Boa, Nailana. Mais do que a camiseta pela carta do mês, você merece parabéns pela lucidez.

Os versos de Mano Brown, dos Racionais MC's, conquistam a admiração dos leitores

PATO FOFO

Muito bonitinha a matéria sobre os meus lindos do Pato Fu. Recentemente BH recebeu um presentão dessa maravilhosa banda: um show de graça para lançar o novo CD. Adorei também a matéria sobre os Racionais. Quanto mais gente descobrir os Racionais, melhor; sem essa de "na Rede Globo, não". O Brasil tá precisando...
Roberta de Oliveira – Belo Horizonte, MG

FORA DO GUETO

Max Cavalera conseguiu o que queria com as experimentações do primeiro disco de sua nova banda: saiu do gueto metaleiro.
Marco Antonio Heinrich – Santa Maria, RS

EM DEFESA DO AEROSMITH

Não posso deixar alguém "esculhambar" o Aerosmith, como fez o leitor Luiz Henrique Gama em carta publicada na edição 155. Admito que o Aerosmith nos anos 70 era mais pesado. Mas isto não quer dizer que sua qualidade tenha caído. Os tempos mudaram, o som anos 90 não pode ser igual ao dos 70! O Aerosmith sobreviveu às mudanças no mundo da música. "I Don't Want To Miss A Thing" é uma das baladas mais lindas já feitas por Steven Tyler & cia.. Quem sabe, seja melhor o Luiz Henrique se isolar numa caverna e ficar ouvindo sua coleção de 78 rotações...
Luciana Amaro – Rio de Janeiro, RJ

DECEPÇÃO COM O BARÃO

Com muita tristeza recebi a notícia de que a última, a melhor banda de rock do país, tinha parado de fazer rock e se submetido ao inferno da música eletrônica. Este não é o Barão Vermelho que conhecemos. Cazuza, se fosse vivo, estaria com vergonha de seu parceiro Frejat. Resta aos fãs esperar uma volta ao passado glorioso.
Rodrigo Panitz – São Leopoldo, RS

LEGIÃO SEMPRE

Fiquei impressionado com a falta de respeito de Aleksey Stivanin, que mandou um e-mail *(edição 155)* com sugestões de capas para a revista nos próximos meses, ironizando a matéria com o nosso querido Bonfá *(edição 154)*. Nós, os fãs da Legião, não estamos carentes de informações sobre a vida dos componentes da banda, mas da existência e da memória deles.
Leonardo Antuch – Canoas, RS

Guns: marketing no atraso do novo disco?

O LIXO DO GUNS

Obrigado pela matéria sobre o Guns'N'Roses. Vocês estão cumprindo o que foi prometido: fuçar o lixo de Axl e cia. Mas gostaria de fazer uma pergunta: será que este entra-e-sai no Guns não é só uma jogada de marketing?
Ricardo de Oliveira – João Monlevade, MG
Provavelmente não é, Ricardo. Afinal, as indefinições de formação deixaram a banda longe da mídia por um tempo que pode ser longo demais.

TEMPERO AMARGO

Sobre a saída da Geri do grupo Spice Girls, ela deve ter pensado o seguinte: "Drogas, tô fora!".
Wilson Galvão – Natal, RN

Os fãs sentem a falta da banda de Marcelo Bonfá

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rios
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
[illegible]
[illegible]
Diretor Editorial Adjunto: Mauricio Stycer Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

[illegible]
Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor Chefe: Pedro Sá
Editores: Robert Halfoun, Sergio Martins
Repórter: Letícia Calmon
Editor de Arte: Renato Yada
Editor Assistente de Arte: Johnson Veiga
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) Álvaro da Costa e Silva, André Barcinski, Antonio Carlos Miguel, Bernardo Araújo, Bráulio Neto, Carlos Freitas, Celso Masson, Daniel Benevides, Danilo Monteiro, Hagamenon Brito, Hélio Gomes, Jonas Furtado, Luciano Vianna, Marco Antônio Lopes, Paulo Cavalcanti, Roberto Sadovsky, Silvio Essinger, Tárik de Souza, Thomas Pappon, Valeria Rossi, Vitor Paolozzi, Zeca Camargo (Futuro) Alex Silveira, André Teixeira, Daniela Dacorso, Isabel Becker, Jorge Rosenberg, Lucia Ferreira, Rui Mendes (Ilustração) Daniel Caballero (Revisão) Roberto Pinheiro

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Arqui. Pesq.: José Carlos Augusto; Mesa Tec.: Grace de Souza; Pesq.: Pedro de Souza

Comercial
Diretoria Comercial: Angela Marsiaj
Gerente de Circulação e Promoção: André D'Amato

Publicidade
Diretoria de Publicidade: Thaís Chede S. B. Barreto
Gerente de Vendas: Renato Fonseca Scolamieri
Executivos de Contas: Júlia Maria G. Farina, Marcia Regina Braga
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth Rocha Simone de Souza

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Planejamento e Controle
Gilliacio C. Barros
Processos
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Executivo Regional: Marcos Sermoud
Diretor Executivo Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pitta Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fátima Ali, José Wilson Armum Paschoal, Luiz Gabriel Rios, Peter Rosenwald

Canal Bizz

A dupla sueca Roxette tem oito álbuns em sua discografia

RITA ACÚSTICA

Gostaria de saber qual o nome e o ano do lançamento do CD ao vivo e acústico da Rita Lee, em que ela canta "Every Breath You Take", do Police, "It's Only Rock'n'Roll", dos Rolling Stones, e "The Foot On The Hill", dos Beatles.

Fernando Rezende – Miraí, MG

Você está falando do Bossa'N'Roll, *que Rita gravou em 1991. Ela acabou de gravar seu* Acústico MTV, *que sai em setembro* (ver Ao Vivo na pág. 53).

ROXETTE SUECO

Por favor, publiquem a discografia da dupla sueca Roxette. Será que isso é pedir demais?

Suzanne Leal – Santa Cruz do Piauí, PI

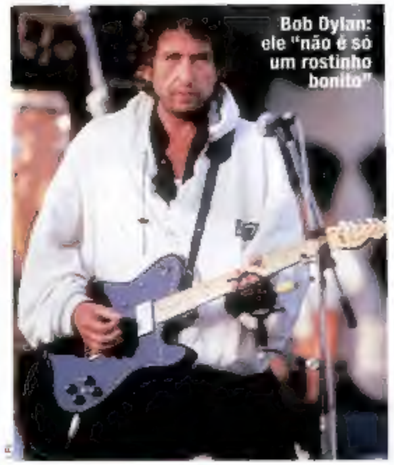
Anote aí: Pearls Of Passion *(1986)*, Look Sharp! *(1988)*, Joyride *(1991)*, Tourism *(1992)*, Crash! Boom! Bang! *(1994)*, Roxette Rarities *(1995)*, Don't Bore Us – Get To The Chorus *(1995)*, Baladas En Español *(1996, especial para o mercado latino-americano)*.

DIRE STRAITS EM DISCO

Peço a discografia do Dire Straits.

Luiz André Andrade – Nazaré, BA

Pega o lápis: Dire Straits *(1978)*, Communiqué *(1979)*, Making Movies *(1980)*, Love Over Gold *(1982)*, Twisting By The Pool *(EP, 1983)*, Alchemy *(1984)*, Brothers In Arms *(1985)*, Money For Nothing *(1988)*, On Every Street *(1991)*.



Bob Dylan: ele "não é só um rostinho bonito"

DYLAN LINDO

Não concordo com o que a leitora Marina Velloso disse de Bob Dylan na edição 154. Sou muito fã dele e o acho um excelente artista. Ele não é só mais um rostinho bonito.

Michelle Zimmerman – Lauro de Freitas, BA

MANÍACO HOMICIDA

Quero lançar, depois do M.M.H. (Movimento Matem o Hanson), os novos movimentos A.B.B. (Atirem nos Backstreet Boys), E.S.G. (Esganem as Spice Girls), E.S. (Eutanásia para a Shakira), A.A.S.P. (Atirem as All Saints de um Prédio) e P.C.C.D.C.C. (Passem por Cima da Celine Dion com um Caminhão de Cimento). Vamos fazer algo realmente bom pela música e acabar com essas coisas horríveis.

Felipe Bastos – Rio de Janeiro, RJ

Fã-clubes

ROLLING STONES
Rolling Stone Club
Caixa Postal 17097, CEP 02399-970
São Paulo, SP

HANSON
Fã-clube Hanson
Rua Rui Barbosa, 2085, CEP 13566-260
São Carlos, SP

ZÉ RAMALHO
Fã-clube Zé Ramalho
QNM 19, conjunto K, casa 6
CEP 72215-190, Brasília, DF

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800

O Souffly, no traço do leitor Jorge Moskovita

RESERVA DE MERCADO

Sepultura chama vocalista americano... E no Brasil não tem vocalista? O que houve com toda aquela conversa do CD *Roots*? Raízes? O Max Cavalera foi pelo menos democrático, chamou uma galera diversificada. Força para o Souffly!

Jorge Moskovita – São Paulo, SP

ENCICLOPÉDIA

As edições de SHOWBIZZ deste ano estão históricas, com matérias marcantes – sobre a vinda do U2, Pixies e Frank Black, Ian Curtis, o Prêmio BIZZ, até o especial sobre Kurt Cobain. Meu irmão ainda guarda a coleção das antigas BIZZ, considero-as enciclopédias da música.

Roberta Pedroso – São Paulo, SP

PATROCÍNIO?

Talvez a banda Prodigy esteja contra os modismos. Mas seus fãs *clubbers*, que parecem todos patrocinados pela Adidas, não estão.

F.B.S. – Jundiaí, SP

CORREÇÕES

• No teste da edição 154, a questão 9 saiu com a resposta errada. "Killing An Arab" foi inspirada no livro *O Estrangeiro*, de Albert Camus (resposta b).

• Diferente do publicado na seção Bizzes da edição 155, o samba "Sr. Delegado" é de Germano Mathias.

• Nas Letras Traduzidas da edição 154, um equívoco qualifica William Orbit, produtor do último disco de Madonna, como integrante do grupo The Orb.

TROCA TROCA

Alguém tem para vender a edição de 1992 da SHOWBIZZ com a Madonna na capa e a entrevista com o Axl Rose?
Angela Cagliari e-mail: angelazc@conex.com.br

Possuo gravado em fita de vídeo um especial do Renato Russo com 56 minutos de duração. Troco por outra fita, principalmente com o show no qual foi gravado o disco *Música Para Acampamentos*.
Rafael de Toledo
Rua 17, casa 313
CEP 76450-000
Minaçu, GO

Tenho 14 anos, sou vocalista e tecladista e procuro pessoas da minha faixa de idade que queiram formar uma banda pop-rock.
Thalita Gazolla
Av. Epitácio Pessoa, 3.540/ 401
CEP 22471-000
Rio de Janeiro, RJ
e-mail: talita@ism.com.br

Os fãs da Legião Urbana que quiserem participar de um clube de amizades entre pessoas do Brasil inteiro, escrevam-me!
Ligia Nascimento
Rua São Nicolau, 374
CEP 11600-000
São Sebastião, SP

Compro qualquer matéria ou foto do Angra. Também gostaria de receber cartas de pessoas que curtem essa banda.
Leandro da Silva
Rua Cipriano Funtan, 73
CEP 08311-320
São Paulo, SP

Procuro gravações dos shows do Oasis no Brasil e clipes do grupo.
Juliana Lima Rua
Delfim Moreira, 2010
CEP 64023-28 Teresina.PI

Gostaria muito de trocar correspondência com fãs do The Doors.
Anderson Silva
Av. Esperança, 1156
CEP 45650-000
Ilhéus, BA

Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 3º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-5000, fax: (011) 3037-4909 - Caixa Postal 66457 CEP 05315-970 - São Paulo - SP

Representantes no Brasil:
Rio de Janeiro: Segmento Editora SC Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 939 - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-7202
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, nº 401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Telefax: (071) 341-8990/9992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Barão - sobj. 1701/8 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 225-2147/321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 20º andar - Sala 2004 - Campinas - SP - CEP 13010-050 - Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7059
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 12 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1999/8005 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Cassiano, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1103 - Belo Horizonte - MG - CEP 30 310-907 - Tel.: (031) 335-4789 / 292-5657
Paraná: M.L. C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 520 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4023 - Fax: (041) 252-2644
Recife: MyloMeirelles Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1180, - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50030-000 - Tel.: (081) 424-3250
Rádcão Press: Internacional Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Rolandia Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Press Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 7º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-580 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Sponsors - Rua Dr. Alfredo Dutra Jorge, 110 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-280 - Tel./Fax (048) 232-0919

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
INTERESSE GERAL
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
ESPORTES
PLACAR • FLUIR
MASCULINAS
PLAYBOY
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • SAÚDE
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
ENTRETENIMENTO
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

Revista Showbizz, Edição 156, Julho de 1998, é uma publicação especial da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649. Assinaturas: sua satisfação é sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá oferecer a empresas afiliadas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - 6º Andar, Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. Números atrasados: os seis últimos edições recolhidos, mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco (SP) - CEP 06053-990 - Fone (011) 810 - 4800 - Fax (011) 868-3018, pelo email dinap.sa@email.abril.com.br, via Internet http://www.dinap.com.br. Horário de atendimento: de segunda a sexta das 8:00 às 21:30. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express ou Selo. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Paz Ventos, Azinhaga dos Ervanários, 3685, Camarate, Lisboa.

ANER Central de Atendimento ao Assinante: (Grande São Paulo: 3990-3111; Demais localidades: 0800-55-2112)

IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Madonna memória

A revista americana *Rolling Stone* saudou o início do verão (no Hemisfério Norte) com um belo ensaio fotográfico de Madonna assinado por David Lachapelle. O texto, dela mesma, tem coisas como "gosto mais desta estação que do inverno porque prefiro calor ao frio" e curiosidades. Entre lembranças de quando cuidava da horta do pai no verão, a cantora citou duas de suas músicas prediletas da estação. "O sucesso do Human League, 'Don't You Want Me', me faz lembrar da época das danceterias, em Nova York. Eu batalhava para entregar minha fita demo para os DJs e as meninas do local derrubavam seus drinques em mim. Mas quando ouvia aquela canção, esquecia de toda humilhação que havia passado."

"When Doves Cry", de Prince, é outra composição que desperta recordações em Madonna. "Eu me lembro de ouvi-la no walkman enquanto subia a escada do meu prédio – meu apartamento ficava no sexto andar. Não estava bem com minha família e simplesmente desatei a chorar."

Ensaio da *Rolling Stone* esconde a sexual face mística da estrela

Cogumelo tem inéditas de Renato Russo

O grupo **COGUMELO PLUTÃO** foi tema de reportagem da revista gay *Sui Generis* e seu nome começou a surgir em jornais por um motivo: o cantor e guitarrista Carlos Blanch afirma que teve um relacionamento com Renato Russo. "Foram uns oito meses e oito músicas em parceria", contabiliza. Uma delas, "Pride Day" ("dia do orgulho"), ataca o preconceito contra o homossexualismo *(veja letra ao lado)* e será gravada com participação de Angela Ro Ro no primeiro álbum do Cogumelo, que Mayrton Bahia está produzindo. Dono de um registro vocal que às vezes lembra o de Renato, Blanch jura que não quer mais aparecer por causa do antigo caso, nem ficar na sombra da Legião Urbana. "Acho mais importante falar da temática gay de nossas músicas", aponta o cantor e guitarrista, sem medo do cacófato. Nascido em Natal (RN) há 26 anos, criado no Rio e atualmente radicado em Brasília, ele fundou o Cogumelo com Dolf (guitarra) e Emerson Gamarra (baixo). Leonardo Clark (bateria e teclados), que mora no Rio, completa a formação.

Blanch conta que conheceu Renato Russo quando cantava numa banda de blues com seu tio José Eduardo, na fita do Governador. "O Renato freqüentava os ensaios", lembra. Com outras duas músicas da velha parceria no repertório do Cogumelo, o cantor admite que Renato nunca se entusiasmou por nenhuma delas.

Blanch, do Cogumelo Plutão, ex-parceiro de Renato Russo

Pride Day

(Renato Russo, Zé Eduardo e Blanch)

Hoje acordei me sentindo tão bem
Olhei pela janela e vi na rua alguém
Voltei para o meu quarto e passei o batom
Pois o dia é uma rosa e cor-de-rosa é o tom

Hey hey hey hoje é o Pride Day
Não finja que não viu, somos iguais a você
Hey hey hey hoje é o Pride Day
Hoje eu vou me divertir, só vou voltar pelas três

A rua está repleta de gente como nós
O preconceito vem da época de nossos avós
Não queremos saber de sua religião
Só pretendemos ter o nosso direito como cidadãos
Eu amo quem quiser e também seu filho de Deus
Pago todo o mês imposto para um bando de ateus
E vocês ainda querem o nosso sangue para beber
Quantos já choraram buscando solução
Quantos filhos foram expulsos de casa por rejeição
Quantos já morreram por tamanha solidão
Pois o sistema é o que mata e joga na escuridão

É sempre guerra de braço no Congresso Nacional
A bancada religiosa acha tudo imoral
Só não sabe quem não quer pois a TV mostrou
no jornal

"A vida é maravilhosa"

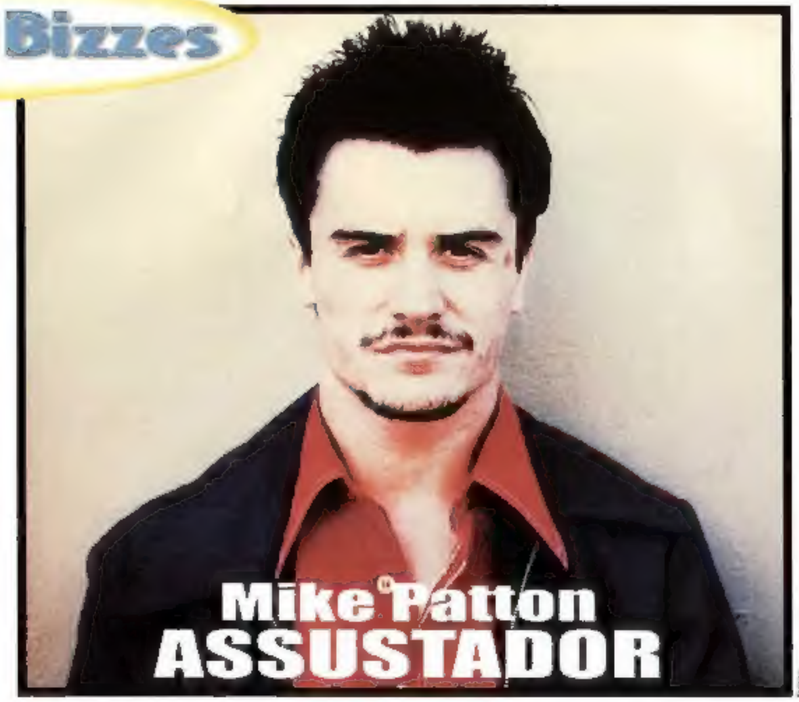
Courtney fez um disco sem gritaria nem barulho

Difamada no mundo inteiro e acusada de assassinar o marido no filme *Kurt And Courtney*, de Nick Broomfield, **COURTNEY LOVE** está feliz. Linda, com um nariz que parece ter sido cirurgicamente aperfeiçoado e simpaticíssima, ela deu uma entrevista exclusiva à SHOWBIZZ (que publicaremos – não percam – com todos os detalhes na próxima edição). O motivo da alegria parece ser *Celebrity Skin*, novo álbum de sua banda Hole. Nosso colaborador André Barcinski, que ouviu o disco, garante: com melodias grudentas, arranjos pop bem acessíveis e influências de Pretenders e Fleetwood Mac, o trabalho tem potencial para torná-la uma das campeãs da indústria do disco. Convertida ao budismo, ela expôs o lado solar de sua personalidade (agora predominante): "A vida é maravilhosa".

NAÇÃO D2

Falta pouco para o início de *Malungo*, a turnê que vai colocar no mesmo palco **MARCELO D2** e a Nação Zumbi. Eles devem cair juntos na estrada a partir de agosto, provavelmente em Porto Alegre. Depois rodam outras capitais do país. Marcelo divide o palco com os DJs Zé Gonzales e Rodrigo ZNutts, dá uma canja na apresentação da ex-banda de Chico Science e espera participações especiais de Paralamas e O Rappa. O disco solo do cantor do Planet Hemp tem sons de João Donato e, na introdução de uma faixa, um diálogo de Elis Regina com Tom Jobim que diz: "Vamos ouvir essa m**** aí".

D2 se junta à tribo de Chico Science



Mike Patton ASSUSTADOR

Pouco tempo após enterrar o Faith No More, Mike Patton já tem banda nova: Fantomas (nome de um personagem de terror criado no começo do século e também antigo desenho animado da TV). O novo projeto tem sua escalação completada por Dave Lombardo, ex-baterista do Slayer; Buzz Osborne, vocalista e guitarrista do Melvins; e Trevor Dunn, baixista do Mr. Bungle, a outra banda de Patton.

A estréia do quarteto aconteceu dia 18 de junho em São Francisco. Eles tocaram cerca de trinta músicas em pouco mais de uma hora e a platéia encontrou dificuldade para associar o repertório apresentado com qualquer uma das bandas anteriores dos músicos. O som em volume altíssimo e meio indefinível – "metal experimental" é uma boa tentativa de classificação – entusiasmou alguns, afugentou outros da platéia lotada e ainda provocou pedidos por sons mais familiares. Patton não se incomodou: "Essa é nossa última música da noite e tenho certeza de que vai ser um hit", brincou ao apresentar a saideira.

Sexo, drogas e videoteipe

Perry Farrell segue os passos de Pamela e Tommy Lee

Perry Farrell, o ex-cantor de Jane's Addiction e Porno For Pyros, conseguiu convencer um tribunal de Los Angeles a proibir temporariamente que sejam mostradas na Internet as imagens de um vídeo que ele alega ter sido roubado de sua casa. Já a empresa que mantém o *site* afirma ter um documento em que o próprio Farrell cede os direitos da fita. Se vencer na Justiça, o Spy7.com vai exibir o vídeo *Drugs, Sex & Perry Farrell*, que apresenta o artista em atividade sexual com a namorada, se injetando com drogas e falando sobre sua filosofia de vida ("eu sou o demônio").

Farrell, de qualquer maneira, promete uma mudança radical a partir de agosto ou setembro, quando se tornará papai. Se vier menino, o cantor vai batizá-lo como Yobel, nome que, segundo disse em entrevista à MTV americana, aparece na Bíblia como o do primeiro músico a surgir na Terra. No mês passado, em São Francisco, Farrell estreou sua nova banda, Gobalee.

TOCANDO PERIGOSAMENTE

Keith Flint canta para mafiosos e presidiários

A menos que o público brasileiro tenha uma reação muito selvagem, os shows do Prodigy no Brasil dificilmente vão ganhar um lugar na memória de Keith Flint entre suas grandes aventuras. O vocalista enumerou ao *New Musical Express* alguns dos palcos inesqueciveis pelos quais já passou:

MOSCOU
"O show foi organizado pela máfia local. Quando chegamos, tivemos que esperar quatro horas na imigração, depois nossa bagagem não apareceu. Ficamos p**** e avisamos ao empresário que não iríamos tocar. Ele começou a chorar: 'Por favor, vocês não estão entendendo. Eles vão me matar'. Foi a primeira vez que vi um homem implorar por sua vida."

BEIRUTE
Para evitar escândalos, o promotor do show pediu às rádios que não tocassem nenhuma música do disco *The Fat Of The Land*. Durante o ensaio, choveu no palco e houve um início de incêndio que fez o grupo anunciar o cancelamento da apresentação. Depois de algumas ameaças e do conselho da embaixada britânica de que seria recomendável atender ao "pedido", eles voltaram atrás.

FLÓRIDA
"O palco foi armado sobre duas mesas de bilhar, no canto de um pub. A gente não ia tocar, mas um cara abriu o paletó, mostrou o que tinha embaixo do braço e perguntou: 'Por que vocês não começam a tocar?'."

PRISÃO SWANSCOMBE, NA ILHA DE SHEPPEY (INGLATERRA)
"Me ofereceram mais drogas naquela prisão cheia de assassinos mal-encarados do que em qualquer outro show da minha vida."

Poesia cênica

A temporada de *Time Rocker* no Teatro Municipal do Rio, em junho, provou: a música composta por Lou Reed para a ópera-rock de Robert Wilson é o melhor trabalho do artista desde *New York*, de 1989. A banda que tocou ao vivo explorou muito bem a formação baixo, bateria e duas guitarras que marca o som atual de Lou, e o ator alemão Stefan Kurt ainda cantou num registro bem semelhante ao do compositor americano. Inteligente em cenários e iluminação, o jogo teatral do encenador americano Robert Wilson conquistou o público propondo algo além de belos "videoclipes ao vivo": uma boa sacada poética, tempo = amor, expressa na letra de "Turning Time Around" (*veja tradução ao lado*). Na platéia, roqueiros como Dado Villa-Lobos acharam "fantástico".

Século 19: uma das paradas da viagem no tempo de Lou Reed

FAZENDO O TEMPO RODAR
(Lou Reed)

– O que você chama de amor?
– Bem, eu chamo Harry.
– Por favor, é sério,
o que você chama de amor?

– Bem, eu não chamo de família
E não chamo de luxúria
E, como todos sabemos,
casamento não é fundamental
Acho que, no final, é uma questão
de confiança
Se eu tivesse que chamar,
chamaria de amor o Tempo

Tempo não tem significado
Nem futuro nem passado
E quando você está amando
Não precisa pedir
Nunca há tempo suficiente
Para segurar o amor
Fazendo o tempo rodar

Fazer o tempo rodar
É isso que é amor

Meu tempo é o seu tempo
Quando você está amando
E tempo é o que você nunca tem
o suficiente
Você não pode ver nem abraçar
É exatamente como o amor
Fazendo o tempo rodar
Fazendo o tempo rodar

Para conferir os insanos

Millencolin: proibido para fãs do Abba e do Roxette

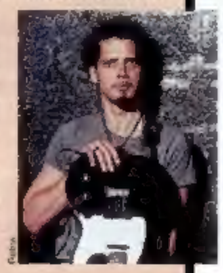
O grupo sueco Millencolin desembarca aqui no começo de agosto para mostrar que punk rock escandinavo também joga no primeiro time. "Sempre nos perguntam se ouvimos Abba e Roxette. Justo para nós, uma banda basicamente criada em cima do skate!", ironiza o guitarrista Erik Ohlsson, que se diz ansioso para tocar no Brasil. "Nossos amigos do NOFX (*grupo punk californiano*) contaram que se divertiram muito e que o público é insano", completa.

O Millencolin se apresenta dia 5 de agosto, no Ultra-Lounge, evento imperdível no Palace, em São Paulo. Eles vão tocar também em Curitiba, São Bernardo (SP), Rio, Santos e Porto Alegre.

JOGO RÁPIDO

• O **OASIS** lança até novembro nos EUA um disco com lados B de compactos e versões ao vivo de "Live Forever", "Wonderwall", "Whatever" e "Rocking Chair".
• *Rather Go Blind* é o nome do disco com faixas ao vivo, sobras do disco *Pop* e músicas novas que o **U2** prepara.
• Os **SMASHING PUMPKINS** voltam ao Brasil em agosto para dois shows: Billy Corgan, D'Arcy e James Iha vão tocar no Rio de Janeiro (Metropolitan, dia 15) e em São Paulo (Olympia, dia 16).
• A sonhada reunião da formação original do **BLACK SABBATH** vai ter de esperar. Com problemas no coração, o baterista Bill Ward teve de ser substituído por Vinnie Apice (que tocou nos discos *Mob Rules*, de 1981, e *Live Evil*, de 1983) na parte européia da turnê Ozzfest.

• O **SIGUE SIGUE SPUTNIK** volta com turnê e promessa de novo disco, *Time Will Prove Us Right* (o tempo vai provar que estávamos certos) – resposta aos críticos que chamaram a banda de o maior blefe do pop nos anos 80.
• Confirmado para 15 de agosto o show do **SEPULTURA** no estacionamento do Anhembi, em São Paulo. Convidados para uma jam, subirão também no palco Lemmy (Motörhead), Jason Newsted (Metallica) e índios xavantes. O ingresso custa 10 reais (estudante paga meia) mais um quilo de alimento não-perecível.
• O **CIDADE NEGRA** voltou com um disco, *Quanto Mais Curtido Melhor*, cheio de participações: Dado Villa-Lobos, Marcos Valle, os percussionistas Marcos Suzano e Eduardo Lyra (Paralamas) e a cantora africana Angélique Kidjo. No repertório, além do sucesso "Já Foi", uma inédita de Lulu Santos e uma versão de "Barracos", de Gilberto Gil.
• Depois de se apresentar num concerto beneficente em maio, o ex-casal Annie Lennox e Dave Stewart decidiu que era hora de ressuscitar o **EURYTHMICS**. A dupla deve gravar um disco novo e excursionar em seguida.



• **CHRIS CORNELL**, ex-cantor do Soundgarden, prepara seu primeiro disco solo para outubro.

FAÇA VOCÊ MESMO

O tempo de correr atrás de gravadoras oferecendo fitas cassete com amostras do trabalho acabou. Gravar um CD demo ou mesmo lançar uma edição independente de um álbum está cada vez mais barato. Veja a seguir as opções e custos para a produção de um disco laser "caseiro"

Dênio Cabalero

Aluguel de estúdio

São Paulo - Quórum (tel. 011/262-6249):
R$ 35,00 por hora
(mínimo de 4 horas). CD com
a sessão gravada: R$ 60,00
Rio de Janeiro - Rock House (tel. 021/542-9491):
R$ 65,00 (mínimo de 6 horas).
CD com a sessão gravada: R$ 50,00
Recife - RWR (tel. 081/241-9722): R$ 25,00
(mínimo de 6 horas).
Para gravar o CD:
Estação do Som (tel. 081/227-3598):
R$ 45,00
Belo Horizonte - Bemol
(tel. 031/221-9534):
R$ 48,00 (mínimo de 5 horas).
CD com a sessão gravada: R$ 40,00
Porto Alegre - Acit (tel. 051/342-0555):
R$ 35,00 (mínimo de 8 horas).
CD com a sessão gravada: R$ 30,00
Brasília - Zen (tel. 061/328-1007):
R$ 50,00 por hora.
CD com a sessão
gravada: R$ 40,00

Para montar um estúdio em casa

Mesa: mixer Behringer
São Paulo - Gang Pro (tel. 011/ 3068-8000):
R$ 397,00 (16 canais)
Recife - Toca Som (tel. 081/ 465-7093):
R$ 480,00 (12 canais)
Porto Alegre - Litosom (tel. 051/ 225-2925):
R$ 488,00 (12 canais)

Gravador: Porta-estúdio digital Yamaha MD4
São Paulo - Gang Pro: R$ 1 620,00
Recife - Toca Som: R$ 1 590,00
Porto Alegre - Litosom: R$ 1 560,00

Alternativa como gravador:
Fostex DMT8
São Paulo - Gang Pro: R$ 1 522,00

Alternativa para o completo principiante:
Gravador de CD Philips CDR-870, que pode
ser usado como se fosse um gravador cassete.
São Paulo - Controle (tel. 870-5995): R$ 950,00
Belo Horizonte - Agência Leitura
(tel. 031/225-0694): R$ 990,00

Para fazer o CD em casa

Computador PC com placa de som: R$ 2 000,00

Gravador de CD-ROM Hewlett-Packard HP SureStore CD-Writer Plus 7200i.
São Paulo - Star (tel. 011/280-4722):
R$ 650,00
Rio de Janeiro - CBN
(tel. 021/234-8218): R$ 710,00

Para duplicar o CD

Preço de mil cópias (quantidade mínima), feitas a partir do CD original ou da fita DAT:
Microservice (tel. 011/858-1433):
de R$ 1 800,00 a R$ 2 000,00
Sonopress (tel. 011/861-3399): R$ 1 840,00
Videolar (tel. 011/7295-7700): R$ 1 940,00

Obs.: preços médios. Pode haver variações dependendo do modelo da caixa de plástico escolhida e do número de cores no rótulo do CD e na impressão do encarte.

Sóbrios ao vivo

O **AEROSMITH** lança CD ao vivo no começo de 1999. Esse vai ser o primeiro registro oficial do grupo em palco desde *Official Live Bootleg* (1978). De contrato assinado com a Columbia, o Aerosmith ainda deve um disco à antiga gravadora, a Geffen. A idéia é cumprir o compromisso com um álbum registrando os melhores momentos das últimas turnês.

Steven Tyler vem se encontrando com Jack Douglas (que produziu na década de 70 *Toys In The Attic* e *Rocks*) para escolher o material. Para o cantor, este é o momento certo para um disco ao vivo: "Nesta fase livre das drogas, todos estão tocando melhor do que nunca".

Steven Tyler e Joe Perry: "Sem drogas, somos melhores"

Enquanto o ao vivo não vem, a trilha do filme-catástrofe *Armaggedon* traz uma inédita do grupo, "I Don't Want To Miss A Thing", e mais "Sweet Emotion" e "Come Together".

A banda candanga Maskavo Roots regravou Gonzagão

Sony Music

Ska em novas misturas

Maskavo Roots volta com um pé na MPB

Com formação nova – dos sete integrantes originais sobrou um quarteto – e agora pela multinacional Sony Music, os brasilienses do **MASKAVO ROOTS** chegam ao terceiro disco, *Se Não Güenta, Por Que Veio?*.

O grupo está refinando a mistura de ska e rock presente desde seu primeiro álbum (lançado em 1995, pelo extinto selo Banguela Records). O segundo CD foi produzido de forma independente, por meio do Prêmio Renato Russo, que a banda ganhou da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Agora, o Maskavo vem com guitarras mais pesadas e um pezinho na MPB – regravou o clássico "Qui Nem Giló", de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e faz citações a Djavan.

O novo trabalho traz também uma releitura de "Tempestade", um "quase hit" do primeiro álbum. A música, que já havia ganhado uma versão no último disco do Pato Fu, foi regravada com o apoio dos metais do Skank (que costumava tocá-la nos shows) e de Samuel Rosa, na guitarra e no vocal. *(Danilo Monteiro)*

LINGUARUDOS

"Vi os três pelados e posso dizer que tenho o pênis maior"
Ringo Starr, sobre John, Paul e George

"Fera disse ardeu..."
Paródia de "Ela Disse Adeus" composta por Herbert Vianna para o tecladista do Paralamas, João Fera. Publicada no *Jornal do Brasil*

"Sou fã daquele travesti brasileiro que canta divinamente"
Emanuel de Savoya, príncipe de Veneza, falando sobre Simone a brasileiros durante o oba-oba da Copa, em Paris. No jornal *O Globo*

"Por que diabos vocês apagaram os meus pêlos embaixo do braço?"
Paula Cole, em carta à revista americana *Entertainment Weekly*, que retocou digitalmente uma foto dela

"Não temos nenhuma intenção de pular no trem da eletrônica. Somos inteligentes e velhos demais para isso"
Michael Stipe, falando sobre o próximo disco do R.E.M., que, diz o cantor, traz "mudanças cataclísmicas"

"Eu poderia dizer que peguei Flea transando com minha namorada. Mas não, eu simplesmente atingi o máximo que podia com eles. Agora quero cantar"
Do guitarrista Dave Navarro, explicando a ausência de motivos bombásticos para sua decisão de sair do Red Hot Chili Peppers

"Eu e a minha mulher costumamos fazer campeonatos de gases na cama. Solto um flato e, se ela não responde com outro em 45 segundos, sou o vencedor"
Rod Stewart

Rod e sua mulher, Rachel Hunter

DIRETO DE

LONDRES

por THOMAS PAPPON e SÉRGIO MARTINS

Fotos: Peter Thiedere
Produção: Agência Atimo

Henrique Portugal

Samuel Rosa

Haroldo Ferretti

Lelo Zaneti

Virada à inglesa

Skank finaliza o novo álbum, *Siderado*, em Abbey Road com dois produtores britânicos

Samuel Rosa, vocalista: "Problema de comunicação entre o produtor Dudu Marote e os outros integrantes gerou desconforto na banda"

Foto: Pete Pradkin

"Não queremos ficar presos à 'Garota Nacional', marcados como um grupo que fala apenas de mulher e de futebol"

O clichê futebolístico ensina que não se mexe em time que está ganhando. No caso do Skank, as vitórias foram de goleada. *O Samba Poconé* (1996), último lançamento da banda mineira, vendeu 1,8 milhão de cópias, a música "Garota Nacional" tocou tanto quanto "Parabéns Pra Você" e hoje eles desfrutam de relativo sucesso internacional, se apresentando em países da América Latina e da Europa. Mesmo assim, resolveram fazer mudanças na equipe para o novo álbum, *Siderado*.

"Gostamos de *O Samba Poconé*, mas não foi um disco que estourou como um todo. O sucesso de 'Garota Nacional' e 'É Uma Partida De Futebol' acabou prejudicando as outras músicas do disco", avalia o baixista Lelo Zanetti. "Não queremos ficar marcados como o grupo que fala apenas de mulher e futebol."

Primeira decisão: não repetir a dose com o produtor Dudu Marote, que pilotou as gravações do disco anterior e de *Calango* (1994). Em seu lugar entrou a dupla Paul Ralphes e John Shaw. "Não podemos esperar o time perder para acertar algumas coisas que não correm bem", justifica o guitarrista e vocalista Samuel Rosa. "O trabalho com Dudu foi perfeito, mas sentimos que as possibilidades de trabalho conjunto estavam esgotadas."

Um dos especulados motivos da substituição do produtor: ele teria falado demais. "Acho que dei algumas declarações que foram mal interpretadas", justifica Dudu. Ele se refere a reportagens das revistas *Veja São Paulo* e *Keyboard*, que o chamavam de "O Quinto Skank" e "Mister Skank" – que teriam irritado a banda, por darem a idéia de que ele era o maior responsável pelo sucesso do Skank. "Numa delas ficou a impressão de que o Samuel está cantando melhor por minha causa. E isso não é verdade."

Entre as queixas da banda está um problema de comunicação envolvendo Dudu e Haroldo, Lelo e Henrique: o produtor praticamente só ouvia Samuel. "Isso gerou um certo desconforto na banda", justifica o vocalista. "Bem, e se o Zagallo fosse ouvir todas as reclamações do Edmundo, o que seria da seleção?", defende-se Marote. "Eu ouvia mais o Samuel porque ele consegue expressar suas idéias melhor do que os outros."

Os novos reforços, John Shaw e Paul Ralphes, são ingleses, gostam de reggae, mas têm currículos distintos. O primeiro trabalhou como engenheiro de som do UB40 (entre outros, no disco *Rat In The Kitchen*, de 1986). Ralphes tocava na Bliss, banda com vocal feminino que estourou a canção "I Hear You Call" – foi até comercial de cigarro – no final dos anos 80 e recentemente produziu o novo CD da banda de ska Maskavo Roots.

John, Paul e o Skank não tiveram um único atrito. "Fiquei até irritado, tamanha era a sintonia entre eles", brinca Samuel. "O John tem um vasto conhecimento técnico; o Paul tem uma idéia muito clara do pop brasileiro", comenta o cantor. "Um completou o outro, que nem Zico e Zagallo", emenda o baterista Haroldo Ferretti.

O envolvimento de Shaw e Ralphes na pré-produção de *Siderado*, no quintal da casa de Haroldo, em Belo Horizonte, é visto pelo grupo como a grande diferença em relação aos trabalhos anteriores. Desta vez, os produtores acompanharam a própria concepção das músicas. "Isso facilita demais. Eles sacaram a intenção de cada integrante, não são pára-quedistas na história", diz Samuel. "Ficávamos chocados com o que víamos", derrete-se Paul. "O Samuel chegava com uma linha de guitarra e imediatamente os outros entravam – do nada – e completavam a música, que ficava perfeita. Eles são uma das melhores bandas com as quais já trabalhei."

Além da produção, Paul Ralphes também ajudou o Skank a perder o medo – justificável – de ser Skank. Com o sucesso de canções como "Te Ver", "Garota Nacional" e "É Uma Partida De Futebol", o país foi invadido por bandas de reggae nitidamente inspiradas no quarteto mineiro. Como se eles chegassem aos estúdios com uma cópia de *Calango* e *O Samba Poconé* debaixo do braço e dissessem: "Queremos um som igual a esse!" Uma tese que é reforçada pelo tecladista Henrique Portugal. "A gente entrou no estúdio com medo de se repetir. Foi então que o Paul disse: 'Já trabalhei com algumas bandas que, a certa altura do trabalho, diziam que estava muito Skank. Mas agora o próprio Skank está com medo de soar como Skank!' "

A retomada do dancehall à mineira, porém, não tirou o gosto do grupo pela ousadia. A ponto de o primeiro single, "Resposta", parceria de Samuel Rosa com o titã Nando Reis, ser uma balada ao violão que poderia ser aprovada pelo Clube da Esquina. "Modéstia à parte, é uma música excelente", gaba-se Nando Reis. "Eu a escolhi entre quatro melodias mandadas pelo Samuel. À primeira audição, ela me lembrou algo de John Lennon."

Reis também é co-autor de "É Uma Partida De Futebol" e entende a situação do Skank – de não querer se repetir após um estouro. "O Samuel já tinha me dado uma pista de quanto eles se preocupavam com a questão da redundância. Mas só fui entender isso quando eles escolheram 'Resposta' como primeiro single." »

Henrique Portugal, tecladista: "Tínhamos medo de nos repetir"

O melhor estúdio do mundo

O Skank brinca no lugar onde os Beatles posaram para a capa do LP *Abbey Road*

Na mítica mesa de som

Todas as gravações de estúdio dos Beatles foram feitas no Abbey Road. Paul McCartney acha que é o melhor estúdio do mundo. A faixa de pedestre que cruza a rua Abbey, no bairro residencial fino St. John's Wood (onde moram Liam Gallagher & Patsy Kensit), é uma das principais atrações turísticas de Londres. O Abbey Road é um prédio com quatro estúdios, escritórios e várias salas de pós-produção. Foi inaugurado em 1931, com um concerto da London Symphony Orchestra, regido por Sir Edward Elgar. Em seus 30 primeiros anos, a história do estúdio se confunde com a da proprietária dele, a EMI. Ali se gravava apenas música erudita, jazz e *easy listening* – o pop da época – com o elenco da gravadora (Fats Waller, Herbert Von Karajan, Glenn Miller, Shirley Bassey). Nos anos 60, os Beatles inventaram o pop moderno "morando" no Abbey Road. Eles tinham os estúdios à disposição 24 horas por dia. A partir dos anos 70, o local abriu as portas para artistas de outros selos: Pink Floyd, Sting, Queen, Mark Knopfler, Bush, Sade, Radiohead, Blur, Oasis etc.. Hoje, tudo lá é digital e moderno. Mas o argumento que justifica o status de "melhor estúdio do mundo" é vago: a misteriosa acústica do estúdio 2, considerada "mágica" e "inexplicável" por engenheiros de som e músicos.

"Do Ben"

(Samuel Rosa/Marcelo Yuka)

Sua mão direita vale ouro
Que trouxe um novo som pra dividir com os outros
Diversas formas de se sentir crioulo
A simpatia gera simpatia, a alegria gera alegria
Domingas gerou bondade, do Ben que cantou o Charles
Charles que deu a voz a outro lado da cidade

Ben eu quero mais do Ben

Um grande rapper de São Paulo deu ao filho o nome Jorge
Invocando de novo o guerreiro que batuca no violão
O futuro de muitos velhos macumbeiros
De todos os botecos que Santa Clara clarear pelo mundo afora
Porque outros meninos virão com outras formas de samba
Para melhorar nossa história

Ben eu quero é mais do Ben

Levanta, vamos simbora
Que a área tá pesada
Nosso Charles agora é um rei mais novo
Que tá em cima do morro
Limpando a 45 ainda se torna o Zé Pretinho
Ao ouvir alguma coisa do Ben
Sonhando com o carnaval
Sobrevivendo ao ano que vem

Ben eu quero é mais do Ben

O baixista Lelo Zanetti aproveitou a viagem para ver shows de Madness e Toots Hibbert

A música que Samuel Rosa fez com Marcelo Yuka em homenagem a Jorge Ben é considerada pelo empresário do Skank como "o maior gol do grupo em toda sua carreira"

O baterista Marcelo Yuka, d'O Rappa é outro que apóia a opção do Skank. "Eles tiveram a ousadia e a coragem de fazer um disco diferente ao invés de repetir fórmulas." Yuka escreveu a letra de "Do Ben", uma homenagem a Jorge Ben com uma citação a Mano Brown, dos Racionais MC's. "O Ben – e não o Jorge Benjor – foi o precursor do samba soul, fundamental na minha formação." Acrescida da melodia de Samuel Rosa, a música é uma das preferidas do Skank. O Samuel me mandou um recado dizendo que noventa por cento dos artistas nacionais gostariam de ter uma canção que falasse do Jorge Ben como eu falei. Fiquei emocionado", confessa Yuka. "Do Ben" (*veja a letra acima*) também caiu direto no gosto de Fernando Furtado, empresário da banda famoso por sua pouca empolgação com as pré-produções do grupo – ele chegou a duvidar do poder de "Garota Nacional". "É o maior gol do Skank que eu já ouvi até hoje", elogia.

O restante de *Siderado* tem as batidas eletrônicas que caracterizam a banda. Mas sem nada que possa ser "Garota Nacional 2". Entre as participações especiais estão a da cantora Daude (no reggae eletrônico "Don Blas"), do grupo percussivo mineiro Uakti ("No Meio Do Mar") e do batuqueiro argentino-baiano Ramiro Mussotto. "É é um percussionista eletrônico, se integrou bastante à banda", explica Henrique Portugal. Mussotto, que tem no currículo participações em discos de Lulu Santos e Moraes Moreira, pilota samples e incrementa as músicas do grupo com cuíca e berimbau. "Encorpei algumas canções. 'O Homem Que Sabia Demais' por exemplo, ganhou um berimbau, pus pandeiro em 'Amoxação'... Eles se identificaram às idéias, estou me entrosando bem com o Haroldo."

A maior parte de *Siderado* foi gravada no estúdio Nas Nuvens, no Rio. O Skank aproveitou para levar John Shaw, um senhor com ar de professor de química numa churrascaria da Barra da Tijuca. "Ele ficava louco com aquilo, dizia que estava no paraíso", brinca Lelo. A idéia de mixar no Abbey Road partiu da banda, doente pelo som dos Beatles. O Skank ficou no estúdio 3, onde os rapazes de Liverpool fizeram a primeira audição para o produtor George Martin. O estúdio sediou as gravações do mítico *Album Branco* (dos Beatles), de *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, e... de *Spiceworld*, das Spice Girls.

Minha grande meta era entrar no estúdio 2, até agora só deu para dar um espiada. Pelo menos eu vi o famoso corredor, em que todo mundo escorregava, os Beatles, os Hollies" diz Samuel. Alias, um dos técnicos de Abbey Road que trabalhou no disco, Paul, é filho do guitarrista dos Hollies, Tony Hicks.

O grupo gravou algumas guitarras, vozes e metade dos arranjos de sopro – este último com os Kick Horns, um naipe que trabalhou com Eric Clapton, The Who e Rolling Stones. Os produtores garantem que o serviço, os funcionários, a acústica e a atmosfera do Abbey Road são imbatíveis. Detalhe: tudo pela metade do preço de um estúdio desse nível no Brasil. "Foi mais barato virar até aqui, pagando passagens e um hotel", confessa Paulo.

Aproveitando a viagem, o Skank investe firme no mercado europeu. De Londres seguiu para uma série de novos shows em cinco países. Eles abriram para Nick Cave ("Não gosto do som deles", disse Samuel) num festival em Portugal e estiveram entre as atrações do Sankt Gallen Festival na Suíça, ao lado de pasmem – Foo Fighters, Garbage e Beastie Boys. "Se bem que os Beastie Boys não quiseram que nós abríssemos para eles", conta Henrique – "tivemos que mudar de dia". Samuel garante que o público do grupo lá fora não é eminentemente brazuca. "A gente manda os discos e releases para os organizadores e pronto, somos convidados."

Ainda assim, a perspectiva de uma carreira internacional jamais vai tirar os rapazes de Belo Horizonte. "Meu umbigo tá agarrado ali" diz Haroldo, grande fã como o resto do grupo, do feijão-tropeiro e do frango com quiabo.

8 sons que fazem a cabeça do Skank

1 [illegible]
O grupo espanhol também mistura ska e reggae eletrônico e faz letras sobre futebol. Seu último CD *King Changó* saiu no Brasil ano passado e quase ninguém ouviu.

2 [illegible]
Experiente banda argentina. Seu vocalista Andrés Calamaro, pertence à mesma geração de Fito Paez e Charly García. Os discos variam de reggae a pop brega – nesse gênero, as letras são de fazer o Odair José morrer de inveja.

3 LOS TRES
Banda chilena que faz rock com elementos latinos. O mais recente CD deles, *MTV Unplugged* foi lançado no Brasil.

4 [illegible]
O combo francês encantou os mineiros quando veio ao Brasil, em 1992. Sua mistura de reggae, funk e punk rock (que eles chamam de "patchanka") foi bem aproveitada em discos como *Puta's Fever* e *Casa Babylon*. O vocalista Manu Chao participou de *O Samba Poconé*, álbum do Skank de 1996 (é dele o raggamuffin – rap à jamaicana – em "Sem Terra").

5 TOOTS HIBBERT
Inventou o nome reggae na canção "Do The Reggay" de 1968 – e, ao lado dos Maytals, agitou a Jamaica nos anos 60 com sucessos como "Pressure Drop" e "54-46 (That's My Number)" – esta última covenzada pelo próprio Skank no início da carreira. Lelo Zanetti e Samuel Rosa conferiram ao vivo num pub londrino e adoraram: "O baixo dela no peito. Quando começou a tocar, a primeira fila tremeu".

6 [illegible]
Dupla de reggae francesa formada pelos rappers Big Red e Daddy More. Credenciados por passagens em grandes festivais do gênero, eles acabam de lançar *Raggasonic 2* no Brasil *(veja seção Play)*.

7 ZEBDA
Banda de rai (gênero que mistura canções tradicionais do norte da África com ritmos eletrônicos) com seis anos de estrada. Outros cobras do estilo são Cheb Khaled e Faudel.

8 ZION TRAIN
DJs que promovem uma interessante mistura de ska, reggae, techno e dub. Henrique Portugal tem os albuns *Homegrown Fantasy* (um presente do produtor Paul Ralphes) e *Grow Together*.

"Eu Gosto de Reunir A Galera Para Falar das Nossas Aventuras"

Erick Eduardo do Nascimento, estudante, leitor da SUPER

A curiosidade do Erick Eduardo do Nascimento não tem limites. Ele e seus amigos Einstein e Darwin não aceitam simplesmente as coisas sem nenhuma explicação. Querem sempre saber o porquê, como, quem foi que fez. E, com isso, acabam se metendo em grandes aventuras. Movido pela curiosidade, o velho Albert chegou à conclusão de que tudo é relativo. Pelo mesmo motivo, Darwin começou a estudar a complicada evolução das espécies.

E graças a essa curiosidade que o Erick vive aprendendo cada vez mais coisas. As ultimas descobertas da ciência, as mais incríveis invenções da tecnologia, as notícias das mais recentes conquistas do conhecimento.

O Erick encontra resposta para as suas dúvidas todos os meses nas páginas da SUPERINTERESSANTE.

A SUPER faz parte da vida do Erick. Só com a SUPER ele consegue as informações que quer numa linguagem que é ao mesmo tempo inteligente, simples e fácil de entender. Na SUPER as pessoas encontram tudo que gostariam de aprender, sem ter que ouvir discurso de professor.

A SUPERINTERESSANTE faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem pode ficar ofendido se algum dia for chamado de Homo sapiens.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que dianamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · DIGISAT · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · HBO · GAMES · Arquitetura Construção · MusiClub · contigo · ESCOLA · SUPER · BRAVO BRASIL · BORÓSCOPO · AD · EURO CHANNEL · CARAS · BOA FORMA · CASA · CM1 · Saúde! · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA

Rap Esquema Novo

Beastie Boys voltam influenciados por Jorge Ben, bossa nova, música latina e improvisos jamaicanos

por ANDRÉ BARCINSKI, de Nova York

R

Beastie Boys: cria de cenário urbano de Nova York

Beastie Boys continua a mesma: diversão e cultura hip hop

Apesar das milhares de influências, a essência dos

Não é difícil entender de onde vem esta obsessão pela mistura musical: basta andar pelas ruas de Nova York. Foi passeando por aqui que Adam Yauch, Mike D e Adam Horowitz conheceram de tudo, do hardcore ao rap, da música latina ao jazz. A cidade é uma verdadeira arca de Noé: na Rua 30, camelôs jamaicanos vendem bolsas Prada falsificadas enquanto ouvem dub, ragamuffin e reggae em gigantescos aparelhos portáteis; na Rua 14, as lojas latinas despejam salsa e merengue na calçada; alguns quarteirões abaixo, em Saint Mark's Place, punks de moicano azul se misturam a rappers de agasalhos Adidas. Foi dessa zona que nasceu o Beastie Boys. "Tudo que ouvimos, na rua ou no rádio, nos influencia," revela Yauch.

Os Beasties estão lançando mais um LP, *Hello Nasty*, outro raio-X urbanóide movido a samples, *beats* e *scratches*. Um pouco menos barulhento que os dois álbuns anteriores, *Check Your Head* e *Ill Communication*, mas sem grandes mudanças em relação ao som do grupo. Tal um belo paradoxo: sempre influenciados por muitos, os BB não mudam nunca. Há doze anos fazem a mesma coisa.

Os Três Patetas do rap amadureceram, é verdade, e hoje dificilmente tenham a cara-de-pau de compor besteiradas bem sacadas como "Fight For Your Right (To Party)" ou "No Sleep Til Brooklyn". Os Beasties versão 98 organizam shows em prol da independência do Tibete e têm sua própria gravadora (Grand Royal, casa de Luscious Jackson e Sean Lennon). Mas, por mais politizados e cabeçudos que sejam, suas letras ainda falam de um DJ que enlouquece as gatas ou de festas que varam a madrugada (H.R., vocalista dos Bad Brains, conta sobre uma antológica orgia de pizza, maconha e mulheres que durou duas semanas e deixou o lar dos Beasties parecendo Pompéia depois da erupção).

Hello Nasty é resultado de três anos e meio de experimentações. Enquanto a maioria das bandas gosta de se isolar num estúdio para gravar, os Beastie Boys incentivam a interação com a cidade. Gravaram quase tudo num pequeno estúdio particular, localizado num prédio comercial. "Por causa do barulho, só podemos entrar no estúdio depois das seis da tarde", diz Mike D.

O processo de composição é lentíssimo. Adam Yauch explica. "Geralmente nos reunimos para ouvir discos e trocar idéias. Daí alguém mostra algum riff ou groove e, se os outros gostam, começamos a compor em cima." Se dependesse dos três, os discos não ficariam prontos nunca. "Na maioria das vezes, a gravadora fica cansada de esperar e nos dá um prazo", continua Yauch. "Por nós, continuaríamos experimentando e mudando as músicas sempre."

Os três quase caíram de joelhos quando o produtor Mario Caldato Jr. (responsável pelo último disco do Planet Hemp e pelo álbum solo de Marcelo D2) lhes mostrou uma fita de Jorge Ben. "O Mario é fã número um do Jorge. Fez uma seleção das melhores músicas, coisas do início dos anos 70. Ficamos impressionados com o suingue e o ritmo, me lembrou Al Green", conta Yauch. "A influência do nosso Babulina é nítida em faixas como "Song For The Man" e na instrumental "Song For Junior". Em "I Don't Know", a inspiração é óbvia, um banquinho, um violão... Bossa nova? "Sim," diz Yauch, "ouvimos muito Jobim". Mike D se diz fã dos Mutantes e da Tropicália, o que pode ser comprovado pelas várias passagens latinas-psicodélicas de *Hello Nasty*.

O disco tem participações especiais de Yuka Honda – cantora do Cibo Matto e namorada de Sean Lennon, na faixa "Picture This" – e do lendário produtor jamaicano Lee "Scratch" Perry, na canção-tributo "Dr. Lee, Ph.D." Outra novidade é a presença do DJ Mixmaster Mike, da equipe Invisibl Skratch Piklz, substituindo o DJ Hurricane. A participação de Lee Perry reflete bem o improviso que marca as gravações dos BB: Perry estava na cidade para fazer um show e foi convidado a visitar o trio no estúdio. Chegando lá, escreveu uma letra na hora e gravou sua voz sobre uma base drum'n'bass. Acabou tocando também percussão e flauta. Sem ensaio, sem nada.

Antes de sair numa turnê mundial – que pode incluir o Brasil –, os Beastie Boys trabalham na finalização de um documentário sobre o *Tibetan Freedom Concert*, mega show que organizaram para ajudar os monges tibetanos que lutam contra a perseguição do governo chinês.

O interesse pela causa nasceu em 1992, quando Adam Yauch, viajando de férias pelo Nepal, conheceu um grupo de refugiados e ficou tocado pelas histórias de barbárie e intolerância. Yauch se converteu ao budismo e fundou uma organização, a Milarepa, para denunciar o governo chinês. O ativismo custou caro ao grupo: um representante do governo chinês afirmou que todos os artistas que participaram do *Tibetan Freedom Concert* estariam proibidos de tocar e vender seus discos na China e até mesmo de visitar o Tibete. "Acho ótimo, isso prova que estamos incomodando o governo. Não estarei satisfeito enquanto o Tibete não estiver livre!", brada Yauch.

A cruzada budista tomou tanto tempo de Yauch e companhia que eles adiaram o lançamento de *Hello Nasty* por mais de um ano. Foram quatro anos entre esse álbum e o último, *Ill Communication*. "Sabemos que são poucos os grupos que podem escolher a hora de lançar seus discos", diz Mike D, "mas é assim que sabemos trabalhar." É fácil entender por quê: em quase vinte anos de carreira, o trio só lançou cinco LPs oficiais, além de alguns poucos EPs.

Verdade seja dita: não foi só Buda quem tomou o tempo do grupo. Além de gerenciar sua própria gravadora e editar uma revista (também chamada *Grand Royal*), os três arrumaram um tempinho para lançar *Aglio e Olio*, um EP de oito faixas (e 11 minutos) que lembra os tempos em que os Beastie Boys eram uma das bandas hardcore mais pesadas da cidade. Antes de conhecer o hip hop, lá por 1979, Adam Yauch e Mike D (então Mike Diamond) fundaram o grupo com a baterista Kate Schellenbach (hoje no Luscious Jackson) e o guitarrista John Berry. Adam Horowitz só se juntou a eles quatro anos depois. "Nossos primeiros shows foram a dois quarteirões daqui, no Max's Kansas City, abrindo para o Bad Brains", conta Adam Yauch, apontando pela janela. Eles tocaram em inesquecíveis matinês do CBGB's, onde viram de perto Discharge, Agnostic Front e Dead Boys.

Os meninos brancos foram fisgados pelo rap quando passaram a frequentar clubes no Bronx. Em 1986, com o produtor Rick Rubin, gravaram o primeiro híbrido punk rap-metal, *Licensed to Ill*, e abriram os shows do Run-DMC. O resto é história. Hoje, em cada país do planeta, há branquelos falando como os negões do Bronx. "Acho incrível quando vou a países da América do Sul, que nada têm a ver com rap, e vejo a garotada vestida igualzinho aos rappers daqui e falando as mesmas gírias," diz Yauch. "Sei que tivemos influência grande na popularização do rap, mas não consigo acreditar. Tudo que fizemos até hoje foi de brincadeira. Nunca achamos que fossem levar a sério." ⚡

Ponta-de-lança brasileiro no contra-ataque

Ironia do destino: os Beastie Boys, influência de nove entre dez bandas da nova geração brasileira (assumidamente ou não, conscientemente ou não, Planet Hemp, Charlie Brown Jr., Pavilhão 9, Funk Fuckers e Squeeze se embriagaram nessa fonte), hoje babam por clássicos nacionais de outros tempos. Mais especificamente, pela fase tropicalista de Jorge Ben.

A fase anos 70 de Jorge Ben inspira os Beastie Boys

Depois de uma estréia de impacto com *Samba Esquema Novo* – que trazia o instantâneo megahit "Mas Que Nada" – Jorge então Ben viu suas vendas no Brasil declinarem até o final dos anos 60. O processo só foi revertido por uma virada tropicalista em 1969.

Teve início então a fase considerada por muitos críticos como a mais inspirada de sua carreira: a seqüência *Jorge Ben* (1969), *Força Bruta* (1970), *Negro É Lindo* (1971), *Ben* (1972), *A Tábua de Esmeralda* (1974), *Gil E Jorge* (1975), *Solta O Pavão* (1975), *Jorge Ben & L'Olympia* (1975) e *África Brasil* (1976).

"País Tropical" e "Charles Anjo 45" foram os carros-chefes do primeiro disco desta fase, que rendeu pelo menos dois outros álbuns fundamentais: *A Tábua De Esmeralda*, marcado pelo violão percussivo e pelas cordas orquestradas, e *Gil E Jorge*, jam de estúdio com os dois mestres e seus violões. (Danilo Monteiro)

COM AS CORDAS TODAS

TITÃS preparam o sucessor de *Acústico* com arranjos de Eumir Deodato, o brasileiro que embalou sons de Frank Sinatra a Björk

por SÍLVIO ESSINGER
fotos DANIELA DACORSO

Hora de decisão para os Titãs. Depois de um *Acústico* que impulsionou a carreira da banda a patamares impensáveis de sucesso, o que seria mais razoável? Repetir-se num *Acustico II* ou liberar as guitarras e partir para outra, com gás renovado? Reunidos com o produtor Liminha no estúdio Nas Nuvens (onde gravaram o clássico *Cabeça Dinossauro*, em 1986), os sete integrantes do grupo equacionaram a questão de forma diplomática. O novo e tão aguardado disco *Volume Dois*, que sai em agosto, será predominantemente acústico sim, mas com um conceito mais flexível – a eletricidade entra, porém timidamente.

A grande cartada para o CD foi dada no fim de maio. De passagem pelo Brasil, o arranjador e produtor Eumir Deodato (há trinta anos radicado nos EUA) aceitou o convite dos Titãs para fazer no novo disco o mesmo que fez para Tom Jobim, Elis Regina, Milton Nascimento, Kool & The Gang e, mais recentemente, Björk: escrever aqueles arranjos de cordas e metais que deixam todo mundo de boca aberta.

A marca do ex-menino-prodígio que começou com a bossa nova é esta virtuosismo com versatilidade. Eumir Deodato partiu para os EUA em 1967, fez carreira como artista pop (é sua a multiplatinada versão disco de "Also Sprach Zarathustra", de Richard Strauss) e produtor (que pôs o Kool & The Gang no ponto para o megaestrelato) e hoje, depois de trabalhar com Björk, faz seu nome circular pelos descolados circuitos do drum'n'bass.

Ele vinha se aproximando aos poucos dos novos sons brasileiros. Ano passado, quase produziu um disco para Fernanda Abreu e, já evitando os trabalhos como produtor ("extenuantes", alegal), escreveu as cordas para uma música do CD de estreia da banda baiana Penelope Charmosa. No vai e vem ao Brasil, tomou gosto, paralelamente ao trabalho com os Titãs, faz arranjos para o novo trabalho de Carlinhos Brown. »»

Os Titãs (destacados de Sergio Britto) com o produtor Liminha *(da esquerda para a direita, o terceiro)* e Eumir Deodato *(de óculos escuros)*

Deodato pretende também reunir os Titãs e boa parte do pop nacional em participações no seu primeiro disco solo em sete anos, que sai até dezembro. Misturando drum'n'bass com as sonoridades jazz-funk de seus LPs dos anos 70, o álbum tem duas faixas produzidas por uma das maiores autoridades inglesas do jungle: LTJ Bukem.

O primeiro encontro de Deodato com os Titãs foi no Nas Nuvens, quando a banda gravava as bases para o disco. O trabalho do septeto terminou em junho. No fim do mês, o arranjador voltou a Nova York, onde mora, para decidir com os integrantes que músicas mereceriam cobertura de cordas e metais. Ele elogiou o resultado obtido com Jacques Morelenbaum no *Acústico*, o primeiro CD dos Titãs que havia ouvido até então: "A simplicidade e a honestidade do álbum falam por si mesmas". Mas, para o novo disco, promete: "Gosto de pauleira e vai ser pauleira mesmo. Algo bem diferente".

Se há uma coisa em que ele não pensa é em "enfeitar", deixar rococó o trabalho da banda. "Sou mais conhecido pelo que não escrevo do que pelo que escrevo. Minhas pausas soam bem bê-á-bá", brinca. Liminha, o produtor do disco, assina embaixo: "Vamos ser a dupla deixa-que-eu-deixo. Sempre dizem que, na hora de produzir, eu mando o Lima *[nota do tradutor: em gíria carioca, mandar o Lima = limar, tirar]*". "Esse disco, pelo jeito, vai ser em braile", arrasa o baixista Nando Reis. No estúdio, eventualmente, abria-se uma exceção para uma guitarra no limite da distorção ou um baixo otétrico. Nada, porém, que pudesse atrapalhar a canção. "No *Acústico* a gente aprendeu a valorizar melodias e letras", diz o guitarrista Marcelo Fromer.

Marcelo Fromer, Eucnir Deodato e Toni Bellotto discutem *Volume 2*

Oito regravações, seis inéditas, um *medley* de sambas sobre polícia e arranjos sofisticados, mas sem frescura

A estrutura decidida para o repertório foi mais ou menos a mesma do disco anterior: oito regravações, seis músicas inéditas e duas covers. "Somfera Ilha", "Insensível", "Toda Cor" e "Desordem" eram algumas das que receberam nova versão. "Tem muita música em que a gente tinha vontade de mexer", conta Fromer. Há que se lembrar aí do caso de "Pra Dizer Adeus", um reggae discreto do disco *Televisão* que renasceu balada no *Acústico*. Era cabível dar outro tratamento às músicas. Em alguns casos, passaram-se até quinze anos", defende Toni Bellotto.

A máquina de composição dos Titãs, por seu lado, continua bem ativa. "Quanto mais a gente vai trabalhando na estrada, mais fértil fica", teoriza Bellotto. "O melhor lugar para se compor é o quarto de hotel", interfere Nando. "Não tem telefone, criança chorando,...", emenda o pai dos filhos de Malu Mader. "Eu E Ela", "Amanhã Não Se Sabe", "Caras Como Eu", "Senhora E Senhor", "Era Uma Vez" e "Sua Impossível Chama" são algumas das que vão entrar no disco. Nando e o vocalista Sérgio Britto mais uma vez vieram com o maior volume de composições. Os outros integrantes garantem, porém, que ainda vigora a democracia nos Titãs. "Não tem regra para quem entra mais com músicas", jura o vocalista Paulo Miklos. Novidades à parte, eles acharam que não podiam faltar umas covers. Entre as escolhidas, "É Preciso Saber Viver (de Roberto e Erasmo Carlos) e do samba "Senhor Delegado", que entra num *medley* organizado por Britto (o mais sambista dos Titãs) só com canções sobre polícia.

Depois do lançamento do disco, os Titãs querem voltar à estrada com os nove músicos – quatro nas cordas, quatro nos metais e um percussionista – da formação camerística do *Acústico*. "A gente não vai largar os caras. Foi um esforço danado para manter essa estrutura", conta Fromer, prometendo que a turnê só acaba na Copa da Coréia. Atualmente, a banda está deslumbrada com os shows em feiras agropecuárias no interior. "A gente se realiza", confessa o vocalista Branco Melo. Com público de até 40 mil pessoas em cada apresentação dessas, carreira internacional é algo que passa cada vez mais longe da cabeça dos Titãs. "A natureza da banda não facilita", resume Fromer.

Tem dedo de Deodato em...

"KILLING ME SOFTLY" – O arranjo original do sucesso gravado por Roberta Flack (e revisitado pelos Fugees) é dele mesmo.
"CELEBRATION", **"GET DOWN ON IT"** e **"LADIES' NIGHT"** – Três dos últimos hits da era disco, lançados em 1979 pelo Kool & The Gang.
"TRAVESSIA" – Sim, o clássico de Milton Nascimento.
"ALSO SPRACH ZARATHUSTRA" – Versão jazz-funk da peça de Richard Strauss, hit nos anos 70, na esteira do filme *2001 – Uma Odisséia No Espaço*.
"GIRL FROM IPANEMA" – A gravação incluída no disco *Tide* (1970), de Tom Jobim. Aliás, Deodato arranjou o álbum inteiro.
"ISOBEL" e **"JOGA"** – Coisas da islandesa Bjork.
"LOBO BOBO" – O primeiro sucesso de Wilson Simonal.

Cassiano, 55 anos, autor de "A Lua E Eu", "Primavera" e "Coleção", gravou só dois discos nos últimos vinte anos

Cassiano

A lenda que se vive

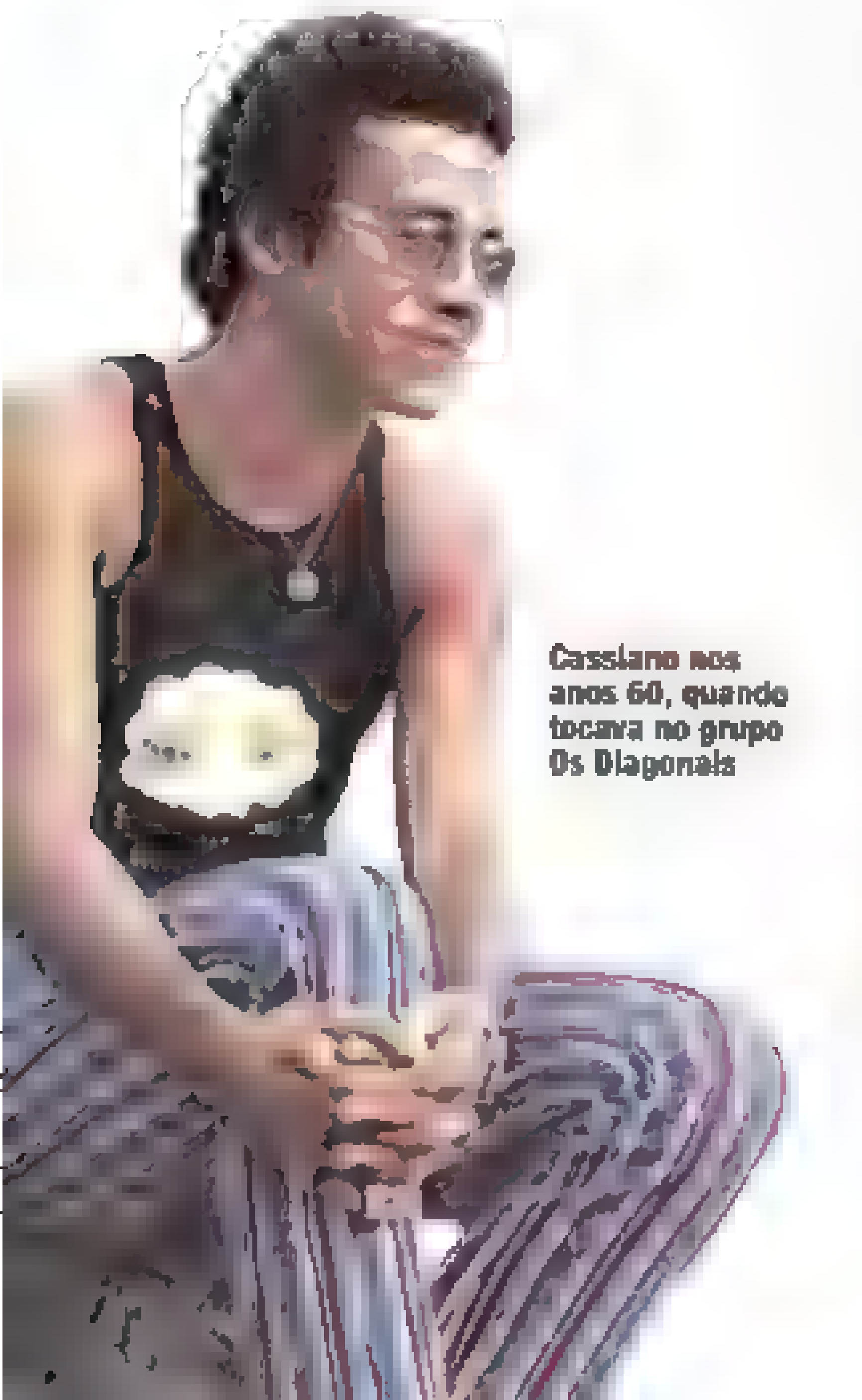
Com Tim Maia, ele revolucionou a música brasileira nos anos 70. Problemas de saúde e a fama de artista difícil atrapalharam sua carreira, mas o talento ainda pulsa...

por VALERIA ROSSI e LUCIANO VIANNA – fotos ISABEL BECKER

O [illegible] quan[illegible] de um an[illegible] atende pelo nome de G[illegible] Sim, depois da morte de [illegible] var há sete anos, Cassia[illegible] si o título de rei do soul [illegible] mais o que fazer. Está em [illegible] do para [illegible] Paraibano [illegible] gos o conhecem [illegible] filhos de uma família [illegible] batismo musical foi aos 5 anos [illegible] cerimônia foi Jackson do Pandei[illegible] que levou uma bela mijada no [illegible] 4 ou 5 anos. Jackso[illegible] o meu pai, que [illegible] saraus todo [illegible] da PM [illegible] »

"O autor de 'Coleção' e 'Primavera' perdeu um pulmão e precisou reaprender a tocar violão, mas continua compondo"

A vida amorosa do pai namoradeiro, provocou a mudança da família para o Rio de Janeiro. Cassiano vivia no subúrbio da Piedade e dividia seu tempo entre o violão, os biros em orquestras e o trabalho pesado de ajudante de pedreiro. "Foi nessa cabecinha-de-porco onde eu morava que compus 'Primavera', meu primeiro sucesso. A minha vida era a maior correria: trabalhava a manhã toda de sábado com meu pai, me lavava um pouco na hora do almoço e saía correndo para a rádio com as unhas cheias de cimento e cal. Tocava com nomes grandes na época, como Wanderley Cardoso. Fazia isso por amor. Você nem sente que é pobre, o que importa é a música. Deus quis isso", acredita.



Cassiano nos anos 60, quando tocava no grupo Os Diagonais

Foi mais ou menos nessa época, no começo dos anos 60, que topou com Tim Maia pela primeira vez. O encontro pode ser considerado o marco zero do soul brasileiro. "A minha história com o Tim é um pouco triste, mas é bonita. Nossa carreira é parecida com a do marginal: o cara entra e não sabe no que vai dar, mas ele entra", compara Cassiano. "Conheci o Tim numa firma de produções artísticas que ficava no Centro do Rio e mandava mulatas para a Itália. A primeira vez que o vi, ele estava cantando uma música do Erasmo Carlos. Era bonito demais, lindo mesmo. Fizemos amizade e daí em diante fomos muito ligados."

Tim e Cassiano eram conhecidos como uma dupla da pesada, levavam a sério o estilo de vida de "músico doidão". Bons de copo e adeptos de outros aditivos, eles aprontaram horrores pela noite do Rio e de São Paulo. "O Tim sempre foi muito doidão, sem palavra, irresponsável desde jovem. Um dia marquei um almoço com ele lá em casa e a minha família ficou esperando até as 6 da tarde... e nada do Tim." O atraso, daquela vez, foi justificado: Tim havia roubado uma cadeira para comprar drogas e acabou preso.

Os dois só foram se reencontrar, por acaso, em São Paulo. Em 1966, Cassiano tentava a sorte tocando na boate Cave, lugar da moda então. Numa tarde, comendo um sanduíche de mortadela com Coca-Cola num boteco da Rua da Consolação, o paraibano escuta alguém gritando seu nome. "Era o Tim, carequinha, dentro de um ônibus. O cara tinha acabado de sair da prisão e resolveu ir pra São Paulo. Já tava doidão e começou a se apresentar com a gente na Cave dali em diante. O Roberto Carlos freqüentava muito a boate e o Tim ia direto na casa dele pedir uma grana emprestada. Acabava sempre voltando com algumas roupas e botas apertadas do Roberto. Ele ficava meio p..., mas aceitava."

Lá pelos idos de 1969, a dupla gravou um compacto com "Primavera", na Phillips, mas o disquinho nem chegou a ser distribuído direito. Naquele mesmo ano, Cassiano passou um tempo tocando no Nordeste. Quando voltou, descobriu Tim na casa de Deus. "Ele morava de favor na casa de um amigo que apelidou de Deus. Tim dizia, com aquele vozeirão: 'Cassiano, vamos tomar uns gorós na casa de Deus'. Era muito doido."

O compacto felizmente caiu nas mãos do produtor Nelson Motta, que deu a maior força. A bolacha foi então para as prateleiras das lojas e "Primavera", na interpretação de Tim Maia, virou sucesso – o primeiro da carreira de Cassiano. Coincidência ou não, o disco foi um dos primeiros a ser comprados por Fernanda Abreu. "Assim que ouvi virei fã incondicional", conta ela.

"A Lua E Eu" foi outro grande sucesso. Composta em 1973, a música só foi gravada três anos depois, mas estourou na trilha da novela *O Grito*, também com uma força de Nelson Motta. Ivete Sangalo, na época uma menina, lembra até hoje a aparição do clipe no *Fantástico*. "O Cassiano com uma calça boca-de-sino cantando perto do mar... Fiquei doida por ele", confessa a cantora, que guarda na manga para seu primeiro disco solo a balada "Postal", uma das novas composições do ídolo, presente de Cassi para ela.

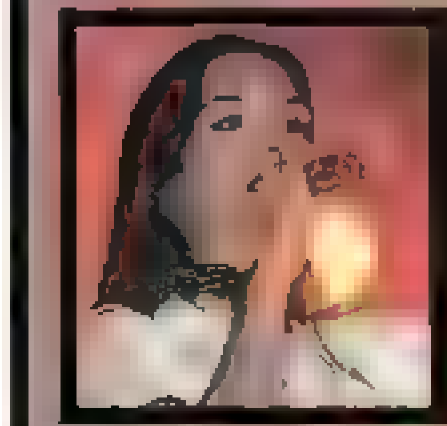
Regravada por 35 artistas, "A Lua E Eu" foi feita com Paulo Zdanowski (então com apenas 19 anos), o maior parceiro de Cassiano. "Normalmente ele fazia a melodia e eu cuidava das letras. Com 'A Lua', foi diferente: nós dois fizemos um pouco de cada coisa", lembra Paulo. Ele conheceu Cassiano com 16 anos e se orgulha de ter produzido *Cuban Soul*, clássico álbum que o paraibano lançou em 1976. "Era um trabalho artesanal, a gente colocava orquestra no estúdio, dobrava vozes, jogava três baterias numa faixa!" Paulo, que é médico, também tocou no grupo Brylho (do hit "A Noite Vai Ser Boa") com Claudio Zoli. Ele garante que tem "pelo menos vinte clássicos inéditos" da parceria com Cassiano na gaveta.

O último disco gravado pelo cantor foi *Cedo Ou Tarde*, lançado em 1991 pela Sony. Ele vinha de quinze anos sem gravar, tinha acabado de perder um pulmão, resultado de uma tuberculose que quase o matou. O álbum contou com participações de Marisa Monte, Djavan, Ed Motta, Sandra de Sá e Claudio Zoli em músicas inéditas e regravações. Tim Maia, escalação obrigatória num projeto desse tipo, acabou não participando. Ele e Cassiano haviam brigado por direitos autorais na década anterior. O paraibano procurou o amigo e pediu que ele esquecesse tudo e participasse de *Cedo Ou Tarde*, mas Tim não o perdoou. E não topou.

Cassiano considera o resultado do disco muito bom, apesar do desfalque. Tanto que na parede do quarto de ensaios, em sua casa, ele mantém um pôster da capa. As gravações transcorreram sem problemas – praticamente. "Os convidados deram o máximo. Djavan, por exemplo, refez três vezes sua participação", conta o produtor Liber Gadelha. Ele admite, contudo, que *Cedo Ou Tarde* foi um disco trabalhoso. "O Cassiano é um gênio, mas não é muito claro na forma de fazer as coisas".

A reputação de "artista difícil", no trabalhar e no convívio, vem dos anos 70. O próprio Cassiano lembra como era árduo tocar com ele naquela época. Ed Motta diagnostica o problema maior do cantor que considera seu "pai musical": "Tem gente que é doida, mas só quando convém, como João Gilberto, Tim Maia e João Donato. Cassiano não, ele é porra-louca o tempo todo, não quer nem saber. Ainda assim, acho uma vergonha ele não ser falado e tratado como gênio no Brasil ou lá fora, onde o som black brasileiro tem projeção". Cassiano tenta explicar: "Eu era muito perfeccionista". Em seguida, admite: "Brigava muito por besteira. Hoje em dia estou mudado e não me irrito tão fácil", assume. »

FÃ-CLUBE ILUSTRE



"É meu ídolo, sou pirada por ele desde menina. Imito muito o jeito dele de cantar. Compositor, arranjador e cantor completo, a única coisa que falta para Cassiano é ser tocado no rádio."

"É um gênio. Me influenciou muito mais que o Tim Maia, que todo mundo associa a mim. Ouço Cassiano desde antes de nascer: ele e o Tim ensaiavam na casa da minha mãe, quando ela estava grávida de mim. Ele é um dos meus pais musicais."

"O que mais me impressiona é o jeito como ele divide a melodia e a respiração quando canta. É sempre surpreendente. Ele é um músico intuitivo, que sabe tudo e tem muito suingue. Quem saca de música, se emociona."

"CASSIANO E TIM MAIA MUDARAM A MPB NUM MOMENTO CHATÍSSIMO"

por NELSON MOTTA

Quando ouvi pela primeira vez o Tim Maia, fiquei louco – de alegria. Era "Primavera", do Cassiano. E logo quis saber quem era aquele compositor genial. Ficamos amigos.

Nesse tempo eu produzia as trilhas das novelas da Globo e, na primeira oportunidade, coloquei uma música do Cassiano que viria a se tornar um de seus clássicos, a lindíssima, pungente e ultramoderna "A Lua E Eu" ("Quando olho no espelho/ estou ficando velho e acabado..."). A novela era *O Grito*, de Jorge Andrade, bem chata, mas a música virou um dos dois únicos "sucessos populares" do querido amigo (a outra, "Primavera").

Tim e Cassiano modernizaram a música brasileira no início dos 70 como se fossem João Gilberto e Tom Jobim nos 50. A MPB estava num impasse perigoso. A Tropicália tinha se dissolvido com o exílio de Gil e Caetano, a MPBzona "de raiz" já tinha passado da sua hora, perdido a parada, mas insistia. O rock era incipiente e desprezado pelas "elites musicais", apaixonadas por um Tropicalismo que não existia mais. Rita Lee e os Mutantes eram exceção, mas o rock deles era alegre e irreverente demais para aqueles anos de chumbo.

Havia, por outro lado, uma exigência de "participação política". Tudo muito sério e muito chato. Foi quando ouvi o Tim e o Cassiano. Eles, sim, traziam uma saída: uma aproximação da música popular brasileira não mais com o rock inglês, como no Tropicalismo, mas com o som da Motown, funk e soul americano, negro, visceral, muito mais próximo de nós. Foi assim que Tim e o paraibano Genival Cassiano começaram a misturar a Motown com o sertão.

Tim criou, também para uma novela, um xaxado funk ge-ni-al, que se chamava "Padre Cícero" (mas no final ele gritava, com o vibrato tremendo e arrebentando as caixas, *"Father Cicero! Father Cicero!"*). De quebra, gravou uma versão sensacional do "Coronel Antônio Bento", de Luiz Wanderley, misturando a caatinga com Detroit: uma porrada! Com Tim e Cassiano a música brasileira encontrou uma nova via, mais internacional – e mais brasileira.

Assim como Tim, Cassiano também sempre foi muito doidão e com uma personalidade muito especial. Sumia por tempos, esteve doente, se afastava dos amigos. Só o reencontrei nos anos 80, quando ajudei no que pude, mostrando suas músicas para Marisa Monte, falando dele no jornal e na TV, até que finalmente o Liber Gadelha produziu um disco dele para a Sony.

Cassiano trouxe para o soul brasileiro a sofisticação harmônica, o fraseado surpreendente, as dissonâncias que eram tão próximas... da bossa nova! Tim trouxe a batida, o beat, as melodias simples e diretas, o vozerão que estava em falta na MPB (todo mundo cantava baixinho; Chico, Caetano, Nara Leão, ninguém se considerava cantor – e, perto do Tim, não eram mesmo...). Veio com sua voz de trovão e os trejeitos, fraseados, gritos e vibratos típicos da negada da Motown, que o Brasil desconhecia. Cassiano trouxe as melodias e harmonias intrincadas, surpreendentes, dissonantes – espantoso para alguém que não teve a formação musical de um Tom Jobim ou um Edu Lobo. Era espantoso ouvir o que criava aquele neguinho da Paraíba, no puro instinto, na espontaneidade.

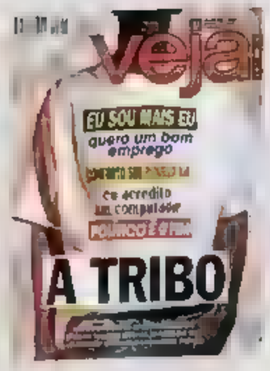
Tim e Cassiano, eis uma dupla que mudou o rumo, para melhor, da música brasileira num momento decisivo – e chatíssimo – de sua história.

Depois do lançamento do último disco, em 1991, ele montou uma banda e passou mais de um ano fazendo shows pelo Brasil. A partir de 1993 as aparições foram ficando cada vez mais raras. Mas Cassiano montou em seu apartamento – onde vive com a irmã e um sobrinho – um quartinho onde compõe novas músicas. No quarto, nada moderno, um violão de seis cordas de náilon, uma guitarra Fender Stratocaster e um piano elétrico Rhodes (o tal comprado no jornal, *Balcão*), além de pôsteres de discos clássicos de Barry White, Stevie Wonder e do próprio Cassiano. Apesar de tocar violão como poucos, o piano agora é o instrumento preferido para compor. "Há pouco mais de um ano, tomei umas cachaças e acabei caindo com uma garrafa de vinho na minha mão, que ficou inchada por bastante tempo, o que me impediu de compor no violão. Resolvi tentar o piano e acabou dando mais certo do que eu esperava. Agora já fiz um tratamento e tenho firmeza para tocar novamente violão, mas prefiro compor no piano."

A notícia de que há composições novas de Cassiano tem se espalhado e despertou o interesse do baterista Guto Goffi, do Barão Vermelho. "Estive na casa dele e tive o prazer de ouvir algumas músicas mas para trabalharmos juntos ainda temos que encontrar uma tangente em comum porque temos pontos de vista muito diferentes. Gostaria de produzir seu disco e fazer com ele uma coisa parecida com o que o Memê fez no último CD do Barão: dar uma roupagem nova a um estilo consagrado. Mas o Cassi, que é um compositor muito sofisticado, tem um formato bem resolvido na cabeça. Torço muito para dar certo, mas a gente ainda tem que conversar muito", conta Guto.

Seja qual for o resultado, a fama não é – nem nunca foi – prioridade para Cassiano. "De forma alguma guardo mágoas de não ter ficado tão conhecido quanto meu parceiro Tim Maia. Antes de ser cantor, eu era um músico. Apanhei muito da vida e aprendi a dar valor a todas as conquistas. Sempre quis ser um artista na margem, sem precisar colocar roupas de tal marca ou tocar em programas combinados. Me sinto orgulhoso de tudo que consegui apenas com o meu talento. Não me arrependo de nada. Meus maiores conflitos eram comigo mesmo, pois tocar soul não é uma coisa fácil, é como querer fazer uma obra de Aleijadinho sem nunca ter pego na marreta, não é para qualquer um."

Você bate papo ou apanha?



veja
Indispensável

Enfim, glamour

Bonita e discreta, NATALIE IMBRUGLIA faz sucesso sem expor traumas nem baixarias da vida pessoal

por LETÍCIA CALMON

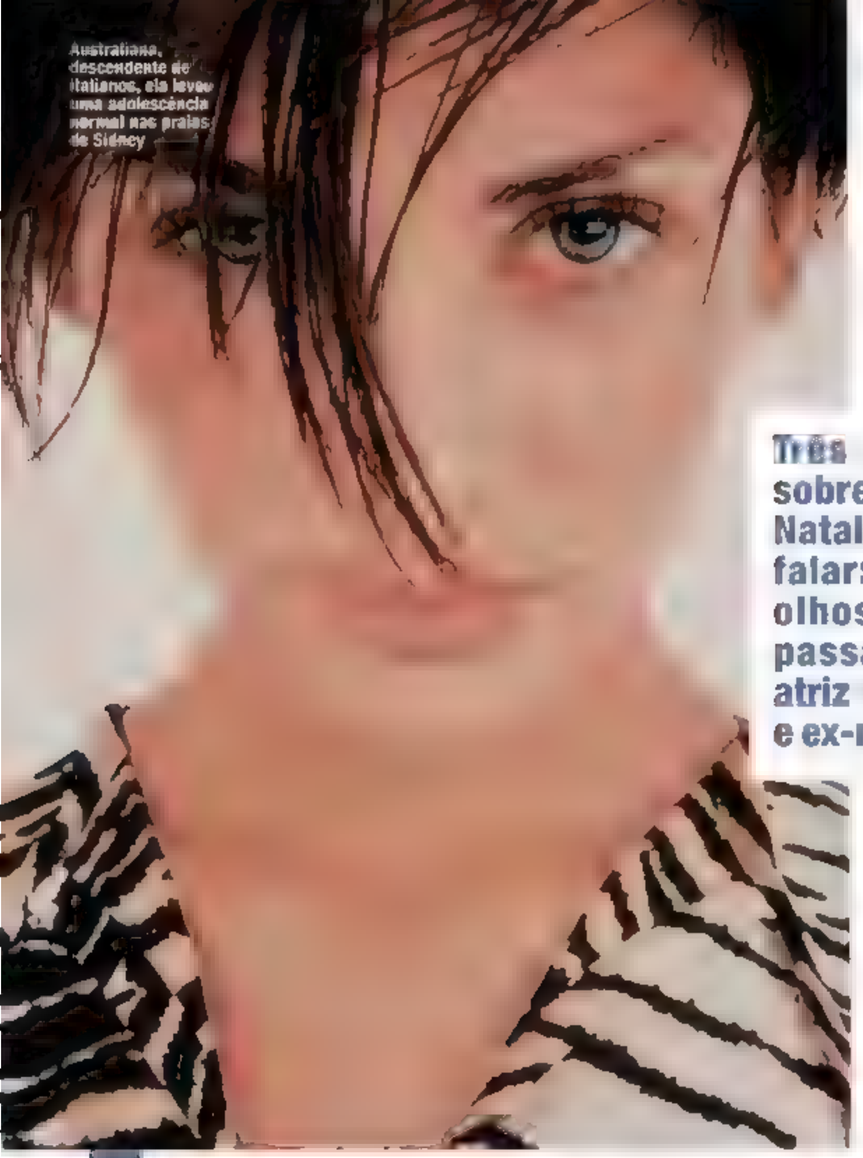
A nova geração de cantoras pop internacionais costuma pisar no topo das paradas espalhando informações pitorescas. Alanis Morissette ia ao cinema para fazer sexo oral no namorado, como narra a letra de seu hit "You Oughta Know". Sarah McLachlan, ela mesma confessou, sofre de flatulência. Fiona Apple sofreu um estupro no começo da adolescência, assunto obrigatório em todas as suas entrevistas.

Em meio a esse festival de indiscrições, a chegada da australiana Natalie Imbruglia ao primeiro lugar em diversos países da Europa e da América Latina é quase um bálsamo. Apesar de já ter declarado que o inferno (com diabinho e tudo) a interessa bastante, a intérprete de "Torn" é taxativa na conversa com SHOWBIZZ: "Sou uma boa menina. Meu negócio é Deus". Somada aos traços angelicais e a outras predileções da moça (o filme *Bagdad Café*, a cor azul, ioga, comida japonesa), a frase é esclarecedora. trata-se de uma moça normal, do bem.

Por outros motivos, ligados a méritos artísticos, o semanário britânico *New Musical Express* deu nota oito para seu disco de estréia, *Left Of The Middle*. Uma revolução e tanto, considerando-se que a credibilidade inicial de Natalie na Inglaterra [illegible] pela novelinha australiana [illegible] *Neighbours*, em que atuou durante dois anos, dos 17 aos 19. O estouro de "Torn", porém, a fez ir muito mais longe.

NATALIE IMBRUGLIA

SHOWBIZZ



Três coisinhas sobre as quais Natalie detesta falar: os belos olhos azuis, o passado como atriz de seriado e ex-namorados

A balada que bota na boca de Natalie palavras como "estou com frio e envergonhada, deitada nua no chão" é daqueles hits infalíveis, um momento inspirado de seu compositor, o produtor Phil Thornally, ex-baixista do Cure. "Torn" já havia sido gravada por uma cantora norueguesa há dois anos e atingido o primeiro lugar – na parada da Noruega. O álbum *Left Of The Middle*, contudo, tem várias composições da própria Natalie e outros trunfos para estar como está, entre os dez mais vendidos no mundo inteiro.

Entrevistar uma cantora tão na crista da onda requer quase um esquema de guerra. Haja paciência (para esperar a vez, depois de mais de vinte jornalistas latino-americanos) e rapidez (para entrar no esquema em que tudo é cronometrado). Depois de repetir a 200 repórteres diferentes que não se acha bonita, Natalie faz força para dar respostas com cem por cento de boa vontade. Admite, porém, que odeia falar sobre três coisas, nesta ordem: sua beleza, seus ex-namorados e *Neighbours*. "Não me pergunte a parte mais bonita do meu corpo porque não vou saber responder!", resmunga. Só para provocar, então: o que Natalie mais curte em si mesma? "Minha boca. Como comeria sem ela? *(risos)* Falando sério, o que faz a diferença para me achar bonita é o humor. Mas de manhã, ao despertar, nunca me olho feliz para o espelho!"

Seu relacionamento mais notório foi com David Schrimmer, ator de *Friends*, seriado americano sobre seis vizinhos jovens sexualmente liberados e um tanto quanto tapados. "Tomei a decisão de não fazer comentários sobre meus ex-namorados. O problema não é com David", rebate. Aliás, no momento, namorado nenhum tem vez com Natalie. "Há artistas que conseguem encaixar uma vida amorosa no tempo livre. Por enquanto, não sei lidar com isso."

A passagem por *Neighbours* tirou da moça o apetite por trabalhos em TV, cinema ou teatro por um bom tempo. Para extravasar o lado atriz, bastam os vídeos. "É exatamente por isso que adoro filmar os clipes, só para atuar um pouquinho." Esperta, a menina. No vídeo de "Torn", por exemplo, ela contracena com um louro alto e aproveita para lascar-lhe aquele tipo de beijo que não se aprende num set. Jeremy (como Natalie se refere ao tal ator, sem sobrenome) foi escolhido pessoalmente por ela, no meio de um extenso *cast* de belíssimos exemplares masculinos.

Natalie segue rodando o planeta com sua turnê, que, quem sabe, aporta por aqui no ano que vem. "O esquema de shows é cansativo, mas tem suas compensações. Adoro minha banda! Com exceção do baterista, que já tocava no disco, os outros foram o primeiro grupo de pessoas que testei. Acabei com a audição na hora e os contratei." Nos intervalos, ela aproveita para compor canções do próximo disco, ainda sem data de lançamento.

"Eu diria que minhas letras são pessoais em mais da metade dos casos", define. "City", segundo ela, é das mais autobiográficas de *Left Of The Middle*. "Engraçado como esses amigos se esquecem de você quando você se cansa das brincadeiras deles", reflete a música, apontando o vazio da vida de festas e notadas.

A despeito do tom sombrio de algumas de suas canções, Natalie garante que não se deixa levar pelo lado *dark*. "A vida para mim é dividida em fases. Há tempos em que me assusto, mas agora, por exemplo, estou otimista." Em "Torn", ela canta "*I have no luck*" ("não tenho sorte"). Mas Natalie fecha a entrevista, tranqüila: "Sou uma menina de sorte". Com esse sucesso e esses olhos azuis, quem duvida?

EXCELENTE DISCOS
QUER SUA BANDA!
Mande sua Demo para
Av. das Nações Unidas, 7221
6º andar CEP 05422-970
São Paulo - SP
aos cuidados do
Departamento
Artístico
EXCELENTE
uma marca de
Abril Music

-E AÍ, VAI DEVOLVER MEU CUPOM OU NÃO VAI?

O FUTURO É DOS PEQUINOS

QUATRO RODAS DÁ O 1º NOVO FUSCA DO BRASIL

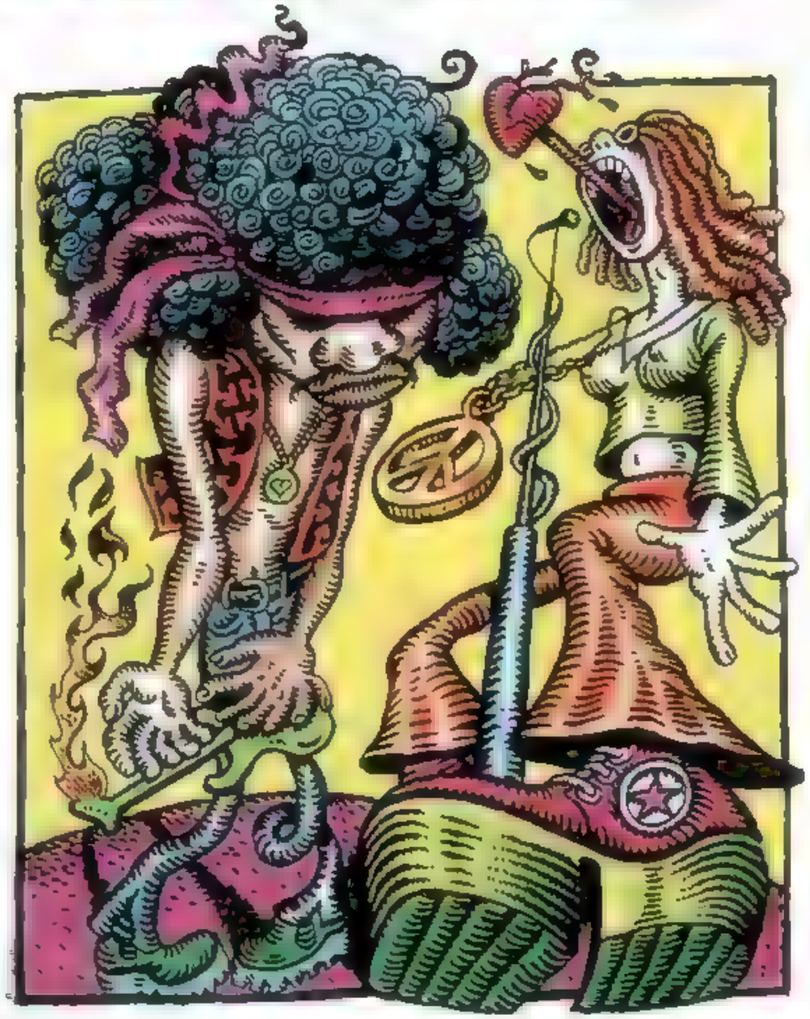
Pegue já seu cupom na Revista Quatro Rodas. Quando o prêmio é o Novo Fusca ninguém tem amigos.

Mortos ao vivo

DISCOS PÓSTUMOS DE JANIS JOPLIN E JIMI HENDRIX LEMBRAM A DÉCADA QUE NÃO QUER CALAR

JANIS JOPLIN
Live At Winterland 68 **7**
Columbia/Sony Music

THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE
BBC Sessions **10**
Universal Music



Ícones maiores da facção auto-destrutiva do rock'n'roll, Jimi e Janis voltam à tona mais uma vez em dois discos ao vivo. O CD de Janis, *Live At Winterland 68*, traz a maior cantora branca de blues de todos os tempos no exato momento em que chegava à fama. Depois de se lançar com uma banda de folk music do Texas, Janis se mandou para São Francisco em 1966. Entre quilos de heroína e galões de uísque, a cantora e a Big Brother lançaram dois discos fundamentais, *Big Brother & The Holding Company* e *Cheap Thrills*. Apesar das mais de um milhão de cópias vendidas, Janis logo sacou que a banda não honrava seu gogó e partiu para a carreira solo, encerrada em 4 de outubro de 1970 por uma overdose de heroína num quarto de hotel em Hollywood.

Este ao vivo deixa claro que Janis estava certíssima ao dispensar o grupo. Comparados ao vigor vocal da mulher, os marmanjos da Big Brother só batiam cabeça no meio-campo. Mas o disco merece uma contenda. Desconte as guitarras desafinadas e a zoeira total e desfrute Janis em seu apogeu. "Down On Me", "Piece Of My Heart", "Ball And Chain" e "Summertime" deixam qualquer mortal sem fôlego.

Já *BBC Sessions* é de chorar de alegria. Os seguidores do gênio podem se ajoelhar antes mesmo de a primeira faixa ser cortada pelo laser. Nos mesmos moldes que as *BBC Sessions* com Led Zeppelin e Yardbirds, o CD duplo traz clássicos de Jimi Hendrix, jams alucinadas e diálogos entre o guitarrista e os DJs da sisuda rádio estatal britânica.

O senhor supremo da Stratocaster inverte-se completamente à vontade. Reconstrói seus próprios clássicos ("Hey Joe", "Foxey Lady", "Voodoo Child", "Killing Floor") e paga tributo aos seus ídolos com versões de "Day Tripper" (Beatles), "Sunshine Of Your Love" (Cream), "Can You Please Crawl Out Of Your Window" (Bob Dylan) e "Hoochie Coochie Man" (Willie Dixon).

A melhor surpresa de *BBC Sessions* é o encontro único de Hendrix com Stevie Wonder, que assume a bateria em duas músicas – uma delas, "I Was Made To Love Her", é pura soul music. Uma pororoca de gênios que aconteceu quando Stevie pintou no estúdio por acaso.

BBC Sessions prova mais uma vez que Jimi Hendrix foi um caso sem parâmetros na história do pop. Ao contrário do que muitos podenam supor, o guitarrista nunca se achou um fenômeno, apenas tinha de conviver com o fato de que era diferente de todos à sua volta. Até na BBC ele chutava o pau da barraca. Quando era limado do ar, se limitava a dizer: "*Hey man*, estamos fora do ar".

E ligava o dane-se.

Helio Gomes

de Asian Dub Foundation

Budas do subúrbio

ASIAN DUB FOUNDATION
Rafi's Revenge
London/PolyGram

O Asian Dub Foundation não é dub, não é punk e muito menos tecno. Na verdade, apropria-se do melhor desses gêneros (os grooves e a pulsação) e acrescenta letras politizadas. Tudo temperado por mantras e timbres orientais, já enfronhados na alma do grupo

Rafi's Revenge abre novas perspectivas musicais até mesmo para o rock. Se hoje esse gênero peca pela falta de originalidade, o grupo formado por Chandrasonic (guitarra, vocais e programação), Deeder (rap e programação), Dr. Das (baixo, vocais e programação), Pandy G (samples e teclados) e Sun-J (teclados e movimentos "radicais") surge com um ritmo novo, vibrante - por exemplo, tente não mexer os musculos em "Change" ou "Hypocrite"

O discurso que muitas vezes faz falta ao tecno surge de sobra no disco. Suas musicas são relatos ricos, muitas vezes baseados em fatos reais, sobre a barra que é viver numa cidade (Londres), temendo ataques de grupos racistas. "Free Satpal Ram" defende o indiano de mesmo nome que cumpre prisão perpetua por matar um skinhead em legítima defesa; o personagem principal de "Assassin" arquiteta uma vingança contra o general inglês que ordenou o massacre a uma legião de indianos; "Black/Shite" e "Buzzin' " discutem o preconceito racial

Gravado nos estudios da On-U-Sound (que cu da do Dub Syndicate e de Lee Perry, papas do dub), *Rafi's Revenge* foi lançado no ano passado na França Chegou à Inglaterra no início de 1998, com aval de Bobby Gillespie, do Primal Scream – que considera o ADF a melhor banda da atualidade. Entre seus fãs do grupo está também Irvine Welsh, o autor de *Trainspotting*. A sensação que o CD proporciona ao ouvinte, porém, remete a outro conterrâneo da banda: o escritor Hanif Kureishi. Filho de pai indiano e mãe inglesa e autor dos romances *O Buda Do Subúrbio* e *O Álbum Negro*, ele também sabe como poucos relatar as contradições dessa mistura incrementada com elementos pop.

9

Sérgio Martins

Política na arte

[illegible]

Chandrasonic: É uma mistura de tudo o que a gente gosta e faz: jungle, hip hop, dub e funk. Eu toquei em bandas tecno antes de entrar no grupo.

[illegible]

Dr. Das: As letras são de todos, elas costumam nascer de debates e discussões sobre o dia-a-dia. É uma maneira inteligente de liberar a nossa raiva. Às vezes, alguém se ofende e pergunta: "Suas mensagens não são um pouco violentas?" Ora, se não nos expressarmos pela música, vamos sair pelas ruas batendo em alguém!

Chandrasonic: Eu fiquei de saco cheio com a cena trance porque a música servia apenas para curtir e se chapar. Ninguém se importa com o que está acontecendo. Você pode fazer canções dançantes e ainda ser politizado.

[illegible]

Dr. Das: Tento discutir com os meus pais e amigos sobre os problemas da cultura da Índia. Casamento arranjado, por exemplo. Sou contra, também não apóio a separação de raças. Minha mulher é descendente de vikings.

BIG ALLANBIK
Batuque Y Blues
Velas

O quinteto carioca adiciona balanço ao gênero americano

Injetar criatividade num gênero que cataloga de Robert Johnson a Stevie Ray Vaughan é uma tarefa hercúlea, que o quinteto carioca executa com espantosa naturalidade. *Batuque Y Blues* é um manual prático de como flertar com ícones sem sair chamuscado

O maior homenageado é o bluesman Willie Dixon (autor de "I Just Wanna Make Love To You", que os Rolling Stones tocaram no Brasil e de "You Need Love", que Jimmy Page transformou em "Whole Lotta Love"). E tome Dixon forró ("My Babe"), Dixon com cuíca ("Seventh Son"), Allman Brothers sambão-jóia ("Jessica") Louis Armstrong com pandeiro a agogô ("Gully Low Blues"). Ao longo do percurso, brilham a percussão de Ricardo Siri, o vocal forjado a bourbon e Marlboro de Ricardo Werther e as seis cordas do guitarrista Big Gilson, das quais emanam ora belos dedilhados *unplugged*, ora slides mortais da melhor escola Duane Allman Blues à moda da casa é isso aí.

8

[illegible]

NATALIE MERCHANT
Ophelia
Elektra/WEA

Segundo disco solo da ex-vocalista dos 10,000 Maniacs

Natalie Merchant prossegue no mesmo percurso que tomou com seu álbum anterior, *Tigerlily*, emoldurando letras introspectivas e delicadas com músicas lentas A voz e o charme continuam os mesmos, mas parece que alguma coisinha está faltando. As canções de Natalie soam parecidas umas às outras.

No caso de *Ophelia*, essa característica ficou ainda mais realçada porque ela quis fazer um "álbum conceitual" em que as faixas não se sucedem aleatoriamente, mas têm uma identidade temática e musical. O fio condutor de tudo é o universo feminino, um assunto tão rico para Natalie que inspirou também um curta-metragem de 22 minutos – as fotos que ilustram a capa do CD, em que a cantora aparece incorporando sete diferentes personas (noviça, feminista, cortesã, atleta olímpica e artista de circo são algumas delas), foram retiradas desse filme

[illegible]

6

BLACK GRAPE
Stupid Stupid Stupid
Radioactive/Universal

Farra inglesa duas doses acima do resto da humanidade

Para quem estava no estúdio, a festa deve ter sido animal. Em CD, porém, o segundo álbum do Black Grape não proporciona um mísero êxtase. Shaun Ryder foi líder dos Happy Mondays, grupo que marcou a hedonista virada dos anos 80 para os 90 na Inglaterra. Sua nova patota, os reppers Kermit e Psycho, também é da pesada. Da droga pesada. Considerando-se o noticiário médico-criminal do grupo, a primeira faixa até pega leve Uma voz igual à de Reagan anuncia "calamidade pública": falta maconha. Depois, uma falsa Nancy diz que a erva a ajudou a ter "visões diferentes da vida". O nome da musica é palavra de ordem: "Get Higher" ("Fique Doidão"). Quem não decolar daí perde o foguete de balanços hipnóticos e letras debochadas... E então esta versão britânica e atualizada da Turma da Pilantragem (só faltam os "lá–rá-iás" dos amiguinhos de Wilson Simonal) vira *bad trip*.

5

[illegible]

THE B-52'S
Time Capsule: Songs For A Future Generation
WEA

Coletânea dos mestres da new wave com duas faixas novas

Não poderia haver um nome mais apropriado para esse *best of* do B-52's do que *Time Capsule: Songs For A Future Generation*. A seleção de composições clássicas contida nessa cápsula do tempo – que inclui "Planet Claire", "Private Idaho", "Channel Z", "Rock Lobster", "Legal Tender" "Love Shack", "Roam" e "Good Stuff" – captura um momento da música pop dos anos 80 e representaria com bastante dignidade a new wave americana se fosse lançada no espaço rumo a outras galáxias.

A segunda parte do título, "músicas para uma geração do futuro", espelha o espírito da banda, que em suas letras transmite mensagens neo-hippies de paz e amor, mas que acima de tudo diz respeito à diversão e ao prazer. Além das dezesseis músicas que já haviam sido lançadas previamente, o CD traz duas inéditas. "Debbie" que em breve vai estrear nas TVs como videoclipe, faz uma homenagem à cantora Deborah Harry, do recém-reformado Blondie, ícone louro da new wave e definida na letra da música como "rainha do underground" (um trecho da letra diz: "Loira supersônica/ Fêmea hiperfônica/ .../ Todos estão aqui para ver a sua banda de rock formada só por mulheres"). "Hallucinating Pluto", que fecha o disco, segue a tradição dos hits dançantes do B-52's, com mais um refrão grudento nas vozes de Kate Pierson e Cindy Wilson – que saiu do grupo antes de *Good Stuff* (1992) foi substituída em alguns shows pela atriz Kim Basinger e agora está de volta.

9

K.P.

Música para novos acampamentos

BETO GUEDES
Dias De Paz
Epic/Sony Music

Certas músicas não morrem. Não precisam tocar no rádio, não precisam aparecer na televisão, às vezes não precisam nem de disco. Basta alguém sacar um violão e pronto, todo mundo sabe cantar pelo menos um pedaço

Dias De Paz, do cantor e compositor mineiro Beto Guedes, um dos fundadores do Clube Da Esquina, cujo membro mais ilustre é Milton Nascimento, está recheado de clássicos assim. São músicas como "Lumiar", "Sol De Primavera", "Sal Da Terra", "Amor De Índio" Todas campeãs de execução em Visconde de Mauá, Ouro Preto, Monte Verde ou onde quer que haja um grupo de jovens chegados a um papo cabeça e a uma cachacinha com mel

A novidade é que neste disco os clássicos ganharam arranjos suntuosos. Alguns dos melhores músicos do país participam das faixas. Tem Djavan, Leo Gandelman, Marcio Montarroyos, Ricardo Silveira, Jacques Morelenbaum, Lincoln Oliveti; também tem o parceiro Milton Nascimento, Toni Garrido (cantor do Cidade Negra) e até Maria Luiza Jobim, filha do Tom, e Chico Amaral, letrista do Skank, que compôs com Beto as duas únicas músicas inéditas do disco.

Beto Guedes merece. Os toques de jazz fusion dos arranjos levaram suas músicas pela trilha aberta por Milton Nascimento. Beto agora é world music em *Dias De Paz*. Pode ser que fique mais difícil imitar essas versões só na viola, mas que ficou bonito, ficou.

Felipe Zobaran

8

Tudo que move é sagrado neste disco de Beto Guedes

Duke Erikson, Shirley Manson, Steve Marker e Butch Vig melhoram o Garbage

Ciência e arte

GARBAGE
Version 2.0
Almo Sounds/BMG Brasil

A nomenclatura de software é precisa no novo disco do Garbage. Em informática, cada nova versão, anunciada por um número maior, traz um programa que já fez sucesso e foi melhorado para atender às crescentes necessidades do usuário. É bom lembrar que a estréia do Garbage, em 1995, vendeu 4 milhões de CDs e recebeu três indicações para o Grammy – feito notável para quem se encaixa no perfil alternativo. A versão 2.0, portanto, atualiza um material de primeiríssima qualidade.

Um dos méritos do Garbage é reunir em sua formação três produtores que adoram luçar cada botão do estúdio até encontrar o som certo. Com isso, a banda ambienta suas inspiradas melodias em cenários que os informatas chamariam de "estado da arte", algo que pode ser traduzido como o mais avançado ponto de intersecção entre tecnologia e sensibilidade.

Mais que boas canções, contemplando formatos variados e servidas em embalagens refinadas, o Garbage tem algo capaz de causar inveja em qualquer outra banda: a deliciosa cantora Shirley Manson, uma escocesa que capricha nas minissaias e no batom. Claro, a voz dela também é uma maravilha. Renda-se.

9

Celso Masson

BAD RELIGION
No Substance
Epic/Sony Music

A banda veterana desacelera o som sem abrir mão do punk

Em *No Substance*, o Bad Religion critica todas as formas de ganhar dinheiro fácil, com destaque especial para a banalização do sexo e da religião. O som não traz mais o entusiasmo e o *punch* do início de carreira, é verdade, mas algumas faixas ainda soam como um rolo compressor. Como "Hear It" e "The Biggest Killer In American History", ambas com energia de sobra e bons vocais de Greg Graffin.

As letras de "All Fantastic Images", "At The Mercy Of Imbeciles" e "Raise Your Voice", que criticam os governantes e o consumismo, mostram que os integrantes do grupo continuam fiéis a seus ideais, apesar de tanto tempo na estrada. Mesmo não sendo genial, *No Substance* é um álbum para ser ouvido sem maiores problemas. Afinal, o Bad Religion tem crédito na praça.

7

Jonas Furtado

VÁRIOS
Black Night – Deep Purple According To New York
Wet Music

Clássicos do quinteto inglês revistados por uma superbanda

Esta homenagem a um dos pilares do heavy metal tem elenco bastante respeitável: Will Calhoun e Corey Glover (baterista e cantor do Living Colour, respectivamente), Al Pitrelli (guitarrista do Savatage e ex-Asia, Alice Cooper), Bernie Worrell (tecladista, ex-Parliament Funkadelic), Richie Kozen (cantor e guitarrista, ex- Poison), Stevie Salas (cantor e guitarrista, ex-George Clinton, Rod Stewart, Don Was, Jeff Healy), T.M. Stevens (baixista, ex-Joe Cocker, James Brown, Steve Vai), Vinnie Moore (guitarrista, ex-Alice Cooper) e Joe Lynn Turner (ex-cantor do Rainbow e do próprio Deep Purple).

Apesar de todas essas credenciais, sobra a sensação de que quem investir seu dinheiro numa coletânea com os maiores sucessos do Deep Purple vai estar fazendo melhor negócio. As versões são muito respeitosas e nada acrescentam. As exceções são umas poucas pitadas de funk aqui e ali e um arranjo reggae em "Child In Time", que ficou muito bom. Essa turma deveria saber que tocar clássicos, como "Burn" e "Smoke On The Water", só funciona em shows. Registrar a brincadeira em disco é heresia – a menos que você tenha algo de novo a dizer, o que não foi o caso.

4

Vitor Paolozzi

QUEROSENE JACARÉ
Você Não Sabe Da Missa Um Terço
Paradoxx

Banda pernambucana com influências de Alceu Valença

Duas coisas levam você a ouvir o Querosene Jacaré. Primeiro, o fato de que são contemporâneos e contemporâneos de Chico Science. Em segundo lugar, os produtores João Damasceno, Zé da Flauta e Paulo Rafael (os dois últimos, antigos companheiros de palco de Alceu Valença) são músicos de primeiríssima qualidade.

O Querosene Jacaré é correto, sem ser necessário. Seus integrantes são bons, sem acrescentar influenciados pelo rock, escolheram uma estrada pela qual já passaram de Barão Vermelho a Raimundos, isso sem contar com a parada na estação Alceu Valença, obrigatória para qualquer [redacted].

O CD é repetitivo às vezes. Quatro músicas se destacam: "Hospital", "Rock De Alexandria", "O Zelemento" e "O Boby" – a única que descarta o rock tradicional, principal aposta da banda.

6

[redacted]

SALDANHA ROLIM
Forró Do Caipira Pop
Dubas/WEA

Forró de qualidade, com letras de Chico Amaral (Skank)

O forró, que há tempos anima arrasta-pés de universitários em algumas cidades grandes do país, voltou a atuar o mercado de discos. Veteranos como Alceu Valença e Amelinha e calouros têm se lançado à onda da sanfona, até agora com resultados frustrantes.

Saldanha Rolim é a melhor novidade do gênero. Disparado. Espécie de Genival Lacerda sem malícia, tem um senso de humor que faz lembrar os bons tempos de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Apesar de romântico, ele não dispensa uma boa piada, como a de "Nós É Jeca Mas É Jóia". Ter incluído no CD faixas do ótimo Pedro Luís e de Chico Amaral (o letrista do Skank) prova que o caipira pop não está de gozação.

7

C.M.

BATATINHA
Diplomacia
EMI Music

Canções do sambista baiano revistadas por Caetano & cia.

Morto em 1997 aos 72 anos, Batatinha homenageou um dia Paulinho da Viola dedicando-lhe a música "Ministro Do Samba". Entende-se a afinidade e a reverência entre os dois mestres – um baiano, o outro carioca. Mera questão de nobreza em verso e melodia da mesma linguagem musical de Nelson Cavaquinho e Cartola.

Batatinha começou a compor em 1944, gravou apenas três LPs e foi projetado nacionalmente pela admiradora Maria Bethânia nos primeiros shows e discos da cantora nos anos 60. Mas, por falta de ambição, nunca quis fazer carreira ou deixar Salvador. O talento do compositor acabou restrito aos bares e aos bambas do samba.

Diplomacia, projeto iniciado com o sambista ainda em vida, vem fazer justiça e homenagear o velho mestre. Bem produzido pelos jovens compositores Paquito e J. Velloso, reúne Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Maria Bethânia e Jussara Silveira, além do próprio Batatinha e sua turma: Nelson Rufino, Edil Pacheco, Riachão e Valmir Lima.

Os convidados optaram por cantar a melhor veia do compositor: a melancólica, de um sentimento com um pé no blues. Como os versos de "Imitação", interpretada impecavelmente por Gilberto Gil: "Ninguém sabe quem sou eu/ Também já não sei quem sou/ Eu bem sei que o sofrimento/ De mim até se cansou/ Na imitação da vida/ Ninguém vai me superar/ Pois sorrio da tristeza/ Se não acerto chorar".

Caetano Veloso ("Pra Todo Efeito"), Chico Buarque ("Toalha Da Saudade") e Maria Bethânia ("Bolero") também estão perfeitos em sóbrias releituras. Mas não há nada neste *Diplomacia* que se iguale à intensidade e à beleza de ouvir a voz combalida – e elegante, ainda assim – do próprio Batatinha em "Conselheiro" (parceria com o poeta Paulo Cesar Pinheiro) e "Direto De Sambar", com uma deliciosa caixinha de fósforos fazendo a marcação.

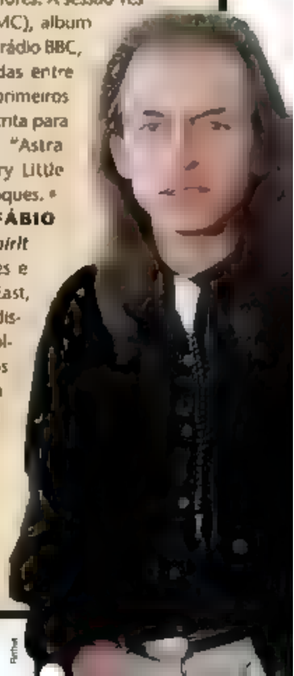
10

Hagamenon Brito

Rápido & Rasteiro
ROCK PROGRESSIVO

O rock progressivo volta a dar as caras. A começar por ***Open Your Eyes*** (Roadrunner), o mais recente disco do **YES**. Se por um lado o quinteto inglês insiste no duvidoso cruzamento de música pop com rock de arena, eles ganham muito com a guitarra de Steve Howe. Resultado: está na média. O que não dá para dizer dos álbuns solos de seus integrantes. O vocalista **JON ANDERSON** fuça na música latina em ***We Know*** (Roadrunner), sem muito sucesso. ***Quantum Guitar*** (Voice Print) traz o habitual virtuosismo de **STEVE HOWE** em gêneros como surf music ("Walk Don't Run", dos Ventures) e rock instrumental dos anos 50 ("Sleepwalk"). Mas não chega perto de seus trabalhos anteriores. A sessão Yes termina com ***Something's Coming*** (NMC), álbum duplo com as gravações da banda para a rádio BBC, de Londres. São apresentações captadas entre 1969 e 1970, com material dos dois primeiros trabalhos do quinteto. "Sweetness" (escrita para a mulher do baixista Chris Squire), "Astra Traveller" e as duas versões de "Every Little Thing", dos Beatles, estão entre os destaques. • Na parte nacional, o guitarrista **FÁBIO GOLFETTI** lança em CD *Glissando Spirit* (Voiceprint). Bons climas, belas canções e participação especial da cantora May East, ex-Gang 90, na faixa "Inner Voice". • O disco homônimo do ***Maweka*** (ETHOS) é voltado para a world music com resultados surpreendentes. O grupo interpreta com conhecimento de causa canções do Pará ("Alundê, Alluyá"), de Gana ("Tula Sabo") e da Irlanda ("Star Of Slane"). Proporciona ao ouvinte viagens dignas da *National Geographic*.

Sérgio Martins



Steve Howe exercita seu virtuosismo em *Quantum Guitar*

LAURA FINOCCHIARO
Ecoglitter
Dabliu

Veterana alternativa paulista em trabalho voltado para a dance

Numa primeira audição, Laura Finocchiaro parece estar perseguindo mais uma vez o *mainstream*, a corrente comercial do pop brasileiro. Agora ela estaria na fase Fernanda Abreu, com um CD cheio de coisas que lembram Madonna e Lisa Stansfield e canções para suar a camisa em clubes gays.

O leque de estilos em *Ecoglitter* até que é aventuroso. Há um fado eletrônico e uma versão meio folk de "Datemi Un Martello", a produção de Mau Mau e Mad Zoo é consistente. Seria um disco bem mais recomendável, não fossem as tantas letras noites néon, que se encaixam na fofa nocaute dos *clubbers*. O termo *ecoglitter* é desconhecido, mas cheira a coisa de hippie disfarçado. Ou, como diria o jornalista Pedro Bial, é "coisa de Kirov".

Thomas Pappon

GERALDO AZEVEDO
Raízes E Frutos
BMG Brasil

O compositor pernambucano faz uma releitura da carreira

Animada com a boa acolhida da *Antologia Acústica* de Zé Ramalho no ano passado, a BMG investe agora em Geraldo Azevedo. O resultado é *Raízes E Frutos*, uma coleção de regravações que faz um belo apanhado da carreira do cantor e violeiro pernambucano.

O álbum divide as dezenove músicas em dois grupos. *Frutos* (o primeiro CD), que engloba a produção com maior influência urbana e no qual se buscou uma sofisticação desnecessária – até com a participação da Filarmônica de Los Angeles –, e o mais contagiante *Raízes*, em que se destacam violões e sanfona.

A BMG nem precisava ter se dado ao trabalho de colocar Geraldo Azevedo no estúdio para refazer seu repertório. Se tivesse simplesmente lançado as versões originais, ainda assim estaria oferecendo um produto de qualidade. *Raízes E Frutos* pode estar pegando uma carona na onda de "releituras", mas nesse caso a iniciativa é mais do que bem-vinda. Embora tenha um nome estabelecido dentro da MPB, estranhamente Geraldo Azevedo não recebe reconhecimento à altura em que estão "Caravana", "Táxi Lunar", "Moça Bonita" e "Dia Branco", músicas das quais é um dos co-autores.

Vitor Paolozzi

RAGGASONIC
Raggasonic 2
Virgin

Reggae à francesa acrescido de ritmos e batidas eletrônicas

Gravado parte na Jamaica, parte em Londres, o segundo CD dos foasters Big Red e Daddy Mory é a melhor arma francesa na luta por um ragga autóctone. Isso não é grande coisa, até porque a cena francesa do gênero apenas copia o que se faz fora, sem acrescentar nada – a não ser o idioma, é claro.

Os temas são os mesmos (chega se a falar em "Rude Boys") e eles até se apropriam do trabalho de Aswad e Gregory Isaacs. Descontado isso, o CD surpreende. Os vocais têm seu charme e o som equivale ao de bons jamaicanos em atividade. Na falta de boas idéias próprias, o Raggasonic até que faz direitinho aquilo que gosta. Funciona.

Celso Masson

Mergulho infernal

A poesia soturna de Cave brilha neste *Best Of*

NICK CAVE & THE BAD SEEDS
The Best Of
Mute/Emarcy

Em treze anos de carreira e dez discos lançados, Nick Cave & The Bad Seeds conseguiram sucesso e respeito na Europa e nos EUA. Aqui, são pouco conhecidos, ainda que o australiano Nicholas Cave tenha morado em São Paulo e seja pai de um filho meio brasileiro, Luke.

Esse *The Best Of* pode consertar as coisas. As dezesseis faixas foram escolhidas a dedo pelo mestre dos Bad Seeds, Mick Harvey. Cobrem desde o começo gótico, ensandecido, em que a paisagem das letras é composta de corvos, ameaçadoras nuvens negras e cadeiras elétricas, até a fase atual, mais madura e intimista.

Abre com "Deanna", um pop fora de controle, e fecha com "From Her To Eternity", título do avassalador disco de estréia. No meio, a história tortuosa de Cave, Harvey, Blixa Bargeld (líder dos não menos alucinados Einsturzende Neubauten) e os outros (a formação variou bastante) vai sendo contada de forma não cronológica.

O Diabo surge em "Red Right Hand". Na balada "Where The Wild Roses Grow", um pobre coitado esmaga a cabeça da amada (Cave em dueto improvável com a conterrânea Kylie Minogue). "The Mercy Seat", uma das melhores músicas da cena alternativa de todos os tempos, traz Nick na pele de um condenado à morte em seus últimos momentos. "The Ship Song", "Straight To You" e "(Are) You The One That I've Been Waiting For?" são belas canções do amor impossível. Em "The Weeping Song", pai e filho (Bargeld e Cave) dialogam sobre a dor e o sofrimento, e "The Carny" soa como a trilha circense de um pesadelo.

São músicas que contam a história de um artista e uma banda que mergulharam no inferno em busca de redenção.

Daniel Benevides

IZZY STRADLIN
117°
Geffen/Universal

Segundo álbum do ex-Guns, empapuçado de rock básico

Ele era o Keith Richards do Axl Rose quando os dois ainda eram riquinhos imberbes, no interior de Indiana, EUA. Saltou fora do Guns quando o ex-amigo começou a pirar, na fase *Use Your Illusion*. Em 1992, deu a cara a tapa lançando um disco com a banda Ju Ju Hounds e foi criticado pela falta de voz.

Izzy evoluiu como vocalista e continua eficiente na reciclagem de riffs de guitarra. Sua praia é o rock n'roll cansado de guerra e sente de aditivos modernos. Ele pode vir turbinado feito o melhor do Aerosmith (e do Guns) com baladas de boogie-woogie, ou apunkalhado, lembrando Replacements (ouça a ótima "Parasite"). No geral, porém, as levadas são *stoneanas*. "Memphis", de Chuck Berry, não está no repertório por acaso (de onde você pensa que os Stones tiraram tudo?). Duff McKagan (ex-colega de Guns) toca baixo; Rich Richards (ex-Georgia Satellites, bandinha que deu um certo caldo no fim dos anos 80) penteia a outra guitarra e o mandolim de Eddie Ashworth dá um gostoso sabor caipira a algumas faixas. Izzy não é mais gun, mas ainda tem bala na agulha.

Pedro Sá

BARÃO VERMELHO
Puro Êxtase
WEA

Eletrônicos atrapalham o disco de banda mais rock do Brasil

O novo lançamento do Barão Vermelho é fruto direto das raves que andam rolando pelas noites (e manhãs) do Rio de Janeiro há alguns verões. Até aí, tudo bem: para quem sempre cultivou *sex and drugs*, um deslumbre com a loucurinha das raves é perdoável. Mas o problema é que música eletrônica não bate com a pegada do bando de Roberto Frejat e Guto Goffi. Resumindo, *Puro Êxtase* é bem fraco para quem conhece o Barão das antigas.

Talvez o problema esteja nas letras, como em "Iceberg", parceria com a cantora Dulce Quental (a mesma de "O Poeta Está Vivo"): "Eu sou a revolução/ O iceberg do seu Titanic/ A vida não é nenhum piquenique". Pode ser que a derrapada seja a co-produção de Memê, o DJ que deu um *upgrade* em Lulu Santos. Mas não é por aí, às vezes as programações de bateria e os ecos de Prodigy soam bem aos ouvidos. Para falar a verdade, depois da segunda rodada, dá para sacar que o disco pode pegar antes a moçada. O difícil é convencer quem já curtiu o brilhante Barão dos primórdios ou de discos mais sólidos, como *Carnaval*.

Helio Gomes

Flávio, Eliane, Alê e Zé Antônio dão o brilho ao Pin Ups

Guitarras soberanas

PIN UPS
Les Marvin
Spicy Records

Duas guitarras explosivamente distorcidas e melódicas, uma bateria seca e esmagadora e um baixo estrondoso. Uma garota de voz doce despeja letras românticas e despretensiosas, sempre em inglês. A fórmula das assim chamadas *guitar bands* é levada com maestria pelo Pin Ups. O quarteto paulistano – formado pela baixista e vocalista Alexandra, pelo guitarrista Zé Antônio, pelo baterista Flávio e mais uma garota, Eliane, na outra guitarra – reina absoluto nesse estilo já faz quase dez anos.

O Pin Ups se inspira no arrebatamento do Sonic Youth ("It's Your Turn") ou segue a cartilha do punk americano contemporâneo ("Putting Things Together"). Faz uma releitura endiabrada do Police ("It's Alright For You") e abre espaço para as viagens acústicas ("Wheater"). No total, dez músicas – mais duas não-creditadas e escondidas nas faixas 35 e 36 –, todas bem gravadas (coisa rara no gênero), que só mantêm o Pin Ups soberano entre as *guitar bands* brasileiras. Vai ser difícil alguém desbancar.

Marco Antônio Lopes

Sem pretensão

Por que o nome Les Marvin? Vocês são fãs desse ator?
Zé Antônio Sempre tivemos uma certa dificuldade pra escolher nomes para os álbuns. Música-título é muito óbvio, coisas engraçadinhas, nem pensar; uma frase qualquer pode às vezes soar meio pretensiosa. Então, como já havíamos chamado o álbum anterior de *Jodie Foster*...

O que muda na banda com a entrada de Eliane?
Zé Antônio A mudança se dá principalmente na liberdade que ganho para improvisar nos shows e poder trabalhar as guitarras de maneira menos óbvia nas gravações. Temos modos muito diferentes de tocar guitarra e acho que acabamos sendo complementares. Ela toca de uma maneira enérgica e "reta", preenchendo as músicas de um jeito bem bacana.

Há uma cover de "It's Alright For You", do Police. Qual a relação da banda com este trio?
Zé Antônio O Police foi uma banda muito bacana que todos nós ouvíamos tempos atrás e foi divertido tocar uma música deles nos shows. Principalmente porque pouca gente se dá conta de que ela é do Police. Já perguntaram até se era dos Buzzcocks!

O disco marca a estréia de Alê nos vocais. Como está sendo essa experiência?
Alê Briganti Cantei pela primeira vez na faixa "Wilkin", de *Jodie Foster*. Até que o Luiz saiu da banda e os meninos me "coagiram" a cantar. O mais engraçado é a diferença do tratamento da mídia e do público comigo. Ser vocalista é ser o centro do grupo e eu sou somente a Alê, aquela menina que toca baixo no Pin Ups, e não uma *front girl*.

B.B. KING
Live At The Regal
Universal Music

Clássico disco ao vivo do bluesman americano

Muito antes de virar figurinha fácil no solo brasileiro, o bluesman B.B. King era um verdadeiro inovador e respeitado por abrir barreiras para os diversos idiomas da música negra. *Live At The Regal*, gravado no dia 21 de novembro de 1964, é considerado um dos grandes discos ao vivo de black music do começo dos anos 60. O trabalho marcou a renascimento artístico de King e foi avidamente consumido por guitarristas aspirantes que procuravam imitar o mestre em todos os detalhes.

King estava inspiradíssimo. Esmerilha com sua guitarra clássicos como "Sweet Little Angel" e "How Blue Can You Get". Uma pena que a música desse mestre do blues nem sempre tenha o reconhecimento merecido. *Live At The Regal* é a prova da sua grandeza.

9

Paulo Cavalcanti

ROD STEWART
When We Were The New Boys
WEA

Rod Stewart coveriza canções de Oasis, Primal Scream etc.

A faixa-título do novo disco de Rod Stewart, *When We Were The New Boys*, remete diretamente ao filme *When We Were Kings* (*Quando Éramos Reis*), que documenta a clássica luta entre Muhammad Ali e George Foreman em 1974. Coincidência ou não, a associação é perfeita: Rod Stewart parou no tempo e para sempre vai ser um produto dos anos 70. É inútil esperar alguma virada na carreira do cantor; o que ele tem a oferecer é uma combinação de rocks básicos e baladas escorada em sua voz rouca e violões acústicos.

A tentativa de expandir o público, flertando com os fãs de Oasis (ao cantar "Cigarettes And Alcohol"), Skunk Anansie (a balada "Weak") e Primal Scream ("Rocks"), fracassa porque interpretadas por Rod, as músicas perdem sua contemporaneidade. Os pontos altos do CD acontecem no terreno em que o cantor escocês é mestre: "Ooh La La" da sua ex-banda Faces, com inspiração folk, e as lentas "Secret Heart" e "Shelly My Love" para as quais sua voz é perfeita. Para mostrar que Rod continua o mesmo, nem sequer falta aquele rock ao estilo de "Hot Legs", que arrepia as feministas. O velho garanhão derrete-se de amores pelas camareiras de hotel, em "Hotel Chambermaid".

6

Vitor Paolozzi

VÁRIOS
Dubmission 2: The Remixes
Ocango/Island

Clássicos do reggae remixados por produtores contemporâneos

"Ele é o cara por trás do cara por trás do cara", bleita o ator Joe Mantegna em *As Coisas Mudam*. O filme, que tem roteiro e direção do dramaturgo David Mamet, também é o ponto de partida ideal para se compreender *Dubmission 2: The Remixes*. Aqui produtores contemporâneos, como Rockers Hi-Fi, Filla Brazillia (que colaborou no último CD da Nação Zumbi) e Cottonbelly, trabalham em composições de veteranos do reggae, como Gregory Isaacs, Black Uhuru e Burning Spear. Essas canções, por sua vez, já haviam sido vertidas para o dub pelas mãos de Sly & Robbie, a seção rítmica número um do reggae. Exemplo: os Rockers Hi-Fi mexem em "Destination Unknown" de Sly & Robbie – uma versão psicodélica da dupla para "Chill Out", clássico do trio vocal Black Uhuru. Sim, é uma equação deveras complicada. Mas que se torna simples e palatável depois que você colocar *Dubmission 2* no CD player.

9

Sérgio Martins

VÁRIOS
Atlantic Records 50 Years
Atlantic/Continental

Coletânea comemorativa com o melhor da gravadora americana

A Atlantic começou, no fim dos anos 40 em Nova York, como um dos inúmeros selos independentes que trafegavam pelo mercado do rhythm'n'blues. Passadas cinco décadas, é um gigante que lançou alguns dos maiores nomes da música negra e do rock.

Uma pequena mostra do legado da Atlantic está neste CD duplo. Nos anos 50 ela foi a mola mestra para o surgimento da soul music. Revelou gente como Ray Charles, Ben E. King e o grupo humorístico The Coasters. Na década seguinte, continuou apostando no soul e lançou Otis Redding, Aretha Franklin e Wilson Pickett.

A Atlantic também investia em artistas brancos e teve sucesso como o jazz pop de Bobby Darin e o folk Las Vegas de Sonny & Cher. Ahmet Ertegun, o chefão da gravadora, também foi um dos primeiros a perceber o grande filão das FMs e do rock underground e progressivo no fim dos anos 60. Apostou pesado no estilo e teve um retorno fenomenal com Led Zeppelin, Yes, Crosby Stills, Nash & Young e Derek & Dominoes.

Nos anos 70 a Atlantic distribuiu os discos dos Rolling Stones e lançou Chic e Sister Sledge, os mais consistentes astros da disco music. A gravadora se distanciou um pouco das raízes black nos anos 80 e lucrou bastante com o pop de Phil Collins, Tom Petty & Stevie Nicks e Foreigner. Hoje a Atlantic tem no seu elenco artistas diversos, como o R&B sofisticado de Brandy e musas torturadas e poéticas, como Tori Amos e Jewel. Todos esses artistas estão em *Atlantic Records 50 Years*, que é uma cartilha de como fazer música comercial e de qualidade. Imperdível.

8

PC

Anos incríveis

ARETHA FRANKLIN
I Never Loved A Man (The Way I Love You)
Lady Soul
Hey Now Hey (The Other Side Of The Sky)
Let Me In Your Life
The [illegible]
Rhino/Continental

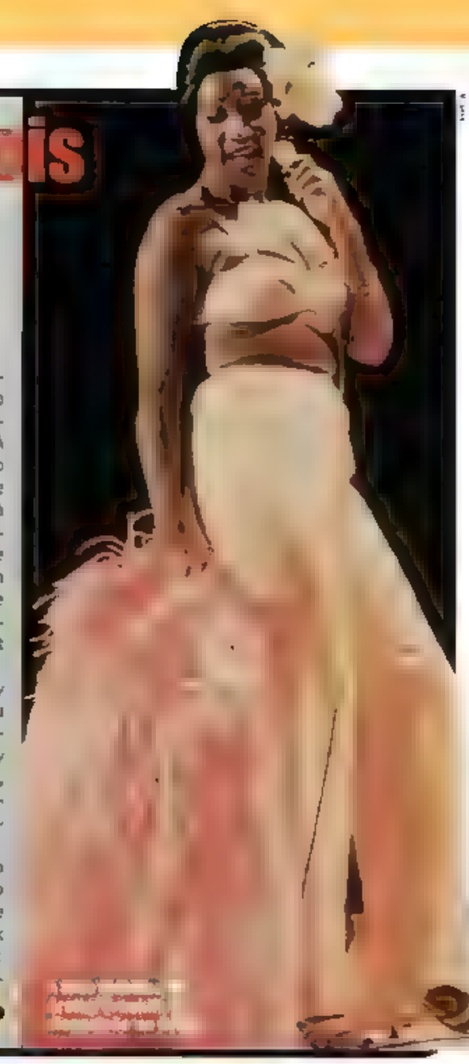
Aretha Franklin ressurge nas paradas depois de problemas com o fisco americano (já resolvidos) e com o excesso de peso (esse, nem tanto). A cantora tem o melhor da sua carreira lançado no Brasil. São cinco discos, gravados entre 1967 e 1974, que justificam o título de Lady Soul, dado à diva americana. *I Never Loved A Man* marca a estréia de Aretha, então uma cantora de blues e temas gospel, no selo Atlantic. Ela recupera um tema de Otis Redding ("Respect"), dá dignidade para uma composição de Sam Cooke ("Good Times") e brilha em material próprio ("Don't Let Me Lose This Dream").

Há uma profusão de faixas clássicas em *Lady Soul*, de 1968. Como "Chain Of Fools" e "(You Make Me Feel Like) A Natural Woman" – esta última de autoria da compositora Carole King. *Hey Now Hey (The Other Side Of The Sky)* traz "Angel", regravada pelo Simply Red, mas acrescida de agudos que Mick Hucknall (cantor do SR) dana o dedinho mínimo para alcançar.

Let Me In Your Life tem a participação do brasileiro Eumir Deodato (arranjador de Björk e atração do próximo disco dos Titãs), o baixo de Stanley Clarke e uma regravação supimpa de "Until You Come Back To Me (What I'm Gonna Do)", de Stevie Wonder. Aretha's Blues fecha a tampa com as melhores interpretações da cantora nesse gênero musical.

10

Sérgio Martins



Rápido & Rasteiro TRILHAS

Tem para todos os gostos. A de **Policarpo Quaresma** (Natasha Records) é uma deliciosa coleção de modinhas que parecem ter desembarcado de um túnel do tempo para as telas do final do milênio. • A do xaroposo **Cidade Dos Anjos** (WEA) é conduzida por veteranos como **U2**, **JIMI HENDRIX**, **JOHN LEE HOOKER** e **ERIC CLAPTON**. O destaque, porém, é "Uninvited", a nova música de **ALANIS MORISSETTE**. • O monstrão **Godzilla** (Sony Music) também arrebenta, com um acompanhamento de peso. Tem uma versão quase literal de "Heroes", de David Bowie, nas mãos dos **WALLFLOWERS**; a parceria inédita de **JIMMY PAGE** com o rapper **PUFF DADDY** em "Come With Me" (uma releitura de "Kashmir", do Led Zeppelin) e trabalhos inéditos de **RAGE AGAINST THE MACHINE**, **JAMIROQUAI** e **FOO FIGHTERS**. • Por falar na banda de Dave Grohl, os Foo Fighters também assinam uma música ("Walk Over You") em **The X-Files** (Elektra/WEA), uma boa trilha que derrapa apenas na releitura dos **DUST BROTHERS** para o sombrio tema do *Arquivo X* composto por Mark Snow. • O melhor desse pacote é **Blues Brothers 2000** (Universal Music). Além da alinhadíssima Blues Brothers Band, o disco traz bambas como **WILSON PICKETT** e **ARETHA FRANKLIN**.

[illegible]

LOBÃO
Noite
Universal

O cantor quebra um silêncio de três anos com CD eletrônico

Sarcástico e contraditório. Lobão volta aliado após um hiato fonográfico de três anos (seu último lançamento foi *Nostalgia Da Modernidade*, de 1995). Desta vez apropria-se de estilos da música eletrônica (techno e drum'n'bass) para uma composição antropofágica, em que a visceralidade e o neo existencialismo remetem aos seus melhores momentos.

O cantor dispara flashes em "A Noite" e em "24 Horas"; assume posturas neo-existenciais no sambalanço techno "Na Poeira Do Mundo" e puxa pela memória afetiva na balada "Meu Abismo Meu Abrigo" – com citação "Insensatez", de Tom Jobim, ao piano.

Em "O Grito" Lobão emula o canto falado de Lou Reed com felicidade. E diante do ufanismo pueril que foi a fracassada campanha olímpica Rio 2004 crava os dentes no bom tamborzão-funk "Samba Da Caixa Preta".

Pode-se até não concordar com tudo que Lobão fala – e é melhor que seja assim. Mas algo é certo: ele é produto de primeira necessidade diante do bom-mocismo e do corporativismo da música brasileira.

7

Nagamenon Brito

MC SOLAAR
Paradisiaque
Mercury/PolyGram

O astro do hip hop francês em momento menos inspirado

Pelo menos num estilo MC Solaar é imbatível: rimas. Mesmo para quem não tem um francês fluente, é surpreendente ver como suas frases se entrelaçam, tornando-se quase uma canção à parte dentro das próprias músicas.

Sendo assim, é uma pena registrar que esse mesmo trabalho traz pouca originalidade musical. Nenhuma das faixas chega a ser chata. "Gangster Moderne" é engraçadinha; "Le Sens De La Vie" tem um groove de fazer inveja a Snoop Doggy Dogg; "Daydreaming" tem seu mistério. É quase possível se entusiasmar com o convite de "Les Temps Changent" e "Wonderbra" é uma esperta tirada de samba. Mas quem já ouviu ainda que de relance, seus dois discos anteriores vai se sentir obrigado a suspirar o famoso clichê: "Esperava mais".

MC Solaar deixou de ser cool? Provavelmente sim – e porque se esforçou demais para sê-lo. Só é triste perceber que mais uma esperança do rap perdeu o pé.

5

Zeca Camargo

DAVE MATTHEWS BAND

Before These Crowded Streets

[illegible]

Nova sensação americana funde rock, blues e jazz

Quando um grupo bem mediozinho como o Dave Matthews Band começa a se destacar, só pode ser sinal de que algo anda muito parado na cena pop. A música que eles fazem, uma mistura de elementos de jazz, blues e, vá lá, rock é daquele tipo que é escalada como atração secundária em noites menos eficientes do Free Jazz Festival, entusiasma a platéia yuppie e evapora sem deixar [illegible]

Mas existem momentos inspirados. Há a boa "The Last Stop", um protesto contra as guerras entre países causadas pela intolerância religiosa, que tem um sabor oriental (pena que o Aerosmith tenha aparecido antes com "Taste Of India" em seu álbum *Nine Lives*), e a participação do Kronos Quartet – o original conjunto de música erudita que flerta com o rock – em duas faixas.

O álbum ainda conta com Alanis Morissette em outras duas músicas, embora escondida no coro – o que dá a impressão que Dave Matthews quis explorar o nome dela para vender o disco mas não topou ceder um pouco do espaço de sua voz enjoada.

4

Vitor Paolozzi

CATATONIA

International Velvet

Blanco Y Negro

Rulvinha insolente do País de Gales conquista o Reino Unido

O Catatonia soa muito parecido com centenas de outras bandas independentes do Reino Unido. Ainda assim, este seu segundo álbum ficou três meses em primeiro lugar na Inglaterra, desbancando Madonna, Spice Girls, All Saints e Garbage. Como se deu o milagre? Pode ter sido a cara pela voz infantilóide, voz de moleca insolente da ruiva Cerys Matthews. Pode ter sido o charme pop dos roquinhos tocados pelos quatro marmanjos que a acompanham. Mas explicar seu sucesso é tão difícil quanto pronunciar "Deffrwch Cymry cysglid gwlad y gân", primeiro verso da faixa-título deste disco.

O quinteto vem de Cardiff, no País de Gales, e faz questão de lembrar o mundo disso também em "International Velvet", o único verso em inglês diz: "Todos os dias quando acordo, agradeço a Deus por ser galesa(o)". As outras letras, compreensíveis para quem domina o idioma de Shakespeare, falam de confusas emoções adolescentes usando referências espertas, como (bingo!) "Mulder & Scully", o casal não-casal do seriado de ficção científica *Arquivo X*.

A *bad girl* Cerys tem tiradas muito espertinhas, "I Am The Mob"; "Eu ponho cabeças de cavalo na cama de pessoas/ Porque eu sou a Máfia/ Quando o dever me chamar, eu vou atirar/ Porque eu sou a Máfia/ Não venha me dizer que não é uma pelo dinheiro, duas pelo dinheiro, três pelo dinheiro/ Você acha que eu sou seu coelhinho da Páscoa?"

7

[illegible]

Rascunhos do poeta

Dylan a anos-luz do rosnar de cão sarnento

REPLAY

BOB DYLAN

The Bootleg Series

Columbia/Sony Music

Ao lado do retorno ao pódium com *Time Out Of Mind*, do ano passado, Bob Dylan tem seus rascunhos de popstar prateado vasculhados oficialmente em *The Bootleg Series – Volumes 1-3 (Rare & Unreleased)*. Nos três CDs é possível acompanhar suas transformações – inclusive vocais –, da emissão mais clara ao rosnar de cão sarnento. Ele parte de velhíssimas canções de fazendeiros sulistas, como "Hard Times In New York Town" (adaptada de "Down On Penny's Farm", gravada pelos Bentley Boys em 1929), sai do circuito acústico de Greenwich Village, arromba os tímpanos dos puristas enfiando guitarras no folk e depois enveredа pela religiosidade ("Lord Protect My Child").

Dotado de um libreto minucioso, *The Bootleg Series* está repleto de raridades mesmo para os fuçadores. Como a baladona garteira "Farewell Angelina", antes conhecida só na voz monocórdica de Joan Baez, ou uma versão gripada de "Suze" (para a namorada Suze Rotolo), em que ele tosse e espirra. "Sitting On A Barbed Wire Fence" tem o pique de repentista, foi composta à medida que ia sendo gravada. Clássicos, como "Like A Rolling Stone" (originalmente uma valsa), "I Shall Be Released", "If Not For You", "The Times They're A-Changin' ", também entram, mas em versões divergentes das surradas. Roia até a valsa country "Wallflower", que inspirou a vó punk Patti Smith e o grupo do filho, Jakob Dylan, além de uma homenagem falada ao ídolo Woody Guthrie, patrono dos bardos à beira de estrada.

9

Tárik de Souza

SONIC YOUTH

A Thousand Leaves

Geffen/Universal

Os reis do barulho em mais um trabalho experimental

Repleto de improvisos, riffs dissonantes de guitarra e arranjos que descambam para a barulheira, o novo disco do Sonic Youth parece provar que o quarteto nova-iorquino abandonou em definitivo a veia pop (embora nada suave) de álbuns do início da década de 90. Com onze faixas longas e vigorosas, a banda que influenciou meio mundo do rock alternativo (de Pixies a Radiohead) retoma sua fase mais inventiva.

O Sonic Youth voltou aos estúdios com apetite incontrolável para ousar nas experimentações. Dá para perceber isso já na faixa de abertura, "Contre Le Sexisme", em que ruídos estranhos fazem fundo para o vocal de iciosamente tristonho da baixista Kim Gordon. *A Thousand Leaves* intercala músicas que começam melódicas e depois submergem na apoteose de barulho (caso da arrepiante "Wildflower Soul") com outras que viajam por longo tempo em dedilhados desconcertantes das guitarras de Thurston Moore e Lee Ranaldo – vide "Hits Of Sunshine". E há, por fim, os acordes assobiáveis de "Sunday", também com passagens *noise*, e levadas cheias de clima, como "Snare Girl". Com arsenal impressionante de belas músicas, o CD chegou para brilhar entre os melhores trabalhos da trajetória de 18 anos do Sonic Youth.

8

Marco Antônio Lopes

MOACYR LUZ

Mandingueiro

Dabliu

Samba tradicional com participação de Aldir Blanc

O que de cara chama atenção em *Mandinguero*, de Moacyr Luz, são os arranjos (dele, com auxílio de Pedro Amorim e Carlinhos Sete Cordas). Eles destoam de tudo que se tem feito no samba ou falsamente em nome do samba. Acompanhando o intérprete cuja voz rasga e range, temos um regional – cavaquinho, bandolim, violões, pandeiro, cuíca e tamborim. À simbiose vem juntar-se o assobio em "Não Deves Sorrir Assim Pra Mim", regravação de samba sincopado de Roberto Martins.

Aldir Blanc interpreta "Pra Que Pedir Perdão?", que desde o título ecoa Noel Rosa e Nelson Rodrigues. Na letra, bebe-se mais Luma Barreto. Aldir ainda põe letra em uma obra-prima, "Anjo Da Velha Guarda". Alvissaras às novas parcerias de Moacyr com Nei Lopes ("Jogo Rasteiro") e Paulo Cesar Pinheiro ("Samba De Fato"). Mas em "Encontros Cariocas" que celebra o circuito étnico-sambista do Rio, Aldir é insuperável.

8

Álvaro Da Costa E Silva

SOUL ASYLUM

Candy From A Stranger

Columbia/Sony Music

Banda do ex-amor de Winona Ryder namora o pop

Desde que surgiu em Minneapolis, em 1981, o Soul Asylum sempre primou pela fidelidade ao rock, influenciado pelo grupo punk Husker Dü. O estrelato só foi aparecer anos mais tarde quando eles assinaram com a Sony e lançaram *Grave Dancers Union* (1992) e emplacaram os hits "Somebody To Shove" e "Runaway Train".

Candy From A Stranger mostra um Soul Asylum mais amigo do pop. A banda trocou Butch Vig, líder do Garbage e produtor de seus outros dois discos, por Chris Kimsey – responsável por álbuns de Peter Tosh e Rolling Stones. Com exceção de "Lies Of Hate" (assinada pelo baterista Sterling Campbell), nenhuma canção tem o peso que caracterizou seu passado hardcore. "I Will Still Be Laughing", uma declaração de independência com refrão assobiável, é um bom exemplo dessa nova fase. Violões tomam conta de várias faixas, como "Close", "The Game" e "Blood Into Wine" – esta última, uma balada melancólica quase country, composta por Pitner em parceria com a cantora de New Orleans Elizabeth Herman.

Candy é um disco quase todo gravado ao vivo em estúdio, dando a entender que a força do Soul Asylum é mesmo o palco. Não é à toa que recebeu da crítica americana o título de "melhor banda ao vivo". Quem assistiu às aberturas dos shows do INXS em São Paulo e no Rio, em 1994, sabe.

6

Renato Vada

Brasileiras emoções

platéia carioca em CD

RENATO TEIXEIRA

Ao Vivo No Rio – 30 Anos De Romaria

Kuarup

Em novembro de 1997, celebrando três décadas de carreira, o orgulho de Taubaté fez o Rio de Janeiro sorrir, cantar junto, com todos os olhos puxados, e se derreter de ternura. "Eu quero ver quem não chora quando ama de verdade", soprou Renato, em "Rio De Lágrimas" (Tião Carreiro, Piraci e Lourival Santos), absolvendo e abençoando os muitos olhos molhados do Canecão.

A felicidade pelo "primeiro show solo pra valer" na cidade vaza em todas as interpretações, elegantemente sustentadas pelo violão e pela bela viola de Natan Marques. O violino de Cássio Poletto providencia o toque *cântri* da projeta "Vira-Bosta" e espeta mais os corações dos fãs em clássicos como "Amora" e "Amizade Sincera". Além de belezas de lavra própria, Renato recria "No Rancho Fundo" (de Ary Barroso e Lamartine Babo) e "Estrada De Canindé" (de Gonzagão e Humberto Teixeira). Destaque no roteiro, "Sentimental Eu Fico" expressa um estado coletivo – inspirado pela poesia brasileiramente emocionada desse discípulo de Manuel Bandeira. Quem perdeu, não precisa chorar: aquela noite inesquecível encerrada com "Romaria" e "Amanheceu, Peguei A Viola" virou disco sem perder a capacidade de arrepiar.

10

P.S.

SHOWBIZZ

Para anunciar ligue

Tels.: (011) 3037-4741
3037-5868
3037-5474

A mais completa em novidades e raridades

sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão

RARIDADES DE ROCK-POP DOS 60 AOS 90 EM TODOS OS ESTILOS

Enviamos para todo país. Aceitamos cartão

Rua 24 de maio, 116 Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 -Centro - SP

londoncd@uol.com.br

LONDON CALLING

CD'S - VHS - LD's

Tel/Fax: (011) 223-5300

DOMINGUINHOS
Nas Costas Do Brasil
Velas

Canções regravadas pela sanfona mais famosa do Brasil

Nas Costas Do Brasil passa longe das enganações gastronômicas que têm dominado a moda do forró. O sanfoneiro Dominguinhos promove uma festa de respeito, com sucessos como "Eu Só Quero Um Xodó" (coverizada recentemente por Paula Toller) e "Abri A Porta"; emociona ao revisitar as novidenas "Pedras Que Cantam" e "Isso Aqui Tá Bom Demais" temas de *Pedra Sobre Pedra* e *Roque Santeiro*, respectivamente.

E se Luiz Gonzaga, de quem Dominguinhos herdou o gosto pelo forró, pecava por afagar velhos ditadores nordestinos, seu discípulo não fica atrás. "Eu Sou Do Banco", propagandeia as instituições do Nordeste com ajuda do também sanfoneiro Waldonys, ex-integrante da banda de Marisa Monte. Pelo menos o Banco Econômico ficou de fora. 7

Sérgio Martins

CAROL SABOYA
A Dança Da Voz
Lumiar Discos

Cantora estréia com sambas frescos e novas composições

Aos 23 anos, Carol Saboya mostra que tem futuro no samba e na MPB em seu disco de estréia. *A Dança Da Voz*. Além de total competência na garganta, a moça mostra um repertório repleto de novidades, numa época em que "As Rosas Não Falam" e qualquer clássico da bossa nova devem andar pela milionésima gravação e não faltam compositores no mercado.

A bonitinha Carol tem uma bagagem musical respeitável. Ela é filha do maestro Antonio Adolfo – que trabalhou na produção e tocou piano em quase todas as faixas do disco –, formou-se em música (canto) na Universidade Estácio de Sá, no Rio, e há anos ensaia seu ofício na escola de música da família. Após gravar alguns vocais de apoio na adolescência, há dois anos ela estreou no disco de 50 anos do poeta Aldir Blanc, cantando "Carta De Pedra" (de Aldir e Guinga), bela canção de melodia complicada como todas as da dupla. Em *A Dança Da Voz* a parceria mais uma vez está presente, ao lado de composições de Lenine ("Samba Escrachado" e "Luar Do Rio"), uma parceria psicografada de Ernesto Nazareth e Herminio Bello de Carvalho ("Escorregando") e mais uma penca de novidades.

Bernardo Araújo

JUDAS PRIEST
Living After Midnight
Columbia/Sony Music

Vinte anos de heavy metal resumidos em um único CD

Eis um disco que Beavis & Butt-Head definiriam como *cool*. *Living After Midnight* reúne clássicos absolutos do metal clássico deste quarteto inglês. As guitarras de Glenn Tipton e K.K. Downing influenciaram até o Iron Maiden. E "Breaking The Law", "The Green Manalishi" e "Electric Eye" são de uma época em que as roupas de couro e os agudos de Rob Halford eram tomados como sinal de macheza. 7

S.M.

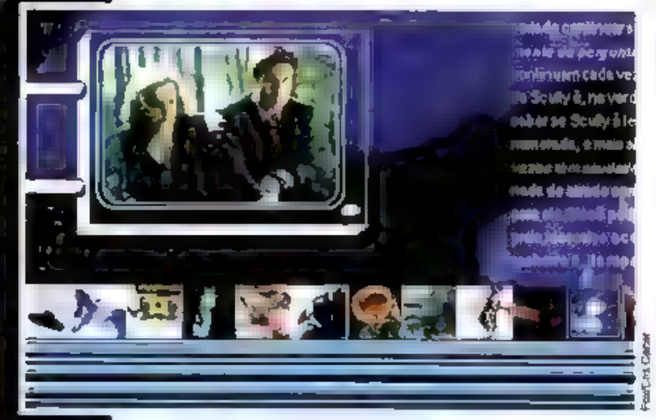
BOLSA DE DISCOS

	Arthur G. Couto Duarte *O Estado de Minas*	Humberto Slowik *Gazeta do Povo, PR*	Leticia Caimon *SHOWBIZZ*	Pedro Só *SHOWBIZZ*	Renato Vada *SHOWBIZZ*	Ricardo Mendonça *89 FM*	Roberto Sadovski *SET*	Rodrigo Salem *Diário de Pernambuco*	Silvio Essinger *Jornal do Brasil*	Toninho Spessotto *Shopping Music*	MÉDIA
SMASHING PUMPKINS *Adore* Virgin	7	7	8	8	10	•	9	9	•	•	8.2
FRANK BLACK & THE CATHOLICS *Frank Black & The Catholics* Sony Music	6	9	7	6	9	8	7	7	9	•	7.5
PARALAMAS *Hey Na Na* EMI Music	5	6	8	9	6	8	7	7	7	9	7.2
MASSIVE ATTACK *Mezzanine* Virgin	9	8	3	7	5	•	8	8	9	•	7.1
SIMPLY RED *Blue* Eastwest/Elektra/WEA	5	1	7	6	•	5	7	6	7	9	5.8
VÁRIAS *Little Fish – A Celebration of Homage to Moog* Arista/BMG Brasil	7	8	7	4	•	•	•	6	0	8	5.7
ERA *Você Não Sabe Nem Da Sua* Polydor	•	7	6	5	4	7	6	5	7	2	5.4
PATO FU *Televisão de Cachorro* Plug/BMG Brasil	•	7	7	8	6	7	5	5	4	0	5.4
PAULA TOLLER *Paula Toller* WEA	5	5	4	6	•	5	3	2	5	10	5
VIRGULÓIDES *Só Pra Quem Tem Ouvidos?* Polygram	4	3	2	7	4	•	4	3	9	8	4.8

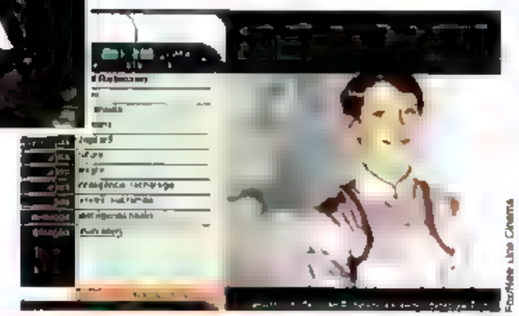
SELOS INDEPENDENTES

Cia. Paulista de Hip Hop – (0**11) 864-7622 • CID – (021) 280-3838 • Discutir – (011) 282-5595/282-5796 • Discovery – (0**61) 226-5404/224-4050 • Ethos (011) 3068-8111 ramal 701 • Kuarup Discos (021) 220-1623 e kuarup@alpha.net.com.br (e-mail) • Lumiar Discos (021) 541-4045 • Motor (011) 261-9509 e motor@globalsite.com.br (e-mail) • Spicy Records Caixa Postal 3811 CEP 01060-970 São Paulo, SP • Vitória Régia (021) 389-1580 • Voice Print (011) 240-2656 ou voiceprint@envisivel.com.br • Wet Music – (011) 452-2144

Os Vilões Estão Com Os Dias Contados: Chegou o CD-ROM Dos Heróis.



Os Super-heróis dos quadrinhos, da tevê, do cinema e dos videogames pela primeira vez em CD-ROM: Enciclopédia Herói



São 1.250 heróis nacionais e internacionais em mais de 1.000 verbetes com fichas completas, mais de 1.500 imagens, 7 universos com clipes e vídeos, além de cenas raras de séries brasileiras como Águias de Fogo e Vigilante Rodoviário.

Este CD-ROM inédito traz ainda 40 biografias dos mais importantes criadores, como Frank Miller, Stan Lee, Todd McFarlane, George Lucas, Edgar Rice Burroughs, Joe Shuster e Jerry Siegel.

O CD-ROM Enciclopédia Herói é a maior fonte de pesquisa e diversão sobre o mundo dos super-heróis.
Você nunca viu nada igual.

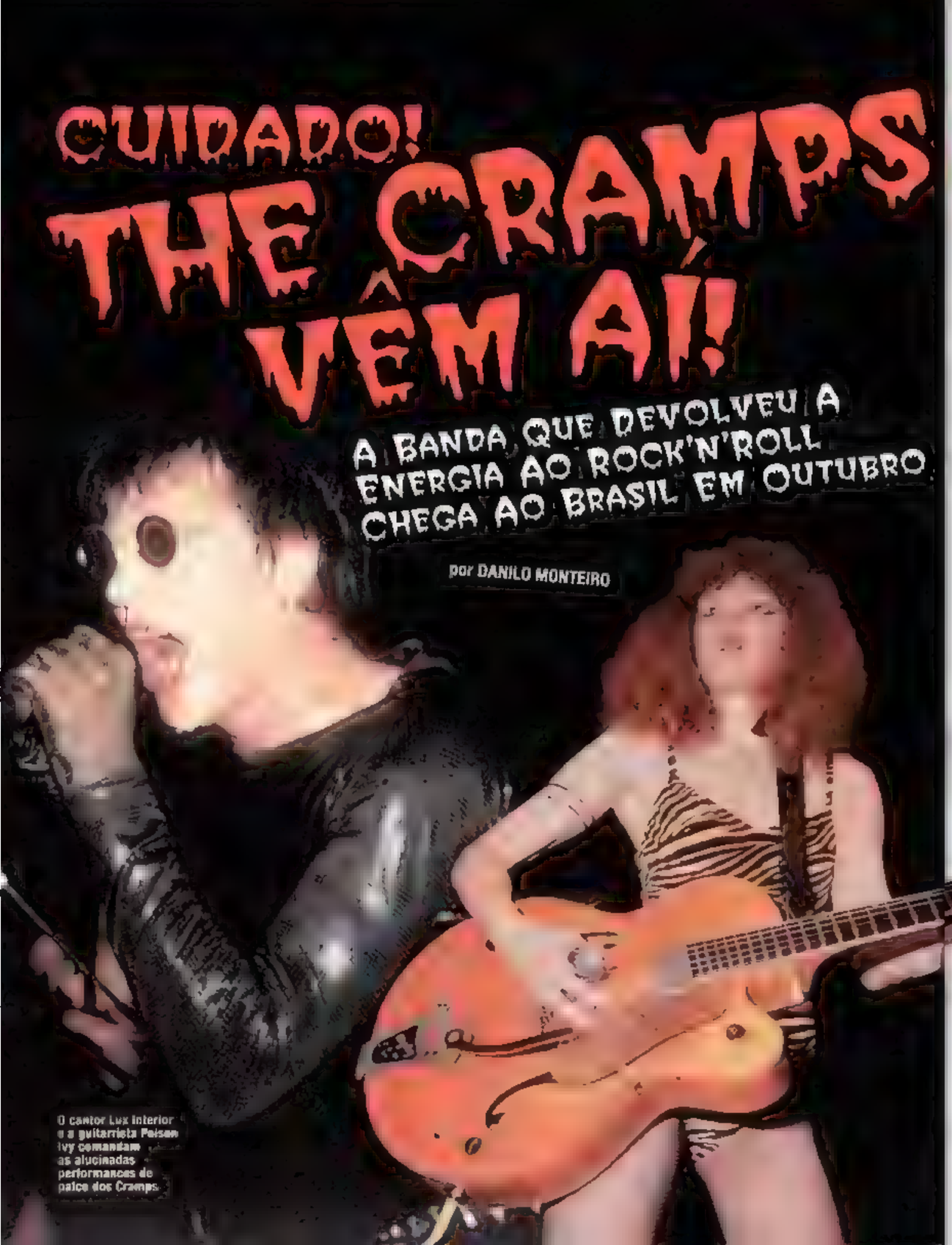
CORRA
E DETENDA
O SEU.

PC/MAC

CUIDADO! THE CRAMPS VÊM AÍ!

A BANDA QUE DEVOLVEU A ENERGIA AO ROCK'N'ROLL CHEGA AO BRASIL EM OUTUBRO

por DANILO MONTEIRO



O cantor Lux Interior e a guitarrista Poison Ivy comandam as alucinadas performances de palco dos Cramps

Cena um: show em um manicômio da Califórnia, 1979. O bumbo da bateria, em que o logotipo The Cramps balança a cada golpe do baterista, está rasgado. Os internos dançam ao som de um rockabilly selvagem. No palco, o vocalista parece Mick Jagger tendo convulsões. E se arrisca duelos com um ou outro espectador exaltado que invade o palco, depois abandona a banda e o microfone para ir dançar no meio da galera. A guitarrista Poison Ivy observa com um sorriso safado.

Cena dois: clipe da música "Bikini Girls With Machine Guns". Uma *pin-up* loira num biquíni de lantejoulas vermelhas, com uma metralhadora nas mãos. Ela dispara, seu corpo chacoalha. A parte de baixo do biquíni vai escorregando até os pés.

Deu para começar a entender o fenômeno The Cramps? Eles têm apresentações marcadas nos dias 20 de outubro, em São Paulo; 21, em Curitiba, e 22, no Rio.

The Cramps surgiram na segunda geração do punk de Nova York, em 1975. A estréia aconteceu no lendário CBGB (um clubinho em *downtown* que projetou Ramones, Patti Smith e Television), no dia de Finados, abrindo para um duo chamado Suicide (também cultuado hoje). As músicas falavam sobre filmes trash, gibis e esquisitices em geral. Lux Interior, o vocalista, podia ser visto em roupas de couro, salto alto, a franja do topete caindo sobre os olhos psicóticos. Não, não era uma *drag queen*. Sua esposa, a guitarrista Poison Ivy, apresentava-se com figurino sadomasô: bota, cinta-liga e bustiê de lantejoulas.

O casal, que sempre foi o núcleo criativo da banda, se alimenta vorazmente de cultura *trash*. E o Brasil, quem diria, entrou nessa receita de influências. "Assisti a muitos filmes do Coffin Joe (*Zé do Caixão*). Ele é realmente legal. Vi *A Meia-Noite Levarei Sua Alma* (nos EUA: At Midnight I'll Take Your Soul)", admite Lux Interior, em entrevista pelo telefone. Os Cramps sempre levaram o *trash* (lixo, em inglês) a sério (até onde eles conseguem ser sérios...). Para Poison Ivy, *trash* "é o que as pessoas jogam fora porque não sabem o quanto é valioso". Na sua visão, o rótulo se aplica tanto a gibis de terror quanto ao catálogo da Sun Records (gravadora que lançou Elvis Presley e outros carpinteiras roqueiros, antes de o rock virar instituição). "Quando começamos, coletamos tudo que pudemos achar de velhos LP's de 45 rotações em lojas de usados, era o único modo de escutar rock'n'roll realmente excitante", recorda Lux.

TIMOTHY LEARY, GURU DA CULTURA PSICODÉLICA DOS ANOS 60, CUNHOU A EQUAÇÃO: SURFE + FILMES B DOS ANOS 50 + HALLOWEEN + TRAVESTIS + LSD + VAMPIROS + PUNK ROCK + ELVIS + SALTOS ALTOS + ROCKABILLY + CHICOTES E COURO + SEXO + DROGAS + ROCK'N'ROLL = THE CRAMPS

Os Cramps tomaram para si uma missão semelhante à dos Ramones: fazer o rock voltar a ser divertido numa época em que o gênero estava virando trampolim para guitarristas exibidos e bateristas egocêntricos. Mais rockabilly e mais psicodélicos que os Ramones, para quem chegaram a abrir dois shows, retomaram a energia que havia nos pioneiros do rock (incluindo aí a surf music).

"O importante do rock'n'roll é que, quando ele começou, havia o que era chamado de rebelião da juventude", levanta Lux. E corta: "Isto realmente mudou a cultura e teve muito a ver com um basta ao racismo nos EUA. Pela primeira vez crianças brancas piraram com Little Richard e Chuck Berry, e compreenderam que a música deles era realmente boa".

De *Gravest Hits*, EP com os primeiros esforços, de 1976, a *Big Beat From Badsville*, do ano passado, o fôlego é o mesmo, apesar dos atuais 50 anos de Lux. Mas não espere falsa humildade dele. "Devotamos nossas vidas a tentar fazer as pessoas entenderem o que fazia do rock uma coisa notável. Ser uma grande banda ajuda nisso", regurgita.

10 razões para estar na primeira fila dos shows

1. Em 23 anos de estrada, The Cramps não tiveram sequer um sucesso e não se importam com isso.
2. Foram produzidos por Alex Chilton, herói cultuador do rock – faz parte dos grupos Big Star e Box Tops (pergunte a seu pai sobre o hit "The Letter").
3. Um dos fundadores do fã-clube do grupo na Inglaterra foi Morrissey.
4. Eles começaram abrindo para os Ramones, banda irmã no espírito punk apolítico baseado em deboche e diversão.
5. Participaram da trilha sonora de *A Volta dos Mortos Vivos*, com a música "Surfin' Dead".
6. Gravaram com Iggy Pop, ao mesmo tempo idolo e fã deles, "Miniskirt Blues".
7. As performances de Lux Interior, derramando-se pelo palco e urrando o microfone na boca para produzir microfonias, e as figurinos ultrajantes de Poison Ivy, que já usou um rabinho de cachorro atrás do short de couro.
8. "Como escolhi o nome artístico Lux Interior? Vi escrito num classificado de carro usado. Era uma abreviação para interior luxuoso. Isso foi em 1973, por aí", revela Erick Lee Purkhiser.
9. O som da banda nunca mudou de acordo com a moda de cada época.
10. O show do manicômio aconteceu mesmo – está no vídeo *Live At Napa State Mental Hospital*.

Teste

Que tipo de fã do Hanson você é?

Demonstre seus conhecimentos sobre o grupo que está lançando o CD *Three Car Garage: The Independent Recordings '95-'96*

1 **Quem é o diretor do clip de "Weird"?**
a) Weird Al Yankovic
b) Gus Van Sant
c) Glauber Rock
d) Kevin Smith
e) Derek Jarman

2 **Quais os nomes dos dois discos independentes lançados antes de *Middle of Nowhere*?**
a) *MMMBocket* e *River*
b) *Merry Christmas, Baby* e *Bebeto World*
c) *Boomerang* e *MMMBop*
d) *River* e *Boomerang*
e) *MMMBop* e *Weird*

3 **Que instrumento cada um toca?**
a) Isaac: guitarra; Taylor: teclados. Zac: bateria.
b) Isaac: baixo; Taylor: teclados, Zac: bateria.
c) Isaac: fagote; Taylor: oboé; Zac: trompa de Falópio.
d) Isaac: guitarra; Taylor: bateria, Zac: piano.
e) Isaac: bateria; Taylor: berimbau tenor;
Zac: flauta transversal com embocadura larga.

4 **Como se chama a recém-nascida irmã do trio?**
a) Zoe Genevieve
b) Sarah Shiva
c) Tracy Mary
d) Elliot Lucy
e) Venus Emmanuelle

5 **Por que um famoso show da banda no Blue Rose Cafe, em Tulsa, aconteceu do lado de fora do bar?**
a) Faltou energia elétrica e eles resolveram fazer um show acústico ao luar
b) O telhado caiu por causa do peso de 60 fãs sem ingresso que tentaram invadir o local
c) A entrada no local era proibida para menores
d) A polícia interditou o bar por falta de segurança
e) Zac tinha comido batata-doce

6 **A filha de qual famoso roqueiro pagou 15 mil dólares em um leilão beneficente por um ingresso para um show de Hanson?**
a) Ozzy Osbourne
b) Bob Dylan
c) David Bowie
d) Rob Halford
e) Bill Clinton

7 **O Hanson faz uma participação especial no clipe de qual ex-beatle?**
a) Pete Besta
b) George Harrison
c) John Lennon
d) Paul McCartney
e) Ringo Starr

8 **O que inspirou a música "Man From Milwaukee", que fala de aliens?**
a) Um sonho de Taylor, em que ele era o Capitão Kirk
b) Uma viagem da família em que o carro quebrou em Albuquerque
c) A primeira vez que Isaac assistiu a um capítulo do *Arquivo X*
d) Uma escultura de barro feita por Zac após duas horas no banheiro
e) A aparição de um disco voador durante um show em Milwaukee

SAIBA SE VOCÊ É EXPERT OU PRINCIPIANTE

8: BOOOM Já virou doença. Você está com hansoníase, doença transmitida por camundongos louros.
De 5 a 7: INDECISA Você não sabe bem o que quer, mas ficaria com qualquer um dos quatro. Quatro? É... de quatro, cinco ou três, eles são todos gatinhos, não?
DE 0 a 4: EVOLUÍDA Como pessoa amadurecida e atualizada, você já esqueceu dos irmãozinhos e prefere dedicar seu tempo a coisas mais importantes, como, por exemplo, montar um bi-clube dos Backstreet Boys.

Respostas
1-b, 2-c, 3-a, 4-a, 5-c, 6-a, 7-e 8-b

Zac, Taylor e Isaac: os queridinhos da família Hanson

Stamp RockWear

EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA

PREÇO ESPECIAL
R$ 19,50
VALIDO ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

GANHE ESTA GUITARRA

FENDER STRATOCASTER
MADE IN USA

NA COMPRA DE UMA CAMISETA VOCÊ RECEBE UM COPUM NUMERADO E CONCORRE A UMA GUITARRA FENDER STRATOCASTER AMERICANA LEGÍTIMA (ACOMPANHA CASE).

OS PEDIDOS DEVERÃO SER ENVIADOS ATÉ 14/08/98

O SORTEIO SERÁ REALIZADO ATRAVES DA EXTRAÇÃO DA LOTERIA FEDERAL DO DIA 02/09/98.

SERÃO VÁLIDOS OS QUATRO ULTIMOS NUMEROS DO 1o PRÊMIO DA LOTERIA, OU SEJA,VOCÊ CONCORRE NA MILHAR

NA COMPRA DE DUAS CAMISETAS VOCÊ RECEBE DOIS CUPONS E ASSIM SUCESSIVAMENTE

O GANHADOR SERÁ INFORMADO POR TELEFONE OU TELEGRAMA.

Tel. 011-2997344
Fax 011-2995456
e-mail: stamp@uol.com.br

TAMANHOS P M G
DESCONTO PARA REVENDEDORES

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PROXIMA DE SUA CASA.
O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP
RUA HELIODORA,321 - 02022-051 - SÃO PAULO/SP

SB 156

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CIDADE: EST
TEL. ASSINATURA:

Lyrical Minds

FOO Fighters

My Hero

(Dave Grohl/Foo Fighters)

Too alarming now to talk about
Take your pictures down and shake it out
Truth or consequence, say it aloud
Use that evidence, race it around

There goes my hero
Watch him as he goes
There goes my hero
He's ordinary

Don't the best of them bleed it out
While the rest of them peter out
Truth or consequence, say it aloud
Use that evidence, race it around

There goes my hero
Watch him as he goes
There goes my hero
He's ordinary

Kudos my hero leaving all the best
You know my hero, the one that's on

There goes my hero
Watch him as he goes
There goes my hero
He's ordinary

Dave Grohl bate pra frente com o Foe Fighters

A ELEGIA DE DAVE GROHL PARA O AMIGO KURT COBAIN

Meu Herói

Muito preocupante para falar agora
Tire suas fotos e se mande
Jogo da verdade, diga alto
Pegue aquela prova, circule-a por aí

Lá vai meu herói
Observe-o enquanto ele se vai
Lá vai meu herói
Ele é uma pessoa comum

Os melhores não sangram tudo?
Enquanto o resto vai se apagando
Jogo da verdade, diga alto
Pegue aquela prova, circule-a por aí

Lá vai meu herói
Observe-o enquanto ele se vai
Lá vai meu herói
Ele é uma pessoa comum

Parabéns, meu herói, deixando tudo de bom
Você conhece o meu herói, é o que está aí

Lá vai meu herói
Observe-o enquanto ele se vai
Lá vai meu herói
Ele é uma pessoa comum

Kurt Cobain um herói comum

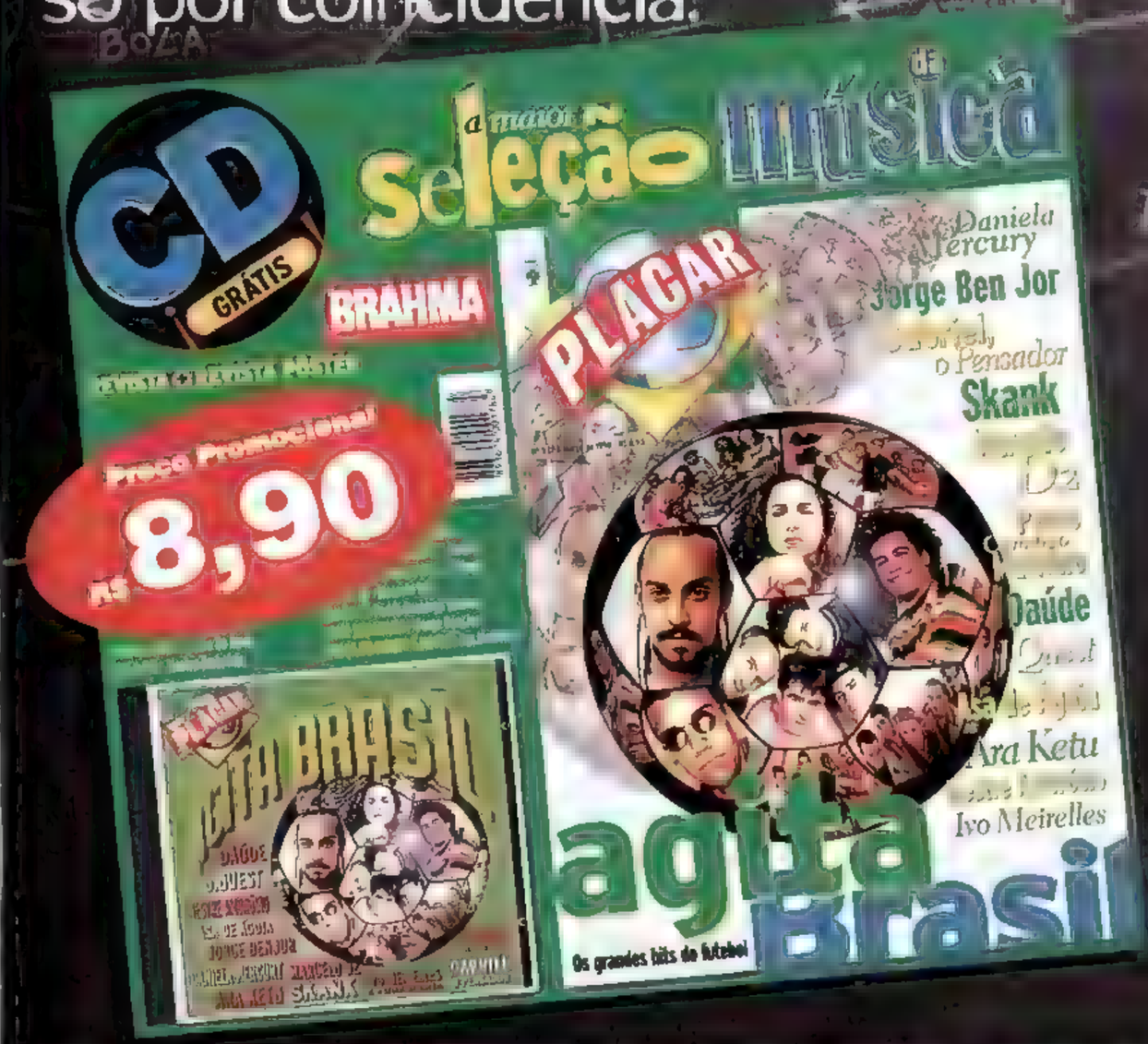
Depois do suicídio de Kurt Cobain em 1994, Dave Grohl fez questão de não abrir a boca para falar da perda do colega do Nirvana, tamanha a sua irritação com as bobagens que começaram a ser publicadas. Até que, à sua maneira, Grohl resolveu expressar-se por meio da linda "My Hero", música incluída no álbum *The Colour & The Shape*. Costumeiramente quieto e econômico em suas letras, Grohl precisou de poucas palavras para pintar seu retrato de Cobain: um "herói comum". "My Hero" é sempre uma das mais pedidas nas apresentações do Foo Fighters, que termina este mês a excursão pelos EUA dentro do Ozzfest, em que divide o palco com Ozzy Osbourne, Black Sabbath, Pantera, Soulfly e Slayer.

© M.J. Twelve Music / EMI Virgin Songs Inc

BRAHMA Chopp

O IRRESISTÍVEL SABOR Nº1 APRESENTA: PROJETO AGITA BRASIL.

E você achando que os melhores shows acontecem em estadios só por coincidência.



Só mesmo a Placar e a Sony Music para fazer um golaço desses. Placar Especial Agita Brasil. Você compra a revista e a revista-pôster e leva grátis o CD Agita Brasil. Um CD com as melhores músicas sobre futebol, em gravações inéditas de uma seleção pop. Clássicos como "Pra frente, Brasil", "Filho Maravilha", "Camisa 10" e uma nova versão de "É uma partida de futebol" interpretados por: Gabriel, o Pensador, Skank, Jorge Benjor, Daniela Mercury, Ara Ketu e muitos outros. Placar Especial Agita Brasil. Já nas bancas.

PLACAR

Foto original: Pedro Mascaro

DE VOLTA AO B-52'S, A CANTORA DA PERUCA LOIRA PARTICIPA DA TURNÊ DE LANÇAMENTO DA COLETÂNEA *TIME CAPSULE: SONGS FOR A FUTURE GENERATION*

CINDY WILSON

por VITOR PADLOZZI

Por que você decidiu sair do B-52's, deixando de participar do álbum *Good Stuff* (1992)?
Saí depois de *Cosmic Thing* (1989), que foi um projeto de quatro anos. Um ano e meio escrevendo as músicas e gravando, mais dois anos excursionando. Eu disse que não poderia me comprometer por um novo período de quatro anos. Estava tentando ter uma vida pessoal simples, reavaliar as coisas, mudar minha mente numa direção mais positiva, tentando crescer por dentro.

O que você fez depois que saiu da banda?
Jardinagem... Voltei para a Geórgia, constituí família. Meu marido e eu compramos ingressos para a temporada sinfônica, era uma boa desculpa para sairmos juntos toda sexta-feira. Eu precisava de um tempo.

Como está sendo a volta?
Ótima. Eu tenho tentado conseguir meu alcance vocal de volta, fortalecer o meu canto. Tenho trabalhado nisso, mas as músicas são fáceis de pegar. Temos tentado fazê-las em arranjos um pouquinho diferentes, para deixá-las um pouco mais interessantes para a banda.

É verdade que vocês têm feito shows fechados para empresas?
Sim, recentemente tocamos numa convenção da Nintendo. O público é diferente, muitos são fãs antigos, que escutavam a gente quando eram crianças ou quando estavam na faculdade. Estes shows pagam bem, e fazer uma turnê pode ser uma coisa bem cara.

Quem teve a idéia de excursionar com os Pretenders?
Kate *(Pierson)* e Fred *(Schneider)* são chegados à Chrissie (Hynde). Eles estão mais envolvidos com a Peta *(organização em defesa dos animais)* do que eu. Acho que se conheceram por causa disso, mas acho que foram os empresários que armaram.

Vocês planejam tocar no Brasil?
Eu adoro o Brasil. A gente esteve aí anos atrás *(em 1985, no primeiro Rock In Rio)*. Eu adoraria fazer uma nova visita, mas não temos nada planejado.

Por que o B-52's demora tanto tempo para fazer um disco?
Somos uma banda democrática. O Keith *(Strickland)* faz uma música e ficamos fazendo jam, improvisando em cima. Pode demorar uns dez ensaios. A gente para, reforma, começa a fazer as harmonias vocais, melodias, letras. A gente tem muita coisa para desenvolver com três vocais e três mentes com idéias.

Vocês nunca sentiram pressão da gravadora para lançar disco todo ano?
Eles tentam nos "incentivar" a fazer isso, mas nós precisamos fazer no nosso ritmo.

Vocês estão planejando compor e gravar material novo?
Isso provavelmente vai acontecer. Mas por enquanto a única coisa programada é essa turnê de dois meses para promover o CD.

Você acha que o B-52's foi colocado numa espécie de prisão, que não pode fugir da imagem de uma banda alegre, de festa?
Eu não diria que há uma prisão. Com certeza, nos ocupamos um nicho. Acho que o nosso talento natural é fazer músicas alegres. É fácil para a gente. Mas temos músicas que não são tão positivas, têm seu lado negativo.

Como surgiu a música dedicada a Deborah Harry ("Debbie")?
Saiu de uma jam. Estávamos pensando nas bandas de mulheres que surgiram nos anos 70, na new wave. A Debbie tocou no Stilletoes antes de montar o Blondie... Havia um monte de imagens, que acabaram evoluindo para a música.

BALADÕES POR MINUTO

PAULO RICARDO
Metropolitan (Rio), 12/06

Depois de anos de idas e vindas com o RPM, um disco de regravações e um lançamento romântico, apostava-se que Paulo Ricardo sumiria de vez. E não é que, um ano e meio após a chegada de *O Amor Me Escolheu* às lojas, o autor de "Louras Geladas" e "Olhar 43" ainda respira, e sem ajuda de aparelhos? Comendo pelas beiradas, o disco foi aparecendo: a canção "Dois" – que inaugurou a parceria de Paulo com Michael Sullivan, da dupla Sullivan e Massadas – entrou na trilha da novela *Era Uma Vez*, da TV Globo, e atacou as rádios; "Felicidade", a versão para "Love Of My Life", do Queen, estourou pelo interior do Brasil e Perrengue (Paulo Ricardo Medeiros, chegou cheio de moral ao Metropolitan no Rio.

A casa apresentava a configuração usada em shows de MPB, com mesas e todo mundo sentado. Normal em se tratando de um cantor romântico, mas esquisito para quem tem um passado *roqueiro* e a grande maioria de seu público concentrada nos jovens. Mais estranho ainda em se considerando a essência do set de Paulo: algumas canções do disco romântico, muitas do pop-rock nacional de *Rock Popular Brasileiro*, seu trabalho anterior, e uma meia dúzia do velho RPM. Portanto, um show para ver mais de pé do que sentado. Só que as cerca de 2 mil pessoas que foram até o longínquo Metropolitan no Dia dos Namorados fazem uma proporção respeitável naquela configuração (que comporta pouco mais de 4 mil espectadores) não seriam mais do que um mico de pé (quando a capacidade passa das 8 mil pessoas). Entende-se.

Após um simpático show de abertura da cantora Cris Braun, ouviu-se a guitarra slide que abre o disco. A canção "E Não Vou Mais Deixar Você Tão Só", de autoria do falecido Antônio Marcos, pressagiava um show dedicado aos casaizinhos que, verdade seja dita, não eram maioria na casa. Já em vias de se livrar dos quilinhos a mais que havia adquirido ultimamente (no camarim, ele contou que estava de dieta e sua namorada confessou ter secado "quase sozinha" uma garrafa de vinho tinto), Paulo entrou de preto. O popstar envergava um jaquetão com imensas ombreiras – logo ele, que foi elogiado pelos ombros *sexies*, na época do RPM – e até gravata.

O som parecia bom, com o teclado de Lourival Franco um pouco acima das guitarras de Júnior e Ricardo Palmeira. Seguiram-se mais canções de *O Amor Me Escolheu*, emendadas, com Paulo caprichando nos biquinhos e no apertar de olhinhos. Veio então o momento cover que teve "Tempo Perdido", da Legião Urbana, com direito a batida eletrônica e final roqueiro; "Um Certo Alguém", de Lulu Santos; "Me Liga", dos Paralamas, e "Marvin", dos Titãs. Isso tudo com uma média de um novo paletó (em cores diversas) a cada duas músicas. Seguiu-se a melhor parte do show. Júnior e Ricardo pegaram violões e sentaram-se, com Paulo no meio, para boas versões de "London, London", "Olhar 43", "Louras Geladas" e "A Cruz E A Espada". No final, mais baba – incluindo "Detalhes", de Roberto Carlos – e um bis dance/romântico. Paulo Ricardo parece não saber muito bem para onde atirar. Mas quando acerta, acerta.

Bernardo Araujo

Loiras calientes no camarim

A festa nos bastidores, após a estréia de Paulo Ricardo, estava coalhada de celebridades. Uma fartura de beldades – entre as quais Monique Evans, Marinara e Isabelita dos Patins – esperava o astro para sapecar-lhe uma beijoca. No canto, meio sonolentas, estavam as crianças do elenco de *Era Uma Vez*, novela embalada pela voz do ídolo. Meio escondido pela muvuca, um homem de pele escura e silhueta arredondada esperava pacientemente sua vez. Era Michael Sullivan, parceiro de Paulo em "Dois" e ex-integrante da seminal banda pop The Fevers. Uma alegria só.

Paulo confraterniza com loiras nada geladas: Marinara *(no alto)* e Monique Evans *(acima)*

Os ombros *sexies* que já foram elogiados por Caetano Veloso, agora a serviço do romantismo

Jacarepaguá com carinho

Nem só casais foram aproveitar o Dia dos Namorados ao som de Paulo Ricardo. As primas Gláucia, Fernanda e Renata Marques, de 25, 14 e 18 anos, moradoras da Praça Seca, em Jacarepaguá (zona Oeste do Rio), esperavam por canções de várias fases da carreira do ídolo. "Eu o adorava no RPM, mas essa volta foi demais", derretia-se Gláucia. Em outra mesa, Marcelo Soares, 23 anos, emburrava-se: "Sou mais ligado no passado". Mais animados, sua namorada Márcia Souza e o casal Fernando Reis, 22, e Fabiana Veloso, 28 – da Taquara, em Jacarepaguá –, aguardavam com igual ansiedade o romantismo de *O Amor Me Escolheu* e os rocks dos anos 80.

Marcelo, Márcia, Fabiana e Fernando: romances ao som de Paulo

Robôs com alma

KRAFTWERK
Manhattan Center (Nova York), 13/06

A fila do lado de fora reunia todas as tribos: punks de camisa do Damned conversavam com góticos, metaleiros esperavam ao lado de fãs do Nitzer Ebb. Ninguém escondia a excitação. Afinal, fazia dezessete anos que o Kraftwerk não tocava em Nova York. Achavam até que a banda havia acabado. Nada disso. Rolf Hutter e Florian Schneider estavam sumidos, mas não parados.

Os dois cérebros do Kraftwerk nunca pararam de compor e experimentar desde que fundaram a banda, no início dos anos 70. Continuam passando os dias trancados em seu estúdio Kling Klang, em Dusseldorf, um prédio velho sem campainha ou telefone. Não recebem correspondência nem dão entrevistas. Vivem para compor.

Apesar do isolamento, a importância do Kraftwerk nunca esteve tão evidente. Basta ligar o rádio, de onde vieram Massive Attack, Prodigy, Nine Inch Nails, Tricky e Chemical Brothers? Todos passaram a adolescência ouvindo *Autobahn* e *Radioactivity*. E não são apenas as bandas techno que beberam na fonte do Kraftwerk: punks (Killing Joke e Big Black), new romantics (Duran Duran) e rappers (Afrika Bambaataa, que sampleou "Trans Europe Express" em seu hit "Planet Rock") também aprenderam muito com Rolf e Florian. Até David Bowne copiou o minimalismo cibernético do Kraftwerk, nos álbuns *Low* e *Heroes*.

Os quatro integrantes do Kraftwerk não se mexem, passam as duas horas do show atrás de uma montanha de sintetizadores. O mais animado, Rolf de vez em quando batia o pé e arriscou um raro sorriso no meio de "Computerworld", quando a platéia cantou: "Interpol / Deutsche Bank / FBI / Scotland Yard / CIA / KGB". O show foi uma coletânea dos sucessos da banda. "Numbers", "It's More Fun To Compute", "Tour De France", "Autobahn", a infecciosa "The Model", "Radioactivity", "Trans Europe Express" e "The Man Machine". Tocaram também duas músicas novas, lentas e longas, que não identificaram. No bis, robôs substituíram os músicos e "tocaram" "We Are Robots". Encerraram o show com os clássicos "Pocket Calculator" e "Music Non Stop".

O show reafirmou a posição do Kraftwerk como um dos nomes fundamentais da história do rock. Ouvindo "Pocket Calculator" ou a pesadíssima "Numbers", a impressão que se tem é que tudo que já foi feito de pop eletrônico no mundo copia o Kraftwerk. O que poucos conseguiram emular, no entanto, é o senso de humor da banda — que muitas vezes passa despercebido em meio à seriedade teutônica de Rolf e Florian — e as melodias lindas que eles criaram.

André Barcinski

Mano Brown na área: os Racionais abrem a noite dedicada ao rap'n'roll

Rap espetáculo

RACIONAIS MC'S, IRA! E PLANET HEMP
Aramaçan (Santo André, SP), 06/06

Eram pouco mais de onze e meia da noite quando os alto-falantes do ginasio amplificaram o mote "Sem justiça não há paz Sem paz não há justiça. É Racionais na fita, ladrão!" A iluminação contava com sirenes dos dois lados do palco. E as picapes de KLJay comandavam o início de "Diario De Um Detento"

Primeira bola dentro da noite para quem esperava uma apresentação apenas com base pré-gravada e três rappers zanzando pelo palco, os Racionais são uma grata surpresa. Com um coro gospel de quatro rapazes acompanhando-os em algumas musicas, um DJ de mão cheia (KLJay) boas sacadas de iluminação e um discursador nato (Mano Brown), o quarteto paulistano saltou

O filho prodigo BNegão e Marcelo D2 dublam a cena com o Planet Hemp

do palavrório rimado para o espetáculo.

"Paz entre nos, f*** os playboys!" dispara Brown, diante de 7 mil pessoas. E tem início "Hey Boy" faixa de *Holocausto Urbano*, disco de estréia do grupo. Os Racionais seguiram entremeando musicas e "toques" de Brown. "Não perca seu tempo com nada que te faça ficar doidão. Aqui quem fala é mais um pecador tentando melhorar."

A primeira hora da manhã viu um surpreendente Ira! entrar no palco, com a matadora "Às Vezes" do novo album, *Você Não Sabe Quem Eu Sou*. Com dezessete anos de estrada, os paulistas ingressaram no clube dos que lançaram discos com elementos techno (vide Barão Vermelho e Lobão). No entanto, ao vivo soaram ásperos e energeticos – bola dentro numero dois. "Nós não vamos virar quatro DJs, estamos apenas aproveitando recursos tecnológicos para shows e disco", explica o vocalista Nasi.

A apresentação do Ira! foi aumentando em gás, entre as musicas novas e os esperados hits. Esses, por sua vez, foram rearranjados de acordo com o conceito do ultimo álbum. "Vitrine Viva" por exemplo, foi encorpada com raps de Marcelo D2 e BNegão, do Planet Hemp.

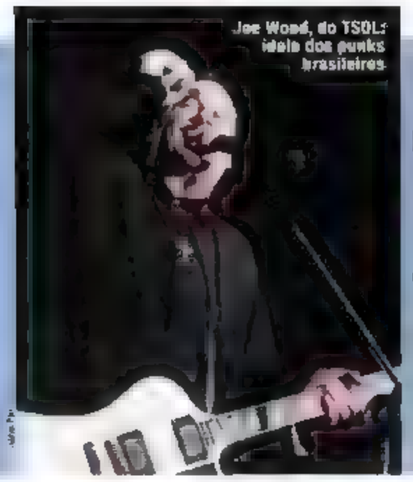
Nos camarins, Marcelo D2 comentava sobre o breve encontro com os Racionais

"Quando cheguei eles estavam sambo, tinham mais um show para fazer"– e sobre a pelada que eles vêm tentando marcar: "Da outra vez, quando fizemos um show no Rio com eles, foi a gente que furou". O Planet entrou as 2h45 da manha pegando fogo, com D2 e BNegão pulando de um lado a outro do palco.

Logo depois, como é normal nos shows da banda, um certo cansaço (mas nao desanimo) se abateu sobre musicos e publico. A platéia, no entanto, estava ganha, e D2 continuava estrebuchando ao microfone. Em "Queimando Tudo", o vocalista desceu do palco e partiu para a galera. Foi carregado, arranhado, puxado. Voltou sem manga, para mandar peças como "Porcos Fardados", "Legalize Já" e "Zeroviinteum".

O Planet tem por tradição chamar um convidado especial ao palco; em shows anteriores, por exemplo, eles já improvisaram com o Pavilhao 9. No Aramaçan foi a vez dos recifenses do Faces Do Subúrbio lecharem a noite. Juntos, os dois grupos mandaram "Homens Fardados". Tiger, um dos rappers visitantes, não se fez de rogado: foi ao chão em evoluções de break. Marcelo D2 e companheiros ainda voltaram para "Mantenha O Respeito", encerrando a noite do rap'n'roll.

Ao vivo, Edgard Scandurra e o Ira! dispensam o techno e abraçam o rock'n'roll


Joe Wood, do TSOL: ídolo dos punks brasileiros

Saudade punk

AGENT ORANGE E TSOL
Olympia (SP), 2/06

São Paulo reviveu uma época singular do punk rock californiano, os anos 80, quando o gênero era livre das misturebas atuais. O motivo dessa "saudade não tem idade" punk foi a apresentação de duas grandes bandas: Agent Orange e TSOL.

Primeiro a subir no palco, o Agent atacou com o material do novo CD *Virtual Indestructable*. Depois navegou por temas instrumentais que exercitam influências explicitas do pai da surf music, o guitarrista Dick Dale. Unico remanescente da formação original, Mike Palm (vocais e guitarra) e seus assecias (Sam Bolie, baixo; Charlie Quintana, bateria) tocam e cantam bem, têm presença no palco, são melodiosos na medida exata. Dignidade não se acha em qualquer esquina.

O TSOL não fez por menos. Mandou um set de encher os olhos. Estava tudo lá: "Sixteen", "Art And Run", "Colors", "The Name Is Love", "It's Too Late". O grupo constroi seu som com três guitarras, abrindo caminho para o indefectivel registro de trovão do guitarrista-vocalista Joe Wood. Após o hino "Flowers By The Door", cantado em uníssono pelo publico, um Wood comovido agradeceu o apoio recebido no Brasil, onde provavelmente o TSOL é mais popular que nos EUA.

Quando tudo caminhava para um *gran finale*, Wood convidou Chorão, vocalista do Charlie Brown Jr., a subir no palco. O brasileiro respondeu à hostilidade do publico com um festival de baixarias: brindou a mãe dos presentes com todos os adjetivos possiveis; colocou dedo em riste; ameaçou exibir sua genitália e cuspiu repetidas vezes nas primeiras filas.

Wood cutucou o vocalista para continuar a canção, mas Chorão repetiu os desaforos: "Otarios, pagaram pra entrar e me ver aqui, eu vou gravar com os caras. Vou descer aí e encarar um por um". Após mais alguns perdigotos, ele não cumpriu a promessa, saiu do Olympia à francesa, antes do fim do show.

Sucessos e piadas impagáveis na voz

RITA LEE – ACÚSTICO MTV
Teatro João Caetano (Rio), 4/06

Tia Rita dispensa receitas de sucesso, é bruxa para mais de um caldeirão de rocks do mal. Mas a idéia era boa e o repertório, infalível, escolhido pelos fas internautas. E lá foi ela para o Rio gravar um *Acustico MTV* recheado de participações especiais, a poção mágica que tanto fez pela carreira dos Titãs. No mesmo batvocal (Teatro João Caetano), talvez supersticiosamente marcado. "Psicodélica, roqueira, maconheira, ligada! E agora... desligada!" Assim anunciou a apresentadora Astrid Fontenele.

Rita entrou comentando o frio, dizendo que parecia São Paulo. Estava em casa, logo, podia esculhambar. "Só tem convidado. Convidado não costuma aplaudir, né?" Desafiada, a platéia aplaudiu. Foi a primeira de umas quarenta salvas de palmas, motivadas pelo roteiro, que incluiu dezenove musicas (quase todas repetidas), e impagáveis piadas. "Eu não preciso de um pó?... De arroz...", maliciou, antes de encarar os rauisexismos de "Gita". Depois de três malsucedidas tentativas de chegar ao fim da musica sem errar, ficou a impressão de que nenhum pirlimpimpim seria capaz de desfazer a mandinga do autor da letra, Paulo Coelho.

Bem, nessa, Rita nao pegou no tranco. Nos dois takes de "Desculpe O Auê", Paula Toller não entrou na marcha da anfitriã e do acordeão de Oswaldinho. A *salerosa* inedita "M Te Vê", com referências datadas aos "vagabundos" de FHC, também dificilmente chega a setembro (data de lançamento do CD e do video) em condições de rodar. No mais, foi ligação direta. Emoldurados pelas cordas regidas pelo maestro Eduardo Souto Neto, os arranjos de Roberto de Carvalho abriram espaços para o baixo/alma de Lee Marcucci, a segurança do guitarrista Beto Lee (21 anos, herdeiro) e a voz da estrela.

Sim, Rita Lee cantou bem, muito bem. Em momento algum ameaçou pagar o que genialmente chamou de "mico Nara Leão". Em "Mania De Você", serpenteou diálogos em vocalise com, pasmem, o gogó bento de Milton Nascimento. Foi o momento supremo da noite. Rita ensaiou movimentos bucais oticos entre o "você me dá..." e o "...agua na boca". Inventou um "nada melhor do que nada na cuca /Só pra dentar e rolar com Bituca" e deu o bote, terminando com um bonito selinho. Milton ainda conseguiu se superar na segunda versão gravada. Saiu campeão de apiausos.

Vestidos de preto, os Titãs também foram bem na matadora "Papai, Me Empresta O Carro". O maestro da Tropicália, Rogerio Duprat, emprestou à inédita "O Gosto Do Azedo", de Beto Lee, aquela ousadia época que continua soando ousada. Armandinho brilhou no bandolim em "Balada Do Louco", unica mutante do repertório, e Oswaldinho superou todas as expectativas, *piazzolando*, mestre, "Nem Luxo, Nem Lixo".

Cássia Eller? Quase roubou a noite – e nem foi cantando... Rita brincou com seu cabelo verde, "de passarinho", e ouviu: "Ih, quer ver meu passarinho?" Mais na frente, Cassião arrematou: Eu sou espada, p****!"

Pedro Só

Eddie: cantor novo, hits antigos e a eterna recriação da guitarra

MUSEU OBRIGATÓRIO

VAN HALEN
Madison Square Garden (Nova York), 22/05

Conhecendo o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), é possível ver um Van Gogh. Passeando pela ilha em que se localiza a Estátua da Liberdade, depara-se com o acervo permanente do museu que retrata a saga dos imigrantes que chegaram à terra do Tio Sam na virada do século. Visitando o Madison Square Garden, no dia 22 de maio passado, podia-se assistir a um espetáculo digno de museu. Só que esporrento e empolgante, apesar de datado.

O Van Halen lançava seu novo CD, *III*. Além da dupla de holandeses de berço no comando, Alex (bateria) e Eddie (guitarra) e do *yankee* Michael Anthony (baixo), Gary Cherone (ex-Extreme) assume os vocais, posto que já pertenceu a David Lee Roth e Sammy Hagar. Com 70% da lotação do Madison tomada por fãs com média de idade superior a 20 anos, o quarteto surgiu em cena sob os riffs detonadores da clássica "Unchained".

Cenografia móvel, mas simples, caixas de som em profusão nas laterais do palco, luz correta para abrilhantar e não ofuscar a presença dos músicos, o Van Halen entrou no palco com gás de adolescente. Emendou duas pancadas do novo CD – o peso cadenciado de "Without You" e a pop rítmica "One I Want". Em mais de 90 minutos de espetáculo eles só fizeram reafirmar o que mostraram nessas três canções. Cherone exibiu potência vocal para encarar petardos como "Dance The Night Away", citando em sua evolução permanente pelo palco adereços coreográficos herdados de George Michael e Freddy Mercury. É presepeiro, mas esta banda nunca teve como meta atuações zen-budistas.

Michael Anthony serviu de escada para as estripulias instrumentais do companheiro de cordas. Assumiu os vocais na longínqua "Somebody Give Me A Doctor", enquanto socava seu baixo. Não fosse irmão do gênio Eddie, o baterista Alex seria melhor lembrado pela história do rock. Conciliar técnica e peso de forma equilibradíssima como fez na nova "Fire In The Hole" e no hit "Why Can't This Be Love".

Eddie Van Halen continua recriando seu instrumento. Não com o mesmo impacto da época do primeiro disco (de 1977), quando introduziu técnicas inéditas para a guitarra. A plateia gritou "Eddie" várias vezes no intervalo entre as canções. O ídolo respondeu citando "Eruption" num de seus solos e mostrando possuir três braços – o da guitarra parece uma extensão de seu corpo. O sujeito é pesado, inventivo nos *riffs*, superveloz nos solos e ainda usa acordes aranha, daqueles com diminutas e tal, onde a mão parece ficar enredada entre as cordas. No caso dele, só parece.

Foram dois bis, com "Panama" e "Jump" (ambas de *1984*, álbum que marcou a primeira saída de David Lee Roth do grupo), levando o público ao delírio. O Van Halen sabe como poucas bandas, apresentar-se ao vivo. Lá estão todos os clichês do rock, R-O-C-K com maiúscula, vocalista ensandecido, cozinha pesada e infindáveis solos.

O conterrâneo holandês Van Gogh cortou a orelha. Eddie Van Halen parece estar surdo para as novidades do *showbiz*. Mas a visita ao museu continua obrigatória.

Bráulio Neto

Steve Winwood arrasou

Dinossauro à toda prova

STEVE WINWOOD
Top Cat Blues Festival – Metropolitan (Rio), 30/05

Quem não foi não sabe o que perdeu. O currículo de Steve Winwood é mais do que respeitável: o tecladista, guitarrista e cantor passou por Spencer Davis Group, Blind Faith e Traffic, desenvolvendo depois disso uma carreira solo respeitável. No palco, ele honrou o passado e mostrou que está inteiraço – e acompanhado por uma senhora banda.

Foi uma viagem desde "Gimme Some Lovin'" e "I'm A Man", dos tempos de moleque no Spencer Davis Group, passando por "The Low Spark Of High Heeled Boys", clássico do Traffic, e "Can't Find My Way Home" (tocando guitarra, numa versão que não ficou devendo nada à de Eric Clapton) até "Higher Love" e a atual fase carregada de uma *latinidad*.

E Steve ainda surpreendeu com uma bela versão de "It's A Family Affair", de Sly Stone (incluída no seu último disco, *Junction Seven*). Aos 50 anos, o homem é um dinossauro, mas daqueles que resistiram firmes e fortes ao grande dilúvio.

Charme soturno

GARBAGE
Roseland (Nova York), 28/05

Luxo. Talvez esta seja a melhor tradução para o som que chega às esquinas da cultura pop. E isso não é necessariamente sinônimo para algo desgastado. Pelo menos no caso da banda americana Garbage. Depois de vender 4 milhões de discos com seu homônimo trabalho de estreia, o grupo lançou *Version 2.0*, com a apresentação no Roseland, em Nova York, uma casa para dançar de rosto coladinho, ao som de orquestra.

O mentor intelectual do Garbage, Butch Vig, que ostenta no currículo a produção de *Nevermind*, do Nirvana, soube (des)articular conceitos para montar seu Frankenstein. Também baterista, ele recolheu cacos da atitude punk – o quarteto parece tocar mais para si do que para a plateia – e pedaços do arquetípico roqueiro: guitarra, baixo e bateria com uma vocalista carismática à frente.

A escocesa Shirley Manson esbanja um charme soturno e se exalta em canções como "I Think I'm Paranoid" (do novo CD). O Garbage alterna aceleração com docilidade. "Medication", balada inspirada de *Version 2.0*, ficou linda no palco. O mesmo acontece com os timbres sombrios de "Milk". A prévia para o bis foi dada com "Only Happy When It Rains", que recebeu aplausos entusiasmados.

Ao vivo, o Garbage padece por ser híbrido. Melhor seria que os quadris do público tivessem reverenciado o quinteto ali na hora. Mas, pelo menos desta vez, a distância entre pista para dançar e palco para se apresentar não foi equacionada pela banda. Bem, leve-se em conta que era show de disco novo. Mas parece que o Garbage está fadado a ser mais ouvido do que visto. Uma heresia, tratando-se do Roseland.

B.N.

O carisma de Shirley Manson à frente do Garbage

NEW BACKSTREET BOYS ON THE BLOCK

O amor das adolescentes não é para sempre. E a fábrica de ídolos não pode parar...

por LETÍCIA CALMON

A história é bem conhecida: "empresário monta grupo de meninos que cantam e dançam". Os Backstreet Boys são os bonitinhos da vez e repetem passo a passo a trajetória de New Kids On The Block, New Edition, Take That, Menudo – e também dos brasileiros Dominó e Polegar.

O responsável pelo surgimento das novas faces angelicais é Johnny Wright, que já tinha inclusive trabalhado com o New Kids. Com essa experiência acumulada, o empresário espera não repetir os erros que apressaram a decadência dos "novos garotos". Em vez de lançar o Backstreet no país natal (EUA), ele apresentou o grupo primeiro aos europeus e canadenses. O contato com o público americano só veio depois que foi conseguida uma vendagem mundial de 12 milhões de discos.

Outras providências tomadas por Wright: os integrantes estão aprendendo a compor e tocar instrumentos. O empresário também cuida para que não fiquem dúvidas junto às fãs sobre a heterossexualidade dos cinco rapazes, que no momento estão excursionando pelos EUA e Canadá. Os projetos futuros para o grupo incluem a gravação do terceiro disco até novembro e uma turnê mundial em 1999, que deve passar pelo Brasil.

Entretanto, por mais que Wright tente evitar o desaparecimento precoce dos Backstreet Boys, sua missão parece impossível. Quem explica o motivo é a voz da experiência. "Não adianta inventar. As meninhas vão crescer e se desinteressar, de um jeito ou de outro", sentencia o ex-New Kid Donnie Wahlberg. »»

AJ
(Alexander James McLean)
tem 20 anos e é o responsável pela maior parte das letras do grupo. Consequentemente, cabe a ele o papel de "sensível" entre os rapazes. Faz questão de divulgar que até hoje chora compulsivamente a morte de uma namorada, ocorrida há sete anos.

Howie D.
(Howard Dorough)
24 anos, filho de porto-riquenha, é o representante das atuais "latino-americanas" dentro do grupo. Não por acaso, foi o escalado para visitar o Brasil em junho – sozinho – em turnê.

Kevin Richardson
25 anos, atrai o público mais "adulto". É o perfeccionista e organizado, "o careta" dos BSB. Foi descoberto quando trabalhava como guia turístico na Disneyworld. Ao [illegible] uma vaga para o primo Brian, que cantava em corais de igreja.

Nick
(Nicholas Carter)
18 anos, é o fofinho. As fãs o acham parecido com Leonardo [illegible]. Por via das dúvidas, ganha duas músicas sozinho no próximo CD.

Brian Littrell
23 anos, puxa pelos corações frágeis das meninas. Passou por um intenso drama há dois meses sofrendo de um problema cardíaco congênito, precisou ser operado. Imita, desde criança, os New Kids, e trata com especial carinho e atenção as fãs deficientes.

REJEITADOS OU RECICLADOS, ELES RESISTEM

DOMINÓ

DURAÇÃO:
Catorze anos (de 1984 até hoje)

ERA UMA VEZ:
De olho nos Menudos e seu sucesso, Gugu Liberato resolveu investir numa versão brasileira. Recrutou, entre 150 candidatos, quatro jovens cantores e dançarinos. Eles lançaram sete álbuns que venderam um milhão de cópias. Em 1994 começou uma nova fase, com outra formação. No ano passado estouraram com o disco *Convido* lá fora (shows de Portugal até a Turquia, do Líbano à Tunísia). O single "Baila, Baila Comigo" ficou em quinto lugar na parada francesa. Fazem 25 shows em média por mês e andam direto por Espanha e França.

LEGADO CULTURAL:
• Sucessos inesquecíveis, como "Companheiro" ("Companheiro, vem/ Vem no balanço do mar"), "Manequim" e o desabafo trash "Tô P... Da Vida" regravado a sério por Fafá de Belém.
• Afonso Nigro participou de novelas e acaba de lançar o CD *Mistério*. Inclui músicas de Ed Motta, Lulu Santos e Marina em seus shows.
• Rodrigo Faro, da segunda formação (1991-94), trabalha como ator desde criancinha. Faz *Malhação* e é elogiado.

QUE FIM LEVARAM?
• Nil, 27 anos - Foi o primeiro a pular fora, em 1990, para tentar carreira solo. Hoje é pastor e apresenta programas evangélicos.
• Marcos, 26 anos - É empresário da apresentadora Eliana.
• Marcelo, 27 anos - É dono de uma empresa de motoboys.

TAKE THAT

DURAÇÃO:
Cinco anos (de 1991 a 1996)

ERA UMA VEZ:
O empresário Nigel Martin-Smith montou o grupo reunindo as duplas The Cutest Rush (Gary Barlow e Mark Owen) e Street Beat (Jason Orange e Howard Donald) e recrutando Robbie Williams por meio de um anúncio de jornal. A beleza dos garotos e suas performances sensuais os transformaram em ídolos tanto do público hetero como de homossexual. O sumiço temporário de Robbie Williams em julho de 1995 e seu reaparecimento fumando e bebendo com o Oasis num festival acabou provocando sua saída e um conseqüente desgaste, confirmado com o fim do Take That, em fevereiro do ano seguinte.

LEGADO CULTURAL:
• "Back For Good" recebeu elogios da crítica inglesa e rendeu a Gary Barlow, o compositor, comparações com Elton John.
• Gary Barlow, 27 anos, considerado o novo George Michael (é ex-gordinho como George). *Open Road*, primeiro álbum solo de Gary Barlow, rendeu hits como "So Help Me Girl" e "...love Won't Wait", composta por Madonna para ele.
• Robbie Williams, 24 anos, o "Keith Richards" do Take That. Internou-se numa clínica de reabilitação em 1997. Na saída, seu disco solo, *Life Thru A Lens*, estourou. Este ano concilia turnê com gravação do segundo disco.

QUE FIM LEVARAM?
• Mark Owen, 26 anos, lançou o álbum *Green Man* em 1996. Howard Donald, 30 anos, lançou o single "Speaking Without Words" em 1997. Jason Orange, 28 anos, virou ator.

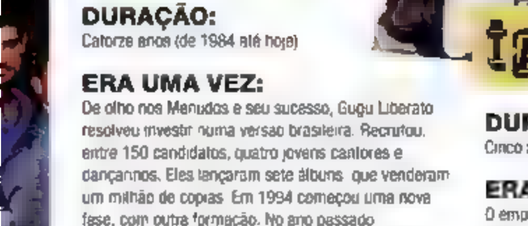
NEW KIDS ON THE BLOCK

DURAÇÃO:
Nove anos (1985 a 1994)

ERA UMA VEZ:
Depois de montar o New Edition, o empresário Maurice Starr decidiu inventar uma versão branca do grupo. O primeiro disco naufragou e o nome Nynuk foi trocado para New Kids On The Block. E o sucesso veio com *Hangin' Tough*, de 1988. Segundo a revista *Forbes*, eles foram os artistas mais bem pagos do mundo em 1990 (receberam 78 milhões de dólares) e 1991 (115 milhões de dólares). Em decadência, em 1993, mudam o nome mais duas vezes: primeiro New Kids e depois NKOTB. Em junho passado, houve a Block Party, um encontro anual de fãs. Só quinze meninas apareceram, sepultando os planos de uma cogitada volta.

LEGADO CULTURAL:
• O megahit "Step By Step" e
• O *bad kid* Donnie Wahlberg, 29 anos, virou produtor e ator. Fez seis filmes, entre eles *O Preço do Resgate*, com Mel Gibson. Seu irmão, Mark Wahlberg, que ensaiou dois meses como new kid e tentou a sorte como rapper (com o nome Marky Mark), é hoje respeitadíssimo como ator. Atuou no elogiado *Boogie Nights*.

QUE FIM LEVARAM?
• Joe McIntyre, 26 anos, vai lançar seu segundo CD.
• Jordan Knight, 28 anos, lança álbum solo ainda em 1998.
• Jonathan Knight, 30 anos, trabalha num banco em [illegible].
• Danny Wood, 28 anos, cuida de crianças carentes perto de Boston.



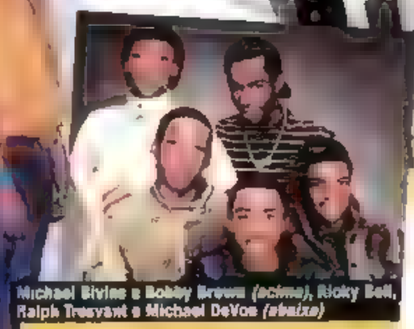
MENUDO

DURAÇÃO:
21 anos (de 1977 até hoje – eles nunca terminaram!)

ERA UMA VEZ:
Grupo porto-riquenho cujos integrantes eram substituídos ao completar 16 anos. Trinta e três meninos gravaram em cinco línguas 31 discos (mais de 20 milhões vendidos). Desde 1992 a grafia mudou para MDO e agora não há mais degola aos 16 anos.

LEGADO CULTURAL:
• Hits que não querem calar, do quilate de "Não Se Reprima", "I'll You're Not Here" e a rebelde "Doces Beijos" ("Já não presto atenção na aula/ Não suporto mais o professor...").
• "1, 2, 3... baila salsa y merengue/ Maria..." Ricky Martin, 26 anos, lançou quatro discos solo e é modelo de Armani. Sua música "The Cup Of Life" foi tema da Copa da França. Adivinhem quem produziu o hit "Maria"? Robbi (ou Robbie, Robi, Robby) Rosa, 29 anos. Ele teve uma banda de rock, Maggie's Dream (que chegou a abrir shows do Faith No More no Brasil), trabalhou, como ator e atualmente procura alguém para bancar seu novo disco.

QUE FIM LEVARAM?
• Em maio, os veteranos Charlie, Ricky Melendez (o antecessor de Ricky Martin), Ray e mais Miguel Johnny e René lançaram *El Reencuentro*, álbum duplo ao vivo com antigos sucessos. Estão em turnê e podem vir ao Brasil em 1999, pelo fim do milênio.
• Charlie Rivera, 28 anos, fez novelas mexicanas, quatro álbuns solo e entrou para o grupo de merengue Kaos.
• Ray Reyes, 28 anos, reagrupou-se com outros ex-Menudos no Proyecto M, há dois anos. Dois álbuns solo.
• Roy Rosello, 29 anos, morou no Brasil no fim dos anos 80, quando apresentou o programa *Frente Jovem* na Record.
• Ricky Melendez, 30 anos, trabalha em Porto Rico como advogado.



NEW EDITION

DURAÇÃO:
Cinco anos (de 1983 a 1988). Voltaram em 1996 com um disco fracassado (*Home Again*) e uma turnê da qual Bobby Brown pulou fora depois de alguns meses.

ERA UMA VEZ:
Em 1983, cinco colegas negros de uma escola nos arredores de Boston foram descobertos por Maurice Starr e submetidos a ensaios de seis horas por dia, cinco vezes por semana.

LEGADO CULTURAL
• Os hits "Candy Girl" e "Is This The End?", na cola do Jackson 5 (também inspiração para o Hanson).
• Bobby Brown, 32 anos, saiu do grupo em 1986 para uma bem-sucedida carreira solo. *Don't Be Cruel*, de 1988, vendeu 6 milhões de cópias e é considerado um dos melhores trabalhos da música negra americana recente.
• Bell Biv DeVoe, o grupo formado em 1988 por Ricky Bell, 31 anos, Michas. Bivins, 30, e Ronnie DeVoe, 31, estourou logo em seguida com o disco *Poison*, aclamado como um marco numa nova escola de música negra dançante, o new jack swing.

QUE FIM LEVARAM?
• Bobby Brown está se divorciando de Whitney Houston. Ele já foi preso por agredi-la e por dirigir bêbado. Seu último disco foi um fracasso.
• O último trabalho do Bell Biv DeVoe, de 1993 (*Hootie Mack*) também foi duramente criticado. Mas Michael Bivins se tornou um produtor de sucesso desde que descobriu o multimilionário grupo vocal Boyz II Men.
• Ralph Tresvant, 30 anos, lançou dois álbuns solos, *Ralph Tresvant*, de 1990, e *It's Goin' Down*, de 1993, e praticamente sumiu.
• Johnny Gill, 33 anos, substituto de Bobby Brown, segue discreta carreira solo.

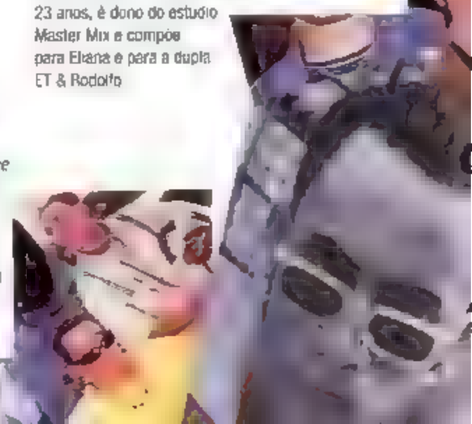
POLEGAR

DURAÇÃO:
Treze anos. De 1985 até hoje.

ERA UMA VEZ:
Outra obra de Gugu Liberato. Lançaram três discos e estão finalizando o quarto, que sai no meio de agosto sem o comando do apresentador de TV. Fizeram shows em Miami, Orlando, Caribe, Argentina, Uruguai e Paraguai. Estão meio por baixo.

LEGADO CULTURAL
Deixaram o hit "Da Pra Mim".
Participaram de *Uma Escola Atrapalhada*, último filme do inesquecível trapalhão Zacarias.

QUE FIM LEVARAM?
Quase todos os integrantes atuais têm projetos paralelos. Alan, 25 anos, (teclado e vocais), estuda Medicina e tem uma agência de publicidade. O baterista Ricardo, 27 anos, mora em Presidente Prudente (SP) e trabalha numa rádio AM sertaneja. Marcelo, 22 anos (vocais e guitarra), tem uma empresa de representação de edredons, toalhas, panelas e roupas. André, 20 anos, guitarra e vocal, faz jingles. Só o baixista Denis, 21 anos, é exclusivo.
• Rafael, 25 anos, que ficou famoso pelos problemas com drogas e o namoro com a atriz Cristiana de Oliveira ("ela segurou a maior barra", conta), entrou para a igreja Messiânica. Mora no interior de São Paulo, onde faz agricultura natural e ajuda dependentes químicos. Alex Com 23 anos, é dono do estúdio Master Mix e compõe para Eliana e para a dupla ET & Rodolfo.



+Bizzes

Angra: Kiko Monteiro, Luis Mariutti, André Matos, Ricardo Confessori e Rafael Bittencourt *(da esq. para a dir.)*

Produção de luxo para o Angra

Sai em setembro o terceiro disco de estúdio do Angra, *Fireworks*, gravado e mixado em Londres. A repercussão internacional que a banda vem conseguindo garantiu ao CD um lançamento mundial, com excursão por Argentina, Brasil e Chile ,a partir de outubro; Japão, em dezembro; e Europa, no ano que vem. Segundo o vocalista André Matos, o Angra faz nesse trabalho uma retomada ao começo da carreira, quando tinha um som mais pesado.

Como você compara *Fireworks* com os discos anteriores?
O Angra continua sendo o Angra, mas esse disco vem um pouco mais heavy metal, como nas origens. O próprio fato de ter o Chris Tsangarides como produtor mostra que a idéia era fazer um disco pesado. As pessoas perguntavam "como é que vocês são tão mais pesados ao vivo do que no estúdio?" Quisemos captar no estúdio esse lado das apresentações ao vivo.

O que definiu a escolha de Chris Tsangarides *(produtor de Judas Priest, Ozzy Osbourne, Black Sabbath)* como produtor?
Ele era um dos primeiros nomes de nossa lista, embora não o conhecêssemos pessoalmente. Resolvemos escolher um estrangeiro porque é difícil achar alguém no Brasil que seja bom produtor de metal.

Por que vocês resolveram gravar em Abbey Road?
O Abbey Road foi construído em 1931, mas continua sendo um dos estúdios de melhor acústica do mundo. O estúdio 2 é imenso, do tamanho de um ginásio de basquete, e dá para colocar uma orquestra inteira *(cinco das faixas têm arranjos orquestrais)*.

Tudo isso elevou o custo de gravação do disco a quanto?
Acho que a produção do CD passa de 200 mil dólares. Estou feliz por ter batalhado e conseguido chegar nesse nível de produção.

Alguma razão especial para o primeiro single se chamar "Lisbon"?
Essa música tem esse nome por causa de coisas que aconteceram quando tocamos lá. Fala da vida de uma mendiga que pedia esmola na catedral de Lisboa. Tudo aquilo que ela me falou foi o que eu tentei transmitir na música. Começa com um teminha de fado.

Björk e Prodigy no Close Up

Björk volta ao Brasil em agosto

A terceira edição do **CLOSE UP PLANET** acontece de 20 a 22 de agosto em São Paulo e no Rio de Janeiro. Prodigy e Björk estão confirmados e os organizadores estão atrás de Racionais MC's, da Nação Zumbi e de um outro grande nome internacional – que pode ser o Foo Fighters. No Rio, as apresentações devem acontecer nos dias 20 e 21, no Lagoon. Não foi confirmado o local que sediará a edição paulista do festival, que é mais do que completo: além dos artistas, o Close Up monta um circo de atrações, com jogos virtuais, barraquinhas de CDs e bandas nacionais fazendo os shows de abertura.

Skol Rock 98 passa por oito cidades

No próximo dia 1º começa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o Skol Rock 98. Em cada uma das etapas, oito bandas iniciantes dividirão o palco com dois veteranos (Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Lulu Santos, Kid Abelha, Marcelo D2 & Nação Zumbi e O Rappa vão se revezar nas apresentações). Ainda em negociação, Red Hot Chili Peppers e Rage Against The Machine estão cotados para shows extras no Rio de Janeiro (12/9), São Paulo (7/11) e Curitiba (21/11) – completam o roteiro do festival Bauru (8/8), Campinas (20/8), Recife (26/9) e Blumenau (10/10).

Jim e William Reid: incontinência verbal

BOCAS DO INFERNO

Muito antes de Noel e Liam, dois irmãos brigões, beberrões, arrogantes e talentosos deixaram sua marca no rock do Reino Unido. Os escoceses Jim e William Reid, do **JESUS & MARY CHAIN**, estão lançando um álbum após quatro anos em silêncio. Saudado como o melhor trabalho da carreira deles desde *Honey's Dead* (de 1992), o novo *Munki* não poupa ironias. "Adoro a MTV /Adoro quando eles defecam em mim", diz a faixa "I Hate Rock'n'Roll". Nas entrevistas, Jim vai mais fundo, dando uma aula de insultos aos colegas do Oasis. Confira:

Rolling Stones
"Foram a melhor banda de blues do mundo, mas deviam ter parado no começo dos anos 70."

Kurt Cobain
"Eu disse que ele era uma fraude. Mas, depois do suicídio, mudei de opinião."

Smiths
"Sempre odiei essa banda. Masturbação indie."

Sex Pistols
"Foram relevantes só durante um ano e meio."

Faces do Subúrbio: da periferia ao caos

RAPERNAMBUCO

Eles já foram expulsos do palco pela polícia e recebidos pelo governador de Pernambuco. Cresceram em bairros periféricos de Recife e são cabeleireiros, serigrafistas e ambulantes. A banda de rap **FACES DO SUBÚRBIO** chega agora ao mercado fonográfico pelas mãos de Mazzola. O produtor deu um acabamento melhor ao CD independente gravado no ano passado e está lançando o álbum *Faces do Subúrbio* pelo seu selo MZA. Tendo começado em 1992 nas rodas de break, o Faces põe o pé no mangue através das participações especiais de Fred 04 (mundo livre s/a) e dos cantadores Caju e Castanha. "Começamos a perceber que o rap tinha tudo a ver com a embolada, a batida é idêntica, a rima, o improviso", diz o cantor Tiger.

Perseguido pelas drogas

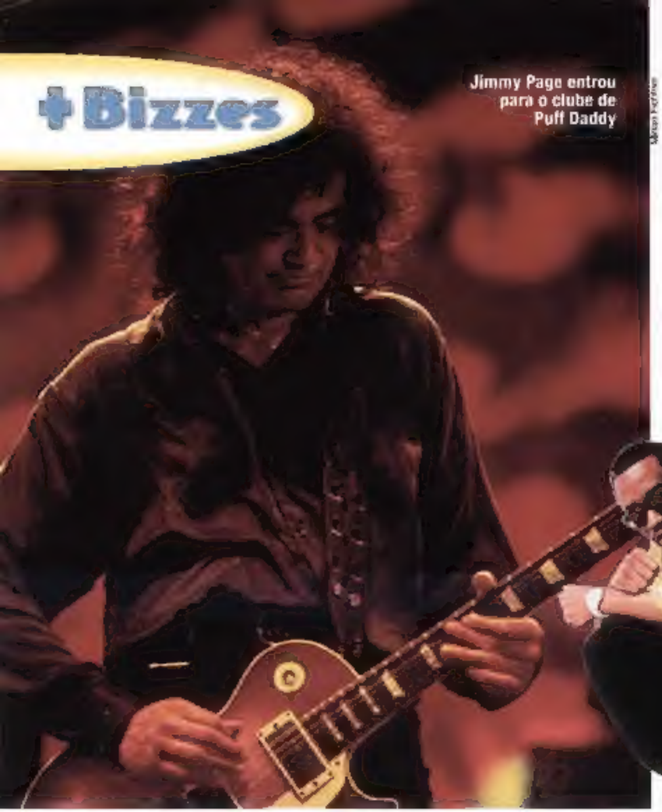
Sem nome definido, mas com lançamento marcado para o final de agosto (nos Estados Unidos), o quarto álbum do **MARILYN MANSON** incluirá as músicas "Dope Show" e "I Don't Like The Drugs, But The Drugs Like Me" (eu não gosto das drogas, mas as drogas gostam de mim). O disco traz ainda as guitarras de Dave Navarro, ex-Red Hot Chili Peppers, e os gemidos das atrizes pornô Kobe Tai e Dyanna Lauren.

Marilyn Manson está virando sinônimo de droga

Túnel do Tempo

Quando surgiu, em 1988, com 16 anos, à frente da Conexão Japeri, **ED MOTTA** chamou a atenção pelas semelhanças com o tio Tim Maia. A voz, alguns traços do rosto e o físico robusto atestavam a herança genética. Se o tempo se encarregou de refinar o seu talento, também foi implacável com os cabelos.

+Bizzes



Jimmy Page entrou para o clube de Puff Daddy

Monstro do rock

"Se me dissessem que eu trabalharia um dia ao lado de Jimmy Page e de uma orquestra numa regravação do Led Zeppelin, certamente diria que o autor da profecia estava maluco", confessa **PUFF DADDY**, um ex-arruaceiro de Nova York que se transformou no produtor mais bem-sucedido da história do rap. Acusado pelos críticos de usurpar hits do rock (colocou umas falas em "Every Breath You Take", do Police, para transformar a música na milionária "I'll Be Missing You"), ele realmente trabalhou com Page e orquestra numa releitura do Led. Os dois assinam "Come With Me", canção da trilha do filme *Godzilla*, que nada mais é que um rap encaixado em "Kashmir", clássico do quarteto britânico.

"Faz parte da minha profissão de músico trabalhar com gente nova", justifica o guitarrista inglês, que apenas adicionou alguns floreios à batida treme-terra original. Daddy confessa: "Nem mexi na música, aquele som tem tudo a ver com o hip hop". Durante a gravação, Page garganteou: "Vamos ao topo, Puff!" A trilha do filme (que também inclui Jamiroquai e uma versão de "Heroes" com os Wallflowers) vai bem, mas *Godzilla* não rendeu metade do esperado.

Vinte anos de 1001

Na virada dos anos 70 para os 80, **JERRY DAMMERS** comandou a onda britânica de ska, liderando o grupo Specials e a gravadora 2-Tone. Aos 44 anos, sem fazer discos desde 1984 e com o selo falido desde 1986, Jerry continua com o desfalcado sorriso 1001. O evento de maior sucesso do verão londrino foi o Madfest, show de reunião do grupo Madness. E, mesmo fora da versão ressuscitada dos Specials que circula pelos EUA, ele começa a ser novamente requisitado como DJ e produtor.

Bagulho novo

Os **VIRGULÓIDES** estão longe de reclamar do sucesso de "Bagulho No Bumba", mas resolveram evitar a fórmula do hit no segundo disco, *Só Pra Quem Tem Dinheiro?* "As letras eram mais sacanas e o pessoal acabou não valorizando a música", explica o cantor e guitarrista Henrique Lima. Animada com a boa vendagem da estréia do trio – *Virgulóides?* chegou às 170 mil cópias – a PolyGram resolveu dar tratamento de primeira à banda, passando a produção para o midas Liminha. Henrique chegou a se assustar: "Fiquei com medo que ele quisesse transformar o som da gente, tirando nossa bateria, atenuando o lance de rock com partido alto. Mas não teve nada disso. Ele ouviu e falou: 'legal'."

No primeiro disco, por influência do produtor Carlos Eduardo Miranda, que queria estabelecer uma identidade sonora clara, a ênfase ficou na mistura do punk com samba. Dessa vez, o resultado é mais variado. Há o samba puro de "Alcoólatra da Fumaça", com Bezerra da Silva, o rock-"protesto" de "Musiquinha de Amor" (contra as babas que infestam as rádios), influências de reggae e funk.

Paulinho, Henrique e Beto, dos Virgulóides, gravaram com Liminha

Forró atômico

A banda pernambucana **MESTRE AMBRÓSIO** finaliza o primeiro disco pela Sony. Produzido pelo iugoslavo Suba (Mittar Subótic) e por Antoine Midani, o CD tem participações de Dominguinhos, Naná Vasconcelos e Lúcio Maia, da Nação Zumbi. A mixagem do "college forró" será feita em Nova York, no estúdio do compositor minimalista Phillip Glass. Além de material inédito, vão ser incluídas três canções do álbum de estréia que foi lançado pelo selo independente Rec Beat: "Pé De Calçada", "Se Zé Limeira Dançasse Maracatu" e "Usina".
(Carlos Freitas)

DEMOcracia

Mukeka capixaba

A Mukeka de Rato é indigesto no bom sentido

"A gente faz um hardcore ruim pra cacete." Apesar da confissão do vocalista Fábio Mozine, a **MUKEKA DI RATO** está conseguindo chamar atenção com suas letras inteligentes e sarcásticas.
Com esses predicados – exibidos no CD independente *Pasqualin Na Terra Do Xupa-Kabra* –, eles impressionaram João Gordo. "Gostei do estilo de molecada retardada", qualifica o cantor do Ratos de Porão.
A retórica hardcore do grupo tem seus achados. "A beleza do pôr-do-sol que todo dia se repete/ Proporciona um lindo câncer de pele", ensina "Câncer Di Pele".
Telefone para contatos: (027) 339-2620.

Solos de Atari

RIVER RAID é uma banda nova de Recife. Não, eles não fundem rock com embolada ou guitarras com tambores, nem estão interessados em transformar o som da Nação Zumbi em gênero musical. "Já tem muita gente boa por aqui fazendo mistura", explica Dudu, baixista.

O nome River Raid vem do saudoso joguinho do videogame Atari, em que um avião enfrenta intermináveis percalços ao sobrevoar um rio. O grupo passeia pelo terreno de Sonic Youth e Pixies ao apostar no cuidado artesanal para fazer a trama de guitarras soar suja.

Apesar dos parcos oito canais do estúdio de que dispuseram, fizeram uma demo inteligente, ao aliar criteriosamente efeitos eletrônicos com a crueza rock'n'roll. Contatos: (081) 468-1223.

Nos porões do poder

Era uma vez um porão, ou, para ser mais preciso, o "subsolo do bloco A da 207 Norte" – pelo endereço já dá para saber que se trata da nossa capital federal. Atraídas pelo aluguel barato das salas, quinze bandas lá se instalaram com pequenos estúdios e transformaram o local no Porão do Rock. E, para provar que o velho ditado "a união faz a força" às vezes funciona, estão organizando um festival em conjunto.

"É para estar ao lado do Abril Pro Rock", afirma Marcelo Vourakis, vocalista do Maskavo Roots, que trocou os ensaios em uma bucólica chácara a 30 quilômetros da cidade por uma salinha no subsolo.

O Festival Porão do Rock vai acontecer em 8 de agosto, a partir das 16h, na Concha Acústica de Brasília (às margens do Lago Paranoá), com doze horas de duração. Apesar do nome do show, os estilos vão da gaita funk cheia de veneno do Engels Espíritos ao pop agridoce do Plastika. Para maiores informações, procure Ulysses Xavier no telefone (061) 347-1188.

Nascimento de uma nação

Letras de conscientização, teorias separatistas e batidas treme-terra ajudaram o Public Enemy a consolidar o rap americano

It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back
Public Enemy

Lançado há dez anos, este disco provocou a mesma revolução social que os Racionais MC's fazem hoje no Brasil. Se o adolescente branco de classe média alta se encanta com as afirmações de negritude de Mano Brown, o jovem americano da época conheceu – e aprovou – as perigosas teorias separatistas de líderes negros, como Malcolm X e Louis Farrakhan.

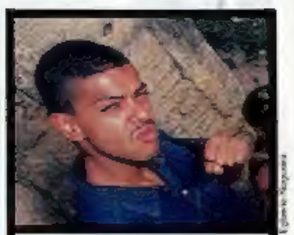
A opção pelo politicamente incorreto, porém, não tira os méritos de *It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back*, de longe o melhor trabalho do Public Enemy. É também o disco-chave do rap americano, então restrito a engraçados relatos do dia-a-dia (uma das poucas exceções foi "The Message", hit de 1980 do rapper Grandmaster Flash). *It Takes...* prega a supremacia da raça negra e aponta inimigos entre os programadores de rádio e a mídia.

As sementes do Public Enemy estão na Universidade de Adelphi, em Long Island. Foi ali que Carlton Ridenhour, estudante de desenho gráfico e disc jóquei amador, conheceu os também estudantes Hank Shocklee (depois cabeça da Bomb Squad, equipe de produção do PE) e Bill Stephney (hoje executivo da Def Jam). Os três apresentavam um programa de rádio em que trocavam idéias sobre filosofia, política e cantavam rap. Uma dessas composições, "Public Enemy Nº 1", chamou a atenção do produtor Rick Rubin, que levou o trio para seu selo Def Jam.

A trupe formou uma estrutura com leis e regras próprias, com Chuck D, no rap; Shocklee assumia o papel de empresário e Stepheney se ocupou do marketing e da promoção. Ao grupo se juntaram o DJ Norman Rogers (batizado de Terminator X) e o rapper William Drayton, ou melhor, Flavour Flav, com dentes de ouro e um bordão imbatível: os "boyeeeeee" que solta entre uma pancada e outra do DJ.

Considerado uma versão rap de *What's Going On* (clássico dos anos 70 do cantor Marvin Gaye), este é um disco repleto de batidas treme-terra ("Os radialistas não chamam rap de barulho? Então, tomem barulho", justificou o grupo). Terminator X sampleou mais de 150 composições alheias, numa lista que vai de Miles Davis e Isaac Hayes ao furioso grupo de heavy metal Slayer.

As composições estão entre as melhores já produzidas: "Don't Believe The Hype", cujo refrão virou "a frase da moda" daquele ano; "Rebel Without A Pause", recado malcriado para as rádios que se recusavam a tocar rap; "Party For Your Right To Fight" (um trocadilho oportuno com "Fight For Your Right To Party", dos Beastie Boys, na época produzido por Rubin) denuncia a perseguição promovida pelo FBI a líderes negros e reafirma os nomes de Malcolm X e Farrakhan.



"Ave, Maria! Este é o disco que tem 'Bring The Noise', 'Don't Believe The Hype' e outras músicas que iriam mudar a história do rap americano. *It Takes...* influenciou – e muito – o som dos Racionais MC's"
(KLJay, Racionais MC's)

O Public Enemy sucumbiria anos mais tarde, após discos fracos e cada vez menos populares. Flav foi preso por porte de crack e o grupo perdeu terreno para o rap bandido, que preferia glorificar dinheiro e violência. Mas *It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back* permanece intacto, melhor do que qualquer coisa feita por Puff Daddy e congêneres.

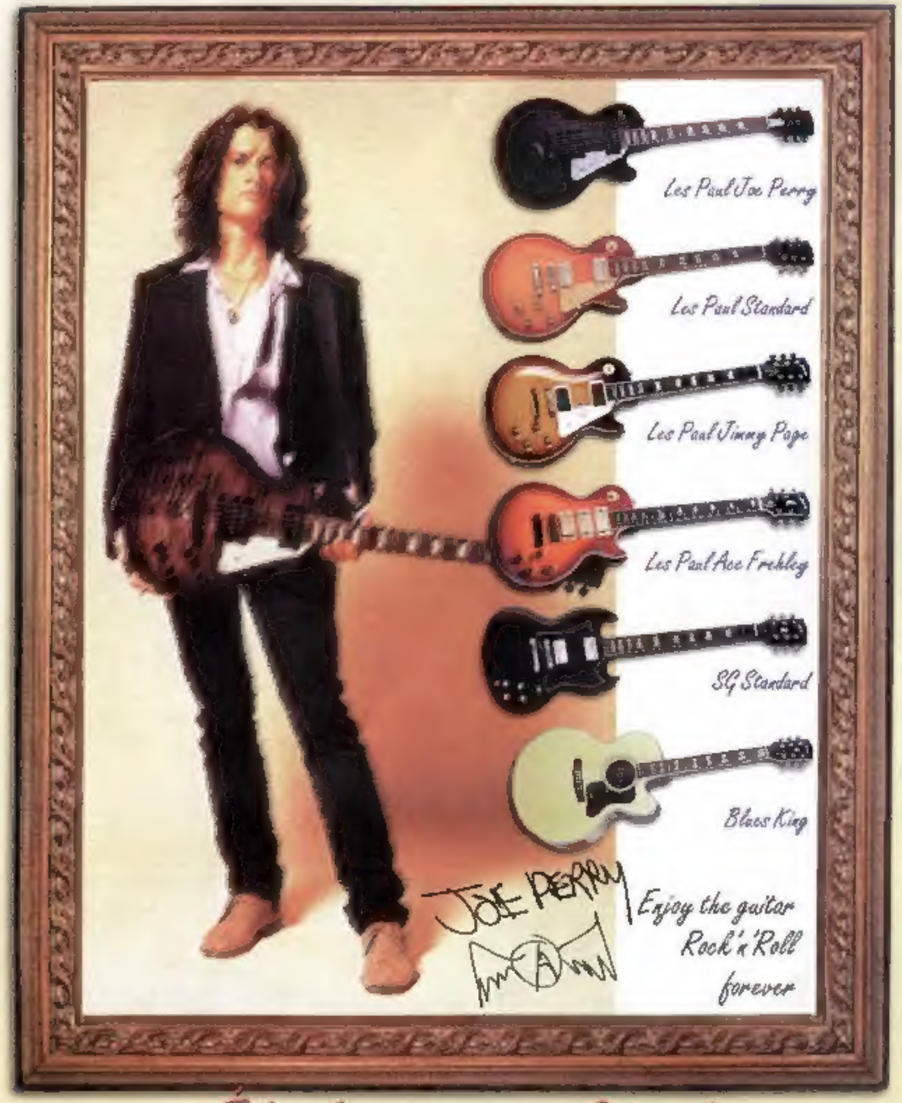
Sérgio Martins

Terminator X, Chuck D e Flavour Flav se apresentavam acompanhados por homens com roupas de exército

Performance

Ano de lançamento: 1988
Produção: Rick Rubin
Músicas: "Countdown To Armagedon" • "Bring The Noise" • "Don't Believe The Hype" • "Cold Lampin With Flavor" • "Terminator X To The Edge Of Panic" • "Mind Terrorist" • "Louder Than A Bomb" • "Caught, Can We Get A Witness?" • "Show Em Whatcha Got" • "She Watch Channel Zero?!" • "Night Of The Living Baseheads" • "Black Steel In The Hour Of Chaos" • "Security Of The First World" • "Rebel Without A Pause" • "Prophets Of Rage" • "Party For Your Right To Fight"

Gibson USA



É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

MADE IN BRAZIL
R. TEODORO SAMPAIO, 770 TEL.:(011) 3061-3131

BIG FAT MUSIC
TEL.:(021) 236-7168 236-3280

CASA BEVILACQUA
TEL.:(011) 3064-1109 240-8418

WGK
TEL.:(013) 225-4660

P.A.
RUA TEODORO SAMPAIO, 770 TEL.:(011) 3061-0404
P.A. ABC - R. Alvarez de Azevedo, 155 Centro - Santo André - SP TEL.:(011) 444-5877

SONY

CDX-4167

CDX-3167

CDX-4287

Movido A Velocidade Digital Sony

Visite nosso endereço: http://www.sony.brasil.com
Atendimento comercial: (011) 3824-0637

Sony Mobile